



FIM DE ANO

Setores projetam a abertura de sete mil vagas temporárias

Expectativa da CDL é que parte das contratações na PB seja convertida em empregos efetivos, em 2026. **Página 17**

Foto: Divulgação/Secom-PB



Casas sustentáveis beneficiam famílias do Sertão

Projeto-piloto, desenvolvido no município de Areia de Baraúnas para pessoas em situação de vulnerabilidade, oferece habitação com sistemas de energia solar fotovoltaica e de reaproveitamento de águas, unindo tecnologia, inovação e responsabilidade social.

Página 5

Registro dos casos de deepfakes sexuais acendem alerta da Segurança estadual

Embora ainda em pequena quantidade, a Paraíba está em segundo lugar nacional de notificações desse tipo de crime. São fotos ou vídeos manipulados por IA sem consentimento.

Página 7

Nova lei facilita o empreendedorismo para mães atípicas paraibanas

Sancionada em 24 de setembro, a nova política pública visa impulsionar a vida econômica das mulheres com capacitação, crédito e apoio técnico para a geração de negócios.

Página 3

Semana do Livro reúne escritores em eventos gratuitos em João Pessoa e Campina Grande

Foto: Divulgação



Trazidos pelo Sesc-PB, autores encontram-se com o público, em rodas de conversas, para dialogar sobre criação literária e sobre a inspiração das próprias obras. Também haverá apresentação do espetáculo “Biblioteca de Dança”, do grupo baiano Dimenti.

Página 9

■ “Vim entrar na vida da cidade, sentir-me em casa, primeiro pela sombra acolhedora com que, há mais de meio século, as duas praças da chegada me aguardavam.”

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Sobre desinformação, o estudo identificou algo impactante: há desconfiança generalizada em relação às informações que circulam em todas as mídias”.

Angélica Lúcio

Página 26

Interação com a natureza oferece benefícios ao corpo e à mente

Estudo aponta que passar pelo menos 10 minutos em locais ao ar livre, como parques e acampamentos, ou realizar atividades de jardinagem, reduz o estresse e melhora o humor.

Página 20

Foto: Reprodução/Arquivo da Família Beiriz



Os 95 anos da morte de Anayde Beiriz

Mesmo sem ter relação direta com a Revolução de 1930, a poeta e professora é considerada uma das principais vítimas da disputa política na época.

Página 25



Editorial

Um problema político

A fome é uma das situações socialmente mais humilhantes pelas quais pode passar um ser humano. Significa uma espécie de fundo do poço, inclusive porque coloca em risco não apenas a saúde, mas a própria existência física dos indivíduos em estado de inanição. Alimentar-se mal, seja pela baixa quantidade, seja pela má qualidade da comida, é uma circunstância que não deveria encontrar terreno para germinar.

A desnutrição, no entanto, grassa pelo mundo. De acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), 8,2% da população do planeta, cerca de 673 milhões de pessoas, enfrentaram a fome no ano passado. É muita gente, ainda, apesar do recuo em relação aos dois anos anteriores. Um problema que exige respostas urgentes das lideranças mundiais, devido à complexidade das motivações geradoras dessa calamidade.

No Brasil, a segurança alimentar está garantida em 76% das famílias espalhadas pelo território nacional, fato considerado um avanço em relação ao índice anterior, de 73%, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Bom saber que aumentou o número de brasileiros com acesso a comida suficiente e de qualidade, embora seja preciso trabalhar muito para melhorar ainda mais.

Ao cumprir com fidelidade as determinações da ONU, o Brasil, no ano passado, conseguiu tirar os pés desse grande atoleiro social denominado Mapa da Fome, território no qual transitam os países com mais de um quarto da população em situação de insegurança alimentar grave. As mãos que ajudaram o Brasil a sair de lugar tão incômodo foram as políticas públicas aplicadas pelo Governo Federal no campo socioeconômico.

Como bem lembrou a secretária extraordinária de Combate à Pobreza e à Fome do Ministério do Desenvolvimento Social, Valéria Buriti, o plano Brasil Sem Fome desenvolveu ações coordenadas que possibilitaram o acesso à renda, à proteção social e à produção e ao consumo de alimentos adequados e saudáveis. Na base de tudo isso, uma política econômica que favorece emprego e renda e controle da inflação dos alimentos.

Na Itália, disse bem, e em alto e bom som, o presidente Luís Inácio Lula da Silva, que a “fome não é um problema econômico”. Segundo ele, “fome é um problema político”. Ou seja: “Se houver interesse político dos governantes do mundo inteiro, se encontrará um jeito de colocar o café da manhã, o almoço e a janta para o povo pobre do mundo inteiro”. É esse o caminho. Agora, onde buscar vontade política para trilhá-lo?

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Um prêmio que deslegitima a paz

Ao tomar conhecimento de que o Prêmio Nobel da Paz foi criado pelo inventor da dinamite — um artefato de grande poder destrutivo —, é inevitável a dúvida: destina-se realmente a quem trabalha pela paz ou, paradoxalmente, àqueles que promovem a guerra? O químico e empresário sueco Alfred Nobel, em seu testamento, determinou que a maior parte de sua fortuna fosse utilizada para premiar pessoas ou instituições que tivessem contribuído significativamente para a humanidade. Percebe-se, portanto, a contradição de um suposto pacifista que fabricava e vendia armas capazes de matar milhões de pessoas — um curioso “pacifismo de destruição em massa”.

Chama atenção o fato de o prêmio ter sido concedido a diversas personalidades envolvidas em invasões militares, golpes de Estado, genocídios e guerras. Entre elas, Henry Kissinger, Yasser Arafat, Yitzhak Rabin, Barack Obama, Abiy Ahmed, Menachem Begin, Anuar Al-Sadat, Al Gore, José Ramos-Horta, Mohamed ElBaradei e Shimon Peres.

O que deveria simbolizar os ideais universais de paz transformou-se, em muitas ocasiões, em instrumento de legitimação política, usado para glorificar lideranças responsáveis por ações que alimentam conflitos ao redor do mundo. Na prática, o Prêmio Nobel da Paz vem deixando de ser um símbolo de conciliação para tornar-se um avalista de confrontos armados e guerras.

O mais recente ataque à credibilidade da premiação foi a escolha da venezuelana Maria Corina Machado, ativista política que atua na legitimação de tentativas de golpe e de agressões contra a soberania do seu próprio país. Como considerar uma defensora da paz alguém que apoia as ações do governo de Benjamin Netanyahu em Gaza e defende intervenções externas na Venezuela? É notória sua proximidade com os governos dos Estados Unidos — especialmente com Donald Trump. Não por acaso, ao saber da indicação, declarou: “Dedico este prêmio ao povo sofrido da Venezuela e ao presidente Trump, por seu apoio decisivo à nossa causa”.

É inegável que Maria Corina se destaca como líder opositora de Nicolás Maduro, simbolizando a luta por um processo eleitoral mais justo e transparente na Venezuela. No entanto, é igualmente incontestável que sua atuação se dá por meio de estratégias de confronto, incentivando meios beligerantes para derrubar o governo — o que não condiz com o conceito de pregadora da paz, numa postura marcadamente antidemocrática.

O crítico cultural norte-americano Michael Parenti já advertia: “O Prêmio Nobel da Paz muitas vezes não tem nada a ver com paz e muito a ver com guerra. Frequentemente vê a ‘paz’ pelos olhos da plutocracia ocidental. Só por essa razão, não deveríamos aplaudir”. Na década de 1970, dom Hélder Câmara, conhecido mundialmente como o “artesão da paz”, teve sua indicação negada por quatro vezes em razão das ações da ditadura militar então instalada no Brasil — o que confirma a observação do cientista político estadunidense. O movimento contra o bispo católico envolveu várias frentes, da diplomacia ao empresarial. Assim, a escolha de Maria Corina como laureada do Prêmio Nobel da Paz não surpreende: é apenas mais um capítulo do jogo político internacional.

“

O mais recente ataque à credibilidade da premiação foi a escolha da venezuelana Maria Corina Machado

Foto

Legenda

Leonardo Ariel



Geometria urbana

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Dívida com os mestres e leitores

A crônica, a que é fruto da subjetividade, infunde bem mais vivência (e certamente por isto) do que a sua versão historiográfica. Coriolano de Medeiros, corógrafo no tempo em que esse nome dava mais prestígio, escrevendo tão seguro quanto o mestre B. Rohan, identifica-nos com a alma da terra, com o nosso jeito um tanto desligado de ser, mais pela crônica do que mesmo pelos seus elaborados estudos e pesquisas de estilo ensaístico.

Vim entrar na vida da cidade, sentir-me em casa, primeiro pela sombra acolhedora com que, há mais de meio século, as duas praças da chegada me aguardavam. O ônibus, como de propósito, nos desembarcava na Pedro Américo, geminada, por obra que presumo de Camilo de Holanda, pela frondosa cumeeira de oitizeiros da Praça Aristides Lobo com aquela escadaria culminada na estátua do republicano. E, para quem, como eu, vinha dos verdores de Alagoa Nova, não podia haver recepção mais generosa. De lado da praça, um edifício igualzinho aos da Avenida Rio Branco, nessa época a mais propagada passarela do Brasil, estampa do sabonete Eucalol.

Entrou nisso, também, o pomar urbano de mangueiras e jambeiros enfileirando pelas ruas saídas da Lagoa, franqueado a todas as mãos, varas e pedradas. E com a continuação, pela antiga conversa de calçada refletida na apanha dos seus cronistas. Havia um deles, Juarez Batista, que, mesmo engravatando a sociologia da moda, de novo prestígio cultural, não conseguia safar-se do provincianismo ilustrado e amoroso das suas origens. E soube tecer ao modo de um impressionista ou de um subjetivismo liricamente figurativo, os ícones da nossa cultura e do nosso bem-viver. Não só José Américo, não só Zé Lins, os da sua paixão literária, como os do seu convívio, os Peixoto de Romero, os Boto de Menezes, os Soares, os Holanda, a italianada, sem esquecer o fidalgo de bolsos lisos Alberto Abath, irmão do eterno pároco da nossa catedral, vendedor de pequenos anúncios. Sem esquecer também figuras polêmicas e legendárias como o coronel José Pereira, flagrado já velho, ordeiro, numa porta de hotel do Recife, dissociado da coivara cruenta que separou a Paraíba com resquícios que sobram até hoje.

“

O valiosíssimo acervo de crônicas [de Virginius], recolhido por uma colega de Universidade, é como se ainda estivesse por ser levantado

Essa crônica de Juarez, iniciada em O Norte de 1950, retomada nos quatro anos em que dirigiu **A União**, onde pontificavam, transcritos do Recife e do Rio, Humberto de Campos, Rubem Braga, Genolino Amado, Henrique Pongetti e um reacionário imperdível, autor de um dos livros mais bem escritos do Brasil, “Lições do Abismo”, Gustavo Corção. Essa crônica de Juarez nunca chegou a ser reunida e trazida ao leitor de hoje. E nisso me sinto culpado, quando já me acho sem fôlego para folhear jornais velhos. Dele, mesmo a crônica menos elaborada, deixa ver a caracterização particularíssima da cidade, hoje, como no mundo todo, refogada por novas “culturas”, novos hábitos e alienações.

De Virginius da Gama e Melo, quando Paulo Melo esteve à frente do setor cultural do Estado, foram editados seus ensaios críticos e o romance. O valiosíssimo acervo de crônicas, recolhido por uma colega de Universidade, é como se ainda estivesse por ser levantado, dormindo em algum armário.

E o mais sério é que se esbanjam louvores a essa queda particularíssima da cidade pelo gênero crônica, que brota aqui como o abacaxi e a manga nessa réstia meio arenosa da nossa mata litorânea.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

NA PARAÍBA

Lei estadual incentiva mães atípicas empreendedoras

Objetivo é beneficiar toda mulher que possui um filho com deficiência ou transtorno

Marcelo Lima
marcelollimanatal@yahoo.com.br

As mães atípicas da Paraíba terão incentivos para empreender a partir de uma nova política pública. Sancionada em 24 de setembro passado, a Lei Estadual nº 13.928 estabelece três diretrizes para impulsionar a vida econômica dessas mulheres e de suas famílias: capacitação e formação, crédito e apoio técnico.

O público-alvo da política pública é definido como, “toda mãe que possui um filho com deficiência ou com transtornos do desenvolvimento”. É o caso da confeitadeira Emmily Thais dos Santos Silva, de 26 anos. Ela e o marido vendem bolos para sustentar financeiramente a família.

“Tenho duas meninas com autismo. Uma com cinco e a outra com três anos”, disse. Ela trabalhava como operadora de caixa em um supermercado, quando a primeira filha recebeu o diagnóstico ainda com um ano de idade. Para cuidar melhor da criança, Emmily demitiu-se.

“Era quase 12 horas de serviço o dia todo. Aí, resolvi empreender por ter uma flexibilidade maior de horário, conseguir cuidar e trabalhar ao mesmo tempo, suprir e acolher”, contou. Há cerca de um ano, o seu marido tomou a mesma decisão. Luan abriu mão do emprego de açougueiro no supermercado onde o casal se conheceu.

No começo dessa jornada agrídeo, Emmily fazia doces para o marido vender na hora



Emmily Thais dos Santos e o marido vendem bolos para sustentar financeiramente a família

do almoço, no trabalho. A ideia deu certo. Tanto que, para se preparar melhor, ela fez um curso pela internet.

De acordo com o Portal do Empreendedor, 1.814 mulheres, na Paraíba, são microempreendedoras individuais (MEIs) na atividade Fabricação de Produtos de Padaria e Confeitaria com Predominância de Produção Própria. No total, 92,6 mil mulheres estão registradas com MEIs no estado. Emmily, entretanto, engrossa o bolo de empreendedoras na informalidade.

Sonho de crescimento

A confeitadeira quer solucionar duas situações limitadoras do seu empreendimento: comprar um refrigerador e um veículo — para se livrar da dependência de aplicativos de transporte. A concessão de crédito facilitado (juros baixo e prazo longo para pagamento), como prevê a Política Estadual de Incentivo ao Empreendedorismo de Mães Atípicas, poderia fermentar esse sonho.

“[O crédito] ajudaria muito, porque a gente ampliaria o negócio. A gente faz tudo ma-

nual ainda, não conseguimos ter um equipamento de alto custo para perder menos tempo na produção”, lamentou.

Mesmo sem assessoramento técnico e de gestão, Emmily e o marido lançam estratégias para alcançar novos clientes. Nas tardes de sábado, o “festival de fatias” promovido pelo casal oferece diferentes sabores e cores de bolos numa calçada de Nova Mangabeira. Certos de seu potencial, eles mantêm-se firmes no propósito de dar uma vida digna às filhas.

Famílias chefiadas por mulheres no estado

A nova política pública paraibana será um ingrediente decisivo para o empreendedorismo, visto que o estado é uma das 11 Unidades da Federação em que a maioria das famílias é chefiada por mulheres.

A comerciante Lindervânia dos Santos, de 38 anos, é uma das 709 mil mulheres residentes na Paraíba nessa condição. Os dados são do Censo Demográfico 2022.

Vânia, como é conhecida, chegou a ter um ponto comercial perto de casa, mas não conseguiu mantê-lo por dois motivos: falta de tempo para cuidar dos três filhos e de um botijão de gás extra para o comércio. “Eu abria a partir da quarta. Mesmo assim, já era correria para mim. Tinha que dar conta de tudo sozinha: terapia, levar para escola, essas coisas”, contou Lindervânia, mãe solo de Raony, de sete anos, diagnosticado dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), e outras duas crianças.

Hoje, ela vende açaí, pastel, batata frita, mousse, bijuterias e cosméticos em casa mesmo. A venda desses produtos e o benefício social de seu filho compõem a renda familiar habitual. Eventualmente, Lindervânia ainda consegue fazer faxinas e trabalhar como manicure. “É muito difícil. O filho que é especial tem uma seletividade



Lindervânia dos Santos montou seu próprio negócio em casa

de enorme alimentar. Hoje mesmo, eu vendi uns açaís. Já mandei meu filho ali, ele comprou salsicha, leite, massa e assim a gente vai se virando”, desabafou.

Apesar de tudo, Vânia espera uma oportunidade para retomar o seu ponto comercial fixo perto de casa. “Tenho muita vontade de abrir de novo, comprar uma tenda, botar minhas coisinhas, sabe?”, expôs.

A lei que determina a nova política pública define que a primeira diretriz, capacitação e formação, deve ser executada por meio de cursos e oficinas de capacitação em gestão de negócios, finanças, marketing e áreas correlatas. A segunda diretriz, o acesso ao crédito, determina que as condições de financiamento devem ser facilitadas. Conforme a terceira diretriz, o apoio téc-

nico deve ser materializado por meio de mentorias e consultorias, inclusive com o objetivo de construir de planos de negócios para cada mãe.

A política pública é de autoria da deputada estadual Francisca Motta (REP). “A presente proposta de lei visa reconhecer e valorizar o papel das mães atípicas, que, muitas vezes, enfrentam desafios significativos para conciliar a maternidade com suas aspirações profissionais. Ao promover a inclusão e o empreendedorismo, o Estado da Paraíba poderá contribuir para a autonomia dessas mulheres, incentivando o desenvolvimento econômico e a equidade social”, justificou a autora em decreto legislativo, em fevereiro deste ano.

Os efeitos práticos devem vir com a regulamentação, segundo prevê a própria lei.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O passeio

Ela me pegou pela mão com um sorriso que era um convite e um segredo. “Vou te mostrar minhas marcas”, disse, e eu, que já era perdido de amores por ela, deixei-me levar sem hesitar. Não era um passeio comum por Olinda: era uma peregrinação sentimental, uma arqueologia do afeto.

Subimos a ladeira do Carmo, e o sol da tarde, aquele mesmo sol intenso do mundo real, agora parecia banhar tudo em mel. Mas ela não me mostrava a arquitetura barroca ou a história oficial dos placares. Ela me apontava as sombras.

“Naquele muro de azulejos azuis”, ela sussurrou, puxando-me para perto, “eu sentei aos quinze anos e chorei meu primeiro amor despedaçado. O sol aqueceu a minha nuca, e eu jurei que meu coração nunca mais bateria”. Eu olhei para o muro e vi não apenas os azulejos, mas a menina frágil e dramática que ela foi, e meu próprio coração doeu por um amor que eu não pude consolar.

Mais adiante, parou diante de uma gameleira centenária, suas raízes entrelaçadas como veias na pedra. “Escondi-me aqui, atrás dessas raízes, para ler o primeiro livro que me fez esquecer de comer. Foi aqui que aprendi a viajar sem sair do lugar”. Eu olhei para o oco da árvore e vi não um esconderijo, mas um portal. E entendi a origem da mulher que carrega universos nas mãos.

Cada calçamento irregular tinha uma história. Naquele trecho, ela tropeçou e riu até chorar com as amigas. Naquela esquina, sob a varanda de uma casa amarela, ela teve sua primeira conversa verdadeiramente adulta com o pai. Na pequena praça, com a vista para o mar, ela decidiu que deixaria a cidade, sem saber se um dia voltaria.

Ela desfilava com um espectro pelas ruas e ladeiras. Uma moça de cabelos ao vento, de passos mais leves, de preocupações mais simples. E esse espectro, sua antiga eu, dançava ao nosso redor, um fantasma querido que ela, gentilmente, apresentava ao homem que ama no presente.

Eu, encantado, não dizia quase nada. Apenas apertava sua mão, bebia cada palavra e via a cidade se transformar. Olinda não era mais apenas um Patrimônio da Humanidade, um cartão-postal. Era

um diário aberto, um mapa da sua alma. Cada pedaço de calçada, cada cor de porta, cada sombra de árvore estava impregnado de uma memória, um fragmento da alquimia que a transformou na mulher que caminhava ao meu lado.

E no alto, diante do Mosteiro de São Bento, com a cidade toda aos nossos pés — os telhados, as torres, o mar ao fundo —, ela ficou em silêncio por um momento. “Todas essas meninas que eu fui”, ela disse, virando-se para mim, os olhos úmidos e brilhantes, “estavam aqui o tempo todo, me esperando para te mostrar”.

Foi, então, que compreendi a profundidade daquele presente. Ela não estava me mostrando apenas lugares. Estava me dando as chaves do seu reino interior. Estava me confiando suas geologias emocionais, as camadas de vida que se sedimentaram para formar a mulher que eu amo.

Descemos a ladeira com o crepúsculo pintando o céu de roxo e laranja. As marcas dela agora eram minhas também. Eu carregava não apenas a mão da mulher do presente, mas o eco dos passos de todas as meninas que ela foi. E Olinda, aquela cidade-musa, já não era apenas o cenário de sua história. Era, agora, parte fundamental da nossa.

Jales Meneses

Diretor-geral da Policlínica Integrada da Segurança Pública (Poinsp)

“Necessidade de cuidar de quem cuida da sociedade”

Foto: Leonardo Ariel

Tenente-coronel destaca a importância dos serviços oferecidos aos servidores pela unidade de saúde na Paraíba

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Cuidar de quem cuida da população é um desafio e, ao mesmo tempo, uma necessidade urgente. A criação da Policlínica Integrada da Segurança Pública (Poinsp) marca um momento histórico para a Paraíba e para o Brasil, ao colocar no centro das políticas de saúde aqueles que diariamente enfrentam riscos, pressão e jornadas intensas para proteger a sociedade. O projeto nasce pioneiro, com estrutura moderna, tecnologias de ponta e um modelo de gestão que alia atendimento assistencial, prevenção e geração de dados estratégicos. Mais do que um equipamento de saúde, a Poinsp apresenta-se como um símbolo de valorização e respeito aos profissionais da segurança e a seus familiares. Para falar sobre o impacto dessa iniciativa, o jornal **A União** entrevistou o tenente-coronel Jales Meneses, diretor-geral da Policlínica. Na conversa, ele destacou como o investimento de aproximadamente R\$ 15 milhões foi planejado para garantir alta resolutividade e sustentabilidade em longo prazo, detalhou a importância do tomógrafo exclusivo para diagnósticos ágeis e comentou o papel inovador da unidade na formulação de políticas públicas a partir de indicadores de saúde. Confira, na íntegra:

Entrevista

■ *A Poinsp nasce como um projeto pioneiro no país. Como o senhor enxerga o impacto imediato dessa unidade na vida dos profissionais de segurança pública da Paraíba e de seus familiares?*

Sem dúvida, esse é um marco histórico para a Paraíba e para o Brasil. Pensamos a Policlínica a partir da necessidade de cuidar de quem cuida da sociedade. Os profissionais da segurança pública convivem diariamente com altos níveis de estresse, jornadas intensas, plantões extensos e situações de risco que comprometem sua saúde física e mental. Estudos apontam que a expectativa de vida dessa categoria é menor do que a média nacional, justamente pela natureza da atividade. Então, oferecer um espaço estruturado, moderno e exclusivo para esse público é dar uma resposta concreta a esse problema. O impacto imediato é sentido na prevenção, no diagnóstico precoce e na redução do absenteísmo por questões de saúde, mas também no fortalecimento do vínculo entre servidor e Estado. E, ao estender o atendimento aos dependentes, garantimos uma rede de proteção que assegura estabilidade emocional e maior tranquilidade para o trabalho do titular, refletindo em melhor qualidade de vida e mais segurança para a sociedade.

■ *O investimento de aproximadamente R\$ 15 milhões demonstra a dimensão do projeto. De que forma foi pensado o uso desses recursos para garantir uma estrutura de alta resolutividade e sustentabilidade em longo prazo?*

Esse valor corresponde a um contrato anual, já previsto na estrutura orçamentária da Secretaria de Segurança. Foi planejado de forma minuciosa para assegurar resolutividade, eficiência e continuidade. A gestão é feita pela Fundação PB Saúde, selecionada em conformidade com a lei que criou a Policlínica, garantindo que os serviços sejam executados dentro de um plano de trabalho com metas e indicadores bem definidos. O investimento contempla desde a construção e

ambientação de consultórios médicos, odontológicos e de nutrição até a instalação de equipamentos de ponta, como salas para raios X e tomografia, além da farmácia-satélite. Também envolve contratação de profissionais especializados e implementação de sistemas informatizados de gestão, que permitem controle de consultas, exames, prescrições e laudos. A sustentabilidade do projeto vem justamente desse modelo: recursos assegurados anualmente, gestão profissionalizada, metas claras e acompanhamento por indicadores. Assim, garantimos que a Poinsp não seja apenas um equipamento de saúde, mas um centro coordenador de políticas públicas de cuidado e valorização do servidor da segurança.

■ *A unidade contará com um tomógrafo exclusivo para os profissionais da segurança. Qual a importância dessa aquisição para diagnósticos mais ágeis e como isso vai refletir na qualidade da assistência prestada?*

Esse é um dos grandes diferenciais da Policlínica. Estamos falando de um tomógrafo de 64 canais, adquirido por R\$ 2,53 milhões em processo licitatório, que representa um salto na capacidade diagnóstica da rede voltada à segurança pública. Até então, o servidor precisava passar pela regulação do SUS, muitas vezes enfrentando demora na marcação de exames. Agora, com a indicação médica, o exame será realizado diretamente na estrutura da Poinsp, sem burocracia, garantindo celeridade no diagnóstico e rapidez na definição do tratamento. Isso tem impacto direto na saúde do servidor, que ganha tempo em situações críticas, e também no serviço prestado à sociedade, já que reduz afastamentos prolongados. O tomógrafo será fundamental para avaliar diversas condições clínicas, desde problemas cardíacos até traumas decorrentes do exercício da função policial, além de evitar sobrecarga no sistema público de saúde. É um investimento que gera eficiência, qualidade assisen-

cial e valorização de uma categoria estratégica para o bem-estar coletivo.

■ *Além da assistência médica, a Poinsp terá um papel estratégico na formulação de políticas públicas. Poderia detalhar como funcionará essa integração entre atendimento e gestão de dados para orientar decisões na área da segurança pública?*

Esse é, talvez, o aspecto mais inovador da Poinsp. Todo atendimento será precedido por triagem de enfermagem, o que nos permitirá levantar indicadores detalhados sobre a condição de saúde dos profissionais em cada região e força de segurança. Teremos dados sobre prevalência de hipertensão, diabetes, distúrbios psicológicos, taxas de absenteísmo e até causas de internações. Esses números, validados por protocolos já reconhecidos na área da saúde, vão subsidiar ações preventivas e políticas direcionadas. Por exemplo, se identificarmos maior incidência de doenças cardiovasculares em determinado batalhão, poderemos articular programas específicos de acompanhamento e prevenção. Esse banco de dados também será compartilhado com o Ministério da Justiça e a Secretaria Nacional de Segurança Pública, inserindo a Paraíba como referência nacional. Com isso, deixamos de ter ações pontuais e passamos a ter uma política estruturada, científica e mensurável, capaz de reduzir a vitimização policial e ampliar a expectativa de vida dos servidores.

■ *O uso de tecnologia é um diferencial importante. Como funcionará o aplicativo de agendamento digital e a plataforma de cruzamento de dados estatísticos?*

Toda a marcação de consultas e exames será feita exclusivamente pelo aplicativo da Poinsp, sem atendimento por telefone ou e-mail. Isso garante organização, evita acúmulo de vagas ociosas e dá mais autonomia ao usuário. O servidor terá acesso à sua página personalizada, com histórico de atendimentos, exames, prescrições, laudos e informações sobre seus dependentes. O sistema também limita o número de agendamentos ativos por paciente, exigindo comprometimento para evitar faltas. Além disso, o aplicativo integra-se a uma plataforma de gestão de dados, que cruza informações de saúde e gera relatórios em tempo real. Essa tecnologia permite monitorar a demanda, avaliar desempenho e criar indicadores estratégicos, tanto clínicos quanto administrativos. O servidor, por sua vez, ganha transparência e praticidade, podendo acompanhar todos os passos do seu tratamento. É um sistema intuitivo, seguro e moderno, que coloca a Policlínica em um patamar semelhante ao de grandes operadoras privadas, mas com foco no servidor público.

■ *A Policlínica também oferecerá atendimento odontológico, nutricional e*

psicológico. De que forma esses serviços complementares integram-se ao cuidado integral do servidor da segurança?

A concepção da Poinsp é de cuidado integral e multidisciplinar. Não adianta apenas tratar doenças quando elas já se manifestam de forma grave — precisamos atuar de forma preventiva e integrada. A odontologia, por exemplo, vai além da estética: problemas bucais podem estar associados a doenças cardíacas, infecções e até perda de rendimento no trabalho. A nutrição é outro pilar fundamental, considerando a rotina irregular dos profissionais, muitas vezes marcada por alimentação rápida e pouco saudável, que eleva o risco de obesidade, hipertensão e diabetes. Já a psicologia se torna indispensável em uma categoria que lida diariamente com situações de estresse, violência e traumas, o que impacta diretamente no bem-estar do servidor e de sua família. Portanto, esses serviços complementares formam um tripé de prevenção e suporte, que se integra ao atendimento clínico e especializado, promovendo saúde integral, mais qualidade de vida e maior capacidade de enfrentamento das exigências da profissão.

■ *O senhor mencionou que o modelo da Poinsp poderá servir de referência para outros estados. Já existe alguma articulação nacional nesse sentido?*

Sim, já temos diálogo aberto com o Ministério da Justiça e a Secretaria Nacional de Segurança Pública. A ideia é que os dados coletados na Paraíba possam subsidiar políticas em nível federal e inspirar a criação de unidades semelhantes em outros estados. A Poinsp nasce como um projeto-piloto de abrangência inédita, justamente porque alia atendimento assistencial a um banco de dados estatísticos estratégicos. Essa integração nos coloca em posição pioneira, já que não se trata apenas de oferecer consultas ou exames, mas de gerar conhecimento científico e indicadores capazes de influenciar políticas públicas em escala nacional. Outros estados já demonstraram interesse em conhecer o funcionamento da Policlínica e avaliar sua replicação. O que queremos é que a Paraíba seja vista como exemplo de inovação, mostrando que investir na saúde do servidor da segurança pública é investir na segurança de toda a população.

■ *O atendimento também se estenderá aos dependentes dos servidores. Qual foi o critério para incluir essa cobertura e que impacto o senhor espera dessa decisão?*

Esse foi um ponto pensado com muito cuidado, porque entendemos que o bem-estar do servidor está diretamente ligado à saúde de sua família. Não adianta termos um policial saudável, mas angustiado porque o filho ou o cônjuge não tem acesso rápido a cuidados médicos. Então, incluir os dependentes diretos garante um círculo de proteção emocional e prática. O servidor po-

derá trabalhar com mais tranquilidade, sabendo que sua família está amparada. Além disso, essa medida reduz a sobrecarga financeira das famílias, que muitas vezes recorrem à rede privada para consultas e exames. É também uma forma de valorização e reconhecimento, pois trata o servidor como parte de uma rede social maior, que precisa ser fortalecida. O impacto esperado é de maior adesão ao projeto, redução do estresse familiar e fortalecimento do vínculo institucional com o Estado.

■ *O senhor acredita que a Poinsp pode contribuir para aumentar a longevidade e reduzir a taxa de vitimização dos profissionais de segurança na Paraíba?*

Sem dúvida. Esse é, inclusive, um dos nossos objetivos centrais. Quando falamos de vitimização, não nos referimos apenas a ocorrências em serviço, mas também a doenças silenciosas que retiram a vida desses profissionais precocemente. Estudos já demonstraram que a expectativa de vida da categoria é inferior à da média nacional, principalmente por doenças cardiovasculares, distúrbios psicológicos e problemas decorrentes da rotina extenuante. A Poinsp atua justamente nesses pontos, com prevenção, diagnóstico precoce e acompanhamento contínuo. Isso certamente reduzirá afastamentos, internações e, em muitos casos, mortes evitáveis. Ao mesmo tempo, fortalecemos o equilíbrio psicológico, prevenindo situações de risco dentro e fora do serviço. Portanto, acredito que estamos plantando uma semente que dará frutos em médio e longo prazo, com uma nova geração de servidores mais saudáveis, mais longevos e melhor preparados para exercer sua missão.

■ *Para finalizar, qual mensagem o senhor gostaria de deixar aos profissionais da segurança pública e à sociedade paraibana sobre a inauguração da Policlínica?*

A Policlínica Integrada da Segurança Pública não é apenas um prédio, mas um símbolo de cuidado, valorização e respeito a quem dedica a vida para proteger a sociedade. Aos servidores da segurança, digo que este é um espaço de vocês, construído para atender suas necessidades de saúde e de seus familiares, e que deve ser utilizado com confiança e responsabilidade. Quero que cada policial, bombeiro, agente penal e servidor administrativo saiba que não está sozinho, que o Estado reconhece sua missão e se compromete em cuidar da sua vida e do seu bem-estar. À sociedade paraibana, reforço que investir na saúde do profissional de segurança é investir diretamente na qualidade do serviço prestado à população. Com servidores mais saudáveis, fortalecemos também a paz social. Esse é um passo pioneiro, que coloca a Paraíba em posição de vanguarda no Brasil, e que só foi possível porque entendemos que cuidar de quem cuida é um dever do Estado e uma conquista de todos.



Foto: Divulgação/Secom-PB

CASAS SUSTENTÁVEIS

Inovação favorece inclusão social

Desenvolvido no Sertão, projeto-piloto oferece habitação com sistemas de energia solar e reaproveitamento de água

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Em Areia de Baraúnas, no coração do Sertão paraibano, o horizonte começa a ganhar novos contornos. Entre as ruas de chão batido e o vento seco que percorre as casas simples, um sonho está prestes a se materializar: o direito a uma moradia digna, sustentável e gratuita. São 30 famílias que, em breve, terão as chaves de suas próprias casas nas mãos. Mais que tijolos e cimento, receberão um lar pensado para acolher, proteger e oferecer um futuro melhor. Um espaço onde cada parede contará histórias de esperança e cada janela permitirá que a luz da dignidade entre sem pedir licença.



Foto: Leonardo Aziel

Quando as pessoas têm uma moradia regularizada, elas se sentem mais seguras e com mais dignidade

Emília Lima

O Projeto Casas Sustentáveis, em fase final de construção, é a prova de que é possível unir tecnologia, inovação e responsabilidade social no mesmo endereço. Com investimento total de R\$ 2,38 milhões — valor que representa R\$ 79,3 mil por unidade habitacional —, as casas possuem 42,57 m² de área construída e foram projetadas para dialogar com o meio ambiente. Cada uma delas terá sistemas de energia solar fotovoltaica, captação de águas cinzas (como as de chuveiros e pias) para uso em descargas sanitárias e cisternas para reaproveitar a água da chuva. Também foram pensadas soluções de isolamento térmico eficiente, iluminação natural e ventilação cruzada, garantindo confor-

to e economia às famílias. “O diferencial é o reúso de águas cinzas, além da captação da água de chuvas, também com energia fotovoltaica, e a aplicação de técnicas para conforto térmico da unidade. A ideia é mostrar que é possível realizar essas técnicas em larga escala e em obras populares”, explica Emília Correia Lima, presidente da Companhia Estadual de Habitação Popular da Paraíba (Cehap). Mais que um conjunto habitacional, o Casas Sustentáveis nasce como um modelo replicável de construção consciente. A ideia é que, no futuro, as soluções desenvolvidas em Areia de Baraúnas possam ser aplicadas em outros municípios, multiplicando os efeitos po-

sitivos. As famílias beneficiadas, todas em situação de vulnerabilidade social, receberão as casas por doação, sem nenhum custo, assegurando-lhes não apenas um teto, mas também uma nova perspectiva de vida. Para Emília, o impacto da moradia vai além do abrigo. “Quando as pessoas têm uma moradia regularizada, elas se sentem mais seguras e com mais dignidade. Isso tem um impacto direto em sua qualidade de vida. Quando uma pessoa sabe que a casa é dela, ela investe, melhora a estrutura [do imóvel] e, consequentemente, sua vida. A moradia não é só um lugar para morar, mas um fator que traz autoestima e confiança”. O olhar inovador por trás do projeto foi reconhe-

cido nacionalmente, com a premiação do Selo de Mérito em Habitação de Interesse Social 2025, na categoria de uso e desenvolvimento de novas tecnologias. A conquista não se restringe a um troféu; simboliza o compromisso do Estado em oferecer habitação de qualidade, com respeito ambiental e inclusão social. Em uma cidade de pouco mais de dois mil habitantes, a obra já é vista como um marco de transformação. “Quando as crianças crescem em um ambiente seguro e estável, isso reflete diretamente no seu desenvolvimento e no seu futuro. Acredito que esses projetos têm um impacto fundamental no desenvolvimento da Paraíba”, destacou a presidente da Cehap.

Iniciativas premiadas são referência nacional

Se o Sertão celebra a chegada de lares sustentáveis, o resto do Brasil observa com respeito os avanços da Paraíba na área habitacional. O reconhecimento mais recente pelo Selo de Mérito em Habitação de Interesse Social integra uma sequência de quatro vitórias consecutivas do estado, nos últimos quatro anos de premiação. A Paraíba já havia sido premiada pelo Programa Parceiros da Habitação (PPH); pela regularização fundiária em Rio Tinto; pelo projeto social no Residencial Rosa Luxemburgo, em Santa Rita; e pelo Residencial Aura de Cruzeiro, em Campina Grande. O PPH surgiu em 2020, quando os programas federais de moradia estavam suspensos. A iniciativa estadual estabeleceu parcerias com municípios e movimentos populares para viabilizar lares para famílias de baixa renda, especialmente em áreas de risco ou insalubres. Com casas de cerca de 44 m², o PPH já beneficiou centenas de famílias em 31 cidades. “Criamos o Parceiros da Habitação, justamente, para responder à necessidade real da população. Hoje, o programa se consolidou como uma ferramenta ágil, eficaz e inclusiva”, resalta Emília. Outro destaque foi a desprivatização e a regularização fundiária em Rio Tinto, que devolveu dignidade a famílias que viviam em imóveis



Foto: Alben Pontes/Secom-PB

Em Santa Rita, o Residencial Rosa Luxemburgo sediou oficinas e cursos para os moradores

da antiga fábrica de tecidos local. Na primeira etapa, foram 700 escrituras entregues gratuitamente, encerrando décadas de insegurança habitacional. “Foi um ato de justiça. Muitas famílias viveram anos pagando aluguel por imóveis que, agora, são oficialmente delas”, relembra a presidente da Cehap. Já em 2023, o Residencial Rosa Luxemburgo, no bairro Várzea Nova, em Santa Rita, tornou-se símbolo de cidadania. Com 576 apartamentos erguidos em uma área de alta vulnerabilidade, o projeto trouxe não apenas moradias, mas também saneamento, abastecimento de água e infraestrutura. A inovação es-

teve na ação social: oficinas, feiras, cursos profissionalizantes e rodas de conversa foram promovidos, fortalecendo a participação comunitária. “Nosso objetivo é sempre inovar. O Rosa Luxemburgo mostrou que iniciativas de habitação vão além da entrega das chaves. São transformação social”, completa Emília. Essas experiências comprovam que o estado tem conseguido transformar políticas habitacionais em modelos de inclusão e sustentabilidade. Para Emília, esse é o papel central da companhia. “A Cehap tem um papel crucial porque, mais do que construir casas, ela cria políticas de ha-

bitação que respondem às necessidades reais das pessoas. Não se trata apenas de um trabalho técnico, mas de entender o contexto social e criar soluções que façam diferença na vida das pessoas”, destaca.

A Paraíba foi reconhecida quatro vezes consecutivas com o Selo de Mérito em Habitação de Interesse Social

Parceria amplia o alcance das políticas habitacionais

O Residencial Aura de Cruzeiro, em Campina Grande, é outro exemplo de inovação e parceria bem-sucedida. Construído dentro do Programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV), com recursos do FGTS, o empreendimento combina sustentabilidade e lazer. As áreas comuns foram equipadas com painéis solares fotovoltaicos, que reduzem os custos do condomínio, além de dispositivos para economia de água. Para os moradores, as novidades somam-se a um conjunto de mais de 20 itens de lazer e bem-estar, incluindo piscinas, quadras, salão de festas e espaço pet. O projeto ainda recebeu o Selo Casa Azul de Habitação Sustentável, da Caixa Econômica Federal, reforçando seu caráter inovador. “O Minha Casa, Minha Vida é um guarda-chuva que contempla diferentes perfis de famílias, desde as mais vulneráveis até entidades organizadas por movimen-

tos sociais. Nosso compromisso é garantir moradia digna a quem não tem acesso ao mercado formal”, afirma Emília. A parceria entre o Governo Estadual e o Federal tem multiplicado o alcance das políticas habitacionais. Somente de 2019 a 2024, foram 7.127 unidades entregues na Paraíba, com investimentos superiores a R\$ 600 milhões. Outras quatro mil moradias estão em construção e mais de 5.400 unidades devem ser iniciadas até 2026. Além disso, a retomada do programa federal garantiu novo fôlego: em 2023 e 2024, a Paraíba alcançou 39 mil contratações de unidades habitacionais, distribuídas em 151 municípios. João Pessoa já é a terceira cidade do país com mais contratações do programa, atrás apenas de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ). Campina Grande, Patos, Santa Rita e Cabedelo também despontam entre os municípios com os maiores números de contratos.



Foto: Divulgação/Secom-PB

Empreendimento em CG combina lazer e sustentabilidade

COMPORTAMENTO DIGITAL

Adolescentes que evitam aparecer

Em meio à era da superexposição nas redes, jovens reivindicam o direito de não estar sempre sob os holofotes

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Lá se foi o tempo em que os pais conseguiam reunir os filhos adolescentes para tirar as tradicionais fotografias em família ou registrar cada fase importante da escola dentro de um clima harmonioso e de total adesão. Hoje, o simples pedido de “vamos fazer uma foto?” pode gerar careta, silêncio, ou um movimento rápido, repentino e abrupto dos braços com o objetivo de tapar o rosto.

Em um mundo digital no qual as pessoas já nascem conectadas, mediado profundamente pelas redes sociais e caracterizado pela superexposição, os holofotes costumam iluminar apenas os que gostam de aparecer. Nesse universo de excessos de cliques, muitas vezes monetizados, existem aqueles que fogem dessa exposição, e não são poucos. Sim, estamos vivendo também a era dos rostos escondidos.

Nas raras vezes em que aceitam tirar fotos, os adolescentes já vão logo avisando: “Sem postar, mãe!”. E, para quem tenta registrar a cena,

o que sobra é um clique cheio de mãos, cabelos no rosto ou filtros que transformam gente em cachorrinho. Um retrato perfeito da geração mais fotografada da história, mas que parece fugir das próprias imagens.

A enfermeira Gisélia Rocha, mãe de Ádria, de 14 anos, viveu isso de perto. “Fizemos uma viagem e foi uma confusão. Pedi pra ela sorrir um pouquinho e ela simplesmente se fechou. Disse que não queria, que a gente devia curtir o momento sem foto. Eu insisti e acabei falando que, caso não tirasse foto, não viajaria mais. Foi o suficiente pra estragar o clima. Ela ficou o resto da viagem de cara fechada. Depois percebi que não era teimosia — era desconforto mesmo”.

A explicação, que, em um primeiro plano, pode parecer birra adolescente, vai além. Para Yasmin Madruga, de 14 anos, essa resistência está ligada à insegurança e aos padrões impostos. “Muitos cobrem o rosto na hora da foto por insegurança. A mídia vive criando padrões de beleza e a gente acaba não enxergando a própria beleza. Outros fazem



Foto: Yasmin Madruga/Arquivo pessoal

Yasmin relata que as ações acontecem por timidez, tendo em vista que muitos não se enxergam nos padrões estabelecidos

por moda — é tipo um efeito dominó”, relata a jovem.

O pai de Yasmin, o jornalista Expedito Madruga, confirma que a cena é comum em casa. “Ela resiste em sair nas fotos de família, nas viagens, nas comemorações da escola. Preocupo-me, porque penso nos registros para o futuro. Lembro de quando eu via

os álbuns de família e adorava relembrar. Aqui a gente insiste um pouco, mas respeita o limite dela. Para minha alegria, percebi que essa fase está passando. A foto do WhatsApp dela já não tem mais filtro de bichinho, e o rosto aparece limpo. É uma evolução”, analisa.

Entre pais nostálgicos e

adolescentes que preferem o anonimato, há um abismo de gerações. Enquanto antes o “fazer pose” era um ritual, agora virou motivo de desconforto. A verdade é que esses jovens nasceram conectados, cresceram em meio à exposição e hoje buscam justamente o oposto: o direito de não aparecer.

■ Gesto, que pode ser interpretado como birra juvenil, tem explicação bem mais complexa

Recusa está ligada ao medo do julgamento e à busca por aceitação

Por trás das mãos no rosto e das recusas aos cliques, existe algo muito maior que birra. A psicopedagoga Alice Dias, de uma escola particular no Bessa, explica que o medo do julgamento é um traço natural da adolescência. “Nessa fase, o jovem tem

necessidade de afirmação e quer ser aceito socialmente. Eles vivem em grupo, querem pertencer. Então, evitam se expor para não correr o risco de exclusão. É por isso que entram nas *trends* sem saber o motivo — fazem porque os amigos fazem”.

De acordo com a especialista, o comportamento reflete o equilíbrio delicado entre se mostrar e se proteger. “A adolescência é coletiva, eles precisam de pertencimento. Quando cobrem o rosto, não é só timidez — é defesa. O jeito que encontram de con-

trolar o olhar dos outros sobre eles”.

Nas escolas, o fenômeno é cada vez mais perceptível. Professores relatam alunos que fogem das fotos das turmas, apagam postagens antigas ou evitam participar de vídeos institucionais. “Trabalhamos isso na socialização e no olhar crítico sobre as redes. Mostramos que não precisam se encaixar em tudo para serem aceitos, e que o diferente também é bonito”, comenta Alice, ressaltando, porém, que o papel da família é fundamental no processo formativo da autoestima. “A parceria entre escola e pais é essencial. Quando o adolescente evita aparecer, muitas vezes é por medo, não por rebeldia. Por isso, é importante ouvir e respeitar o tempo dele”, explica.

A psicopedagoga lembra que, ao contrário das gerações anteriores, os jovens de hoje

costumam ter vínculos familiares mais próximos. “As famílias estão mais atentas e participativas. Isso ajuda muito, porque eles se sentem mais seguros para conversar. A escola tenta ser essa ponte — mediar o diálogo e promover momentos de escuta. Em nossos encontros, convidamos pais e alunos para debater temas como imagem, privacidade e comportamento digital. Às vezes, basta uma conversa franca para aliviar um peso enorme”.

Na prática, entender o adolescente que foge das fotos é compreender o tempo em que vivemos. “Eles nasceram no mundo eletrônico, onde tudo é visível. Mas isso não significa que se sintam confortáveis com a exposição. Cabe a nós, educadores e pais, ajudá-los a equilibrar o real e o virtual, a entender que dá pra existir na rede sem perder a essência”, resume.



Foto: Roberto Guedes

Eles vivem em grupo, querem pertencer. Então, evitam se expor para não correr o risco de exclusão. É por isso que entram nas *trends* sem saber o motivo

Alice Dias



Foto: Roberto Guedes

Alunos de uma escola de João Pessoa são educados a ter um olhar crítico sobre as redes

Táticas de autoproteção para transformar a exibição em escolha

Fugir da câmera pode ser, no fundo, uma forma de autoproteção. Para Alice Dias, o caminho para mudar essa relação passa pelo fortalecimento da autoestima. “Quando o adolescente se reconhece, entende quem é e o que gosta, ele lida melhor com a própria imagem. A foto deixa de ser julgamento e vira lembrança”.

Mas, na era das redes, tudo ganha novas camadas. Os adolescentes sabem dos riscos e tentam se proteger como podem — às vezes, criando diferentes versões de si mesmos *on-line*.

A estudante Giovanna Polimeni, de 16 anos, tem duas contas no Instagram: uma pública e outra privada. “Eu mais vejo do que posto. No

público, coloco o básico — família, amigas. No privado, posto o que é mais meu, o dia a dia. Penso muito antes de publicar qualquer coisa. Hoje, tudo é motivo pra alguém comentar ou fazer piada”.

Amanda Côrtes, também de 16, mantém três perfis: “No principal, posto fotos com a família. No privado, só brincadeiras entre amigos. E, no *daily*, é onde compartilho dicas de roupa, maquiagem, essas coisas. Não é esconder da família, é evitar julgamento. A gente se sente mais à vontade quando sabe que só amigos vão ver”.

Maria Luiza Mendonça, de 16 anos, reforça o ponto: “A rede social hoje não é segura. Já recebi mensagens indevidas de adultos. Te-

nho três contas: uma pública, uma privada e uma só de meninas. Lá eu me sinto mais protegida”.

O colega Kleber Aurélio, de 16 anos, resume com sinceridade: “Às vezes, não é vergonha do rosto, é medo de virar meme”. Pedro Campos, também de 16, completa: “Pra mim, foto tem que ser momento, não obrigação”. Artur Ribeiro, um ano mais velho, segue o mesmo caminho. “Tenho uma conta pública e outra privada. Na privada, sou mais eu, sem medo de julgamento”.

Para Alice, esses relatos mostram que os adolescentes não estão apenas se escondendo — estão aprendendo a se preservar. “Eles têm noção dos riscos e buscam se-



Foto: Roberto Guedes

Existem aqueles que usam estratégias de perfis fechados para resguardar a imagem

gurança. Nosso papel é ajudá-los a encontrar equilíbrio: que possam viver o agora, sem que tudo precise virar *post*. A foto deve ser memória, não cobrança”.

No fim das contas, talvez fugir do clique seja um gesto de autonomia. A geração que nasceu sob os *flashes* quer, mais do que nunca, decidir quando — e se — vai apare-

cer. E, quando cobrem o rosto na hora da foto, o recado é claro: “Deixa eu ser eu, no meu tempo e do meu jeito”, como resume a psicopedagoga Alice Dias.

CRIMES DIGITAIS

Deepfakes preocupam autoridades

Imagens sexuais adulteradas por IA disseminam-se em escolas; PB é vice-líder em ranking de casos noticiados no país

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Com o advento da inteligência artificial (IA), novos tipos de crimes cibernéticos vêm surgindo na sociedade. Um deles é o chamado *deepfake* sexual (ou pornografia *deepfake*). De acordo com uma pesquisa divulgada, neste mês, pela organização não governamental (ONG) SaferNet — que promove a defesa dos direitos humanos na internet —, a Paraíba é, ao lado do Rio de Janeiro, o segundo estado brasileiro onde mais houve notícias de ocorrências desse crime em escolas.

As *deepfakes* sexuais são imagens de nudez ou de cunho sexual, criadas com recursos de inteligência artificial, sem o consentimento das pessoas representadas. Isso caracteriza uma clara violação da privacidade e da dignidade dos alvos, já que esses conteúdos podem ser fotos ou vídeos retratando cenas sexuais nunca ocorridas.

O crime incorre, portanto, na criação não consentida de imagens falseadas, aliada à divulgação desse material, o que gera não apenas constrangimento, como também diversas outras consequências sociais, psicológicas e até físicas. Crianças e adolescentes não são apenas vítimas, mas, em alguns casos, são quem comete esses crimes, inclusive no contexto escolar.

De acordo com o levantamento da SaferNet, o primeiro episódio de pornografia *deepfake* identificado no Brasil ocorreu em 2023, quando tecnologias de produção de imagens por meio de IA evoluíram notavelmente e tornaram-se mais acessíveis aos usuários. Ao identificar, daquele ano até 2025, 16 casos de *deepfakes* sexuais registrados em escolas do país e repercutidos na imprensa, com pelo menos 70 vítimas, a ONG elaborou um *ranking* que coloca a Paraíba na vice-liderança, com dois episódios noticiados — o mesmo índice do Rio de Janeiro —, atrás apenas de São Paulo, que somou seis ocorrências veiculadas no período. A lista engloba mais sete estados, cada um com um único registro na mídia: Alagoas, Bahia, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Sul.

Diretora de projetos especiais da SaferNet, Juliana Cunha explicou a necessidade de um olhar atento sobre essas novas formas de crime e como um mapeamento nacional pode contribuir para soluções conjuntas contra o problema. “Sabemos que pode ser muito difícil falar sobre isso, mas a voz das vítimas é essencial para dimensionar o problema e ajudar outros adolescentes no futuro. Com a pesquisa, queremos elaborar um relatório inédito no Brasil sobre o tema e incentivar autoridades públicas a construir uma resposta a essa demanda, com soluções que façam diferença no dia a dia dos adolescentes”, analisou Juliana.

■ Conforme a pesquisa da SaferNet, a Paraíba registrou duas ocorrências de 2023 a 2025

Vítimas podem contar com delegacia especializada e o Conselho Tutelar

Segundo o delegado João Ricardo, da Delegacia Especializada em Crimes Cibernéticos (Decc) da Polícia Civil da Paraíba (PCPB), apesar de os casos de pornografia *deepfake* ainda não serem tão rotineiros, representam um desafio crescente, visto que é cada vez mais fácil produzir conteúdos audiovisuais de qualquer ordem, inclusive os criminosos, mediante a inteligência artificial.

“Tivemos um caso no ano passado, quando uma professora foi vítima disso — fotografias que pareciam muito reais, mas com *deepfake*. Conseguimos identificar os adolescentes que fizeram essa montagem, divulgada em duas escolas e causando muitos transtornos psicológicos à vítima”, lembrou o delegado. O titular da Decc detalhou, ainda, que Boletins de Ocorrências de crimes desse tipo podem ser feitos em qualquer delegacia policial do estado, para que se possa, posteriormente, ser iniciada a investigação sobre o caso denunciado. Conselheira tutelar na região de Mangabeira, na

Efeitos

Delegado lembra caso no qual uma professora passou por transtornos psicológicos, após ter sido alvo de uma montagem do tipo, feita por estudantes

Zona Sul de João Pessoa, Verônica Oliveira também começa a se deparar com denúncias desse gênero. Em sua avaliação, o Conselho Tutelar precisa estar atento aos novos métodos de delitos, para poder conseguir garantir a proteção e a conscientização dos jovens de maneira mais precisa, diante do uso criminoso das ferramentas modernas da internet. “Após investigar, a delegacia pode encaminhar o caso para o Conselho Tutelar, para podermos aplicar as medidas de proteção, em caso de vítimas menores de idade. Encaminhamos, ainda, uma notícia de fato para o Ministério Público, para que se constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da criança ou adolescente”, esclareceu Verônica.

Contextos Na internet, a manipulação e a difusão de imagens de cunho sexual acaba manifestando-se como mais uma modalidade de crime digital. O compartilhamento não consensual de vídeos ou fotos criadas por IA acontece, muitas vezes, por vingança — após termos de relacionamento, por exemplo. Também é comum haver casos motivados por uma perspectiva de monetização, quando até pessoas famosas tornam-se vítimas desse tipo de delito, numa espécie de exploração sexual digital. Existe, ainda, a pornografia infantil via *deepfake* e os crimes de ódio, que podem ser realizados por meio de recursos de manipulação, com o objetivo de ameaçar ou subjugar pessoas.

Legislação brasileira já dispõe de dispositivos para punir a prática

Ainda não há uma lei que trate expressamente da pornografia criada a partir da adulteração de imagens de pessoas, com auxílio da inteligência artificial e sem o consentimento delas. De todo modo, a legislação brasileira possui dispositivos que já protegem a privacidade e a dignidade de vítimas desse tipo de delito digital. A difusão de *deepfakes* sexuais pode, certamente, gerar difamações, injúrias e calúnias, crimes que são previstos no Código Penal Brasileiro, com sanções que variam de um mês a dois anos de reclusão. Além disso, a Lei nº 13.718/2018 aborda a divulgação de sexo ou pornografia sem consentimento como crime, com pena de um a cinco anos de reclusão. Quando as vítimas são menores de idade, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) protege quem é alvo desse gênero de delito. O artigo 240 do ECA, que trata de pornografia infantil, prevê pena de reclusão de quatro a oito anos, além de multa. O artigo 241-C é ainda mais específico, sendo o dispositivo mais atento à pornografia *deepfake*. Ele proíbe a simulação de “participação de criança ou adolescente em

Facilidade na criação de conteúdos representa desafio crescente

■ Segundo a Lei nº 13.718/18, a publicação não consentida de cenas de sexo ou pornografia pode gerar pena de um a cinco anos de reclusão

cena de sexo explícito ou pornográfica, por meio de adulteração, montagem ou modificação de fotografia, vídeo ou qualquer outra forma de representação visual”. A pena varia de um a três anos de privação de liberdade, mais multa. Quando o autor dessas manipulações de imagens é menor de idade, o ato acaba por ser enquadrado como infração análoga ao crime previsto no artigo 241-C do ECA, com sanções alternativas pelo mesmo período estipulado pelo estatuto. “Teve um caso que acompanhamos de uma menina de 13 anos que estava conversando com um homem de outro estado, e ela foi vítima de um estupro virtual. Ele mandava vídeos horríveis dela. O encaminhamento, portanto, é sempre para a delegacia, porque é um caso policial”, destacou a conselheira tutelar Verônica Oliveira.

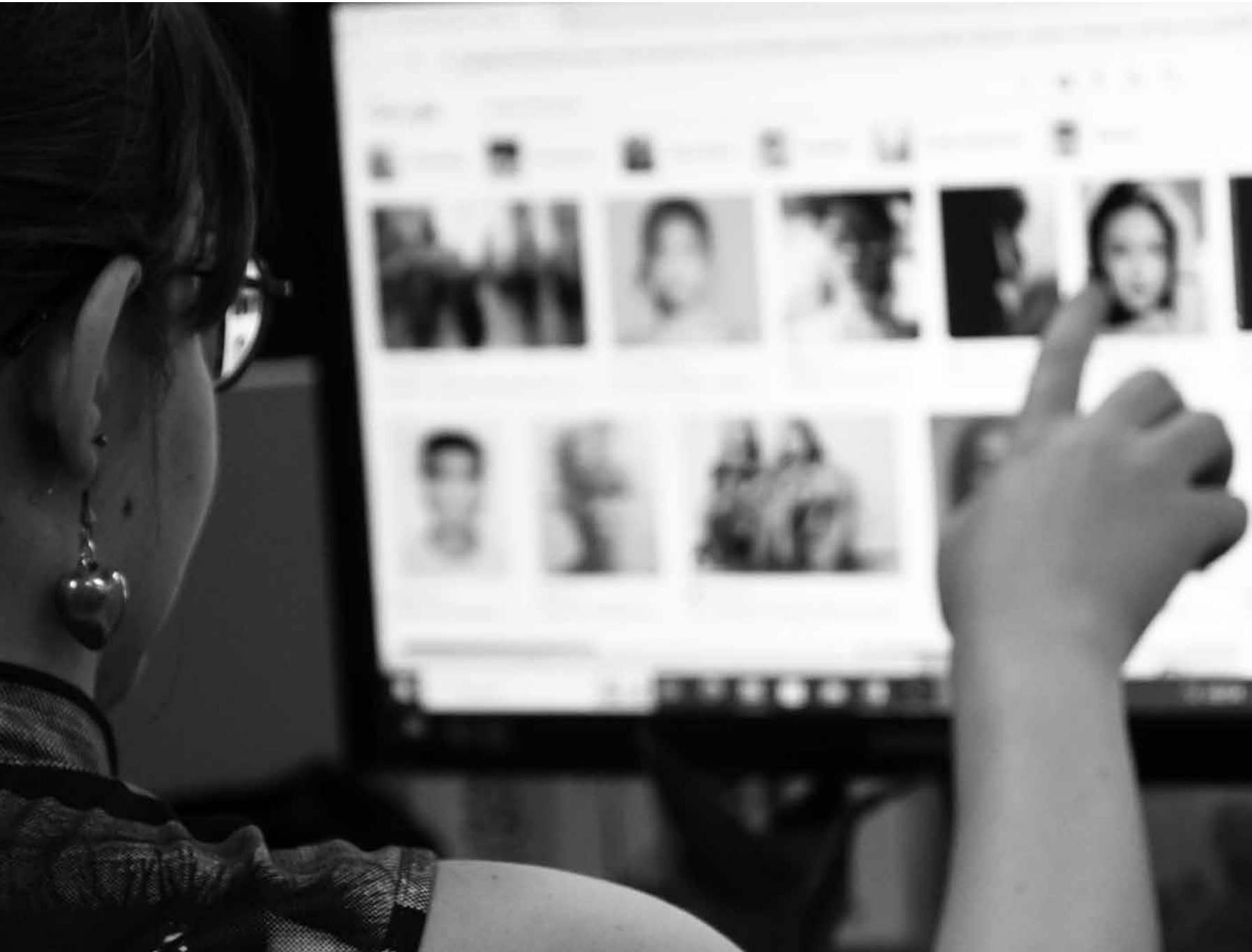


Foto: Evandro Pereira

Delito consiste na produção e na difusão não consensual de vídeos ou fotos pessoais sexualizados, modificados com recursos de inteligência artificial

Foto: Evandro Pereira

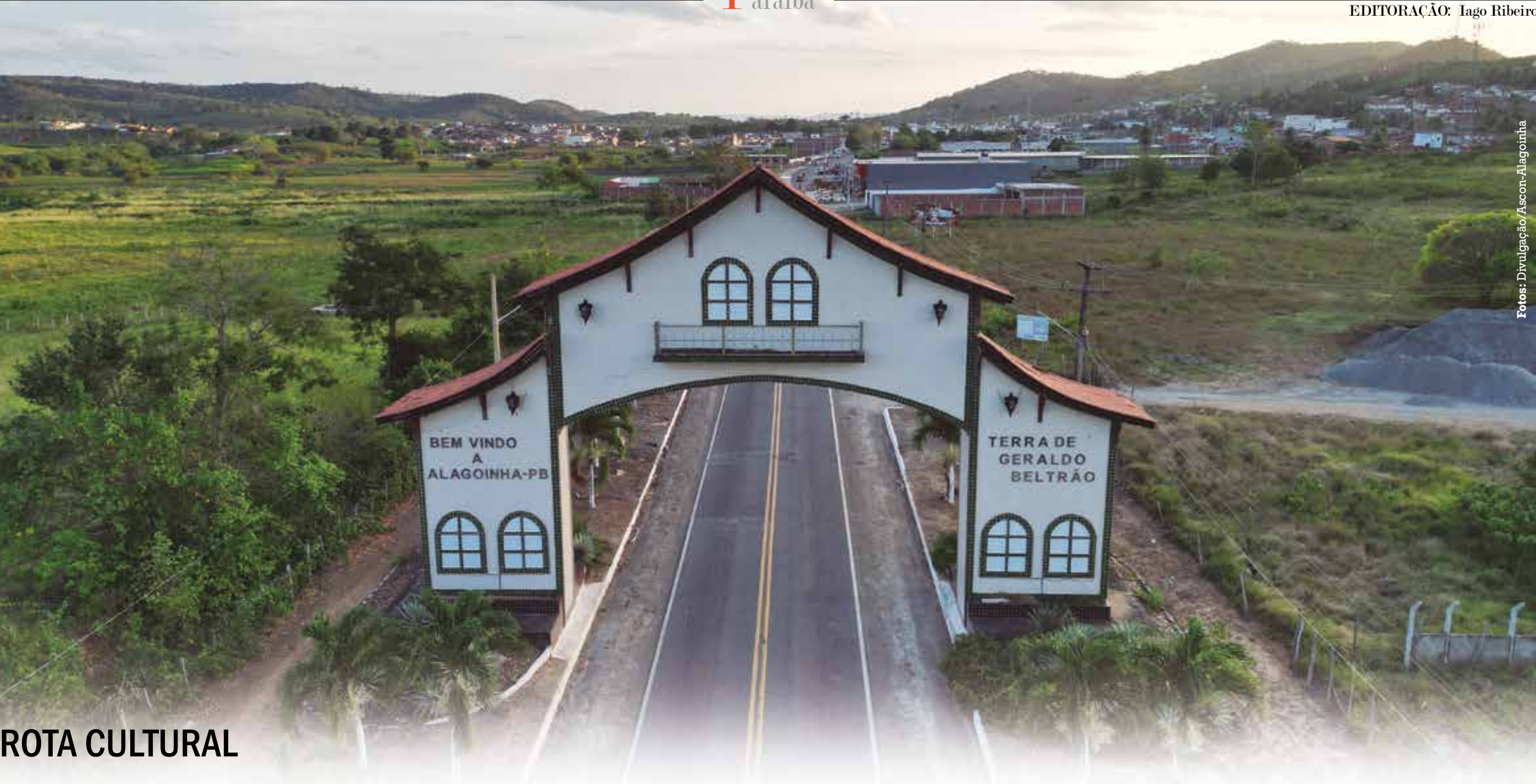


Foto: Divulgação/Ascon-Alagoinha

ROTA CULTURAL

Raízes do Brejo anima Alagoinha

Evento reúne artistas, grupos locais e visitantes de várias regiões em um fim de semana dedicado às raízes nordestinas

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Conhecida por ser a terra natal do advogado criminalista Geraldo Beltrão, cujo nome batiza um dos presídios da Paraíba, Alagoinha é a segunda cidade a receber a Rota Cultural Raízes do Brejo. Localizado no Brejo paraibano, a 100 km de João Pessoa, o município recebe o evento de sexta-feira (24) até o domingo (26). A prefeitura municipal estima que de 10 a 15 mil pessoas deverão passar por Alagoinha nos três dias de festividades.

“A expectativa é receber um público expressivo, for-

mado por visitantes de várias cidades paraibanas e por turistas de outros estados, como aconteceu nos anos anteriores”, explicou o secretário de Cultura e Turismo, Francisco Júnior. Ainda de acordo com o secretário, o evento tem a intenção de proporcionar, para o povo da cidade, um resgate das suas raízes, além do acolhimento de cada visitante que chegar ao município.

Com cerca de 14 mil habitantes, segundo o Censo 2024 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Alagoinha prepara uma programação diversificada para receber os turistas. A agenda inclui atrações culturais e

gastronômicas voltadas ao fomento da identidade regional, além de atividades de aventura, como passeios ciclísticos e trilhas em carros 4x4.

A Rota Cultural Raízes do Brejo está em sua sétima edição. A iniciativa é promovida pelo Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FRTSB-PB), com apoio do Governo do Estado. As celebrações começaram em 16 de outubro e vão até 28 de dezembro, com programação realizada às sextas-feiras, aos sábados e aos domingos de cada semana. A Rota percorre 10 cidades paraibanas — Lagoa de Dentro, Alagoinha, Serra da Raiz, Dona Inês, Jua-

rez Távora, Guarabira, Pirpirituba, Belém, Duas Estradas e Pilõesinhos compõem o roteiro da celebração

Josenildo Fernandes, presidente do FRTSB-PB, comentou que o produto turístico é uma rota diferenciada, porque abarca uma outra parte da região. “Nossa intenção é também dar visibilidade a esses pequenos municípios, que vão mostrar o seu charme, a sua vivência, a sua experiência, e vai encantar o turista de outra maneira”.

Na avaliação do secretário Francisco Júnior, integrar essa Rota Cultural é valorizar a identidade local, fortalecer o turismo regional e criar oportu-

nidades para o povo alagoi-nhense. Para ele, o festival é mais do que um evento, é um movimento que mexe com toda cidade, que se une para celebrar a força que a cultura e o turismo que Alagoinha tem.

“O evento é uma vitrine para mostrar o que temos de mais bonito: nossa arte, nossa cultura, nossa gastronomia, os talentos de nossos artistas, nossa fé, nossas tradições e nossa capacidade de transformar o simples em grandioso”.

A agenda de atividades no município está repleta de cultura, arte e identidade popular. “A preparação está sendo feita de forma coletiva e participativa. A Prefeitura,

por meio da Secretaria de Cultura e Turismo, uniu esforços com artistas, artesãos, escolas, grupos culturais e outras secretarias, para que tudo fosse construído a muitas mãos”, comentou o secretário Francisco Júnior. Ainda de acordo com ele, Alagoinha está sendo ornamentada, os espaços culturais estão sendo revitalizados e a comunidade está mobilizada para receber bem cada visitante. “É um momento de união e orgulho, em que todos se sentem parte desse grande espetáculo cultural, dessa rota que vem trazendo desenvolvimento cultural e turístico para nosso município”.

Universo mágico de São Saruê será celebrado

A programação terá início na sexta-feira (24), às 8h, com o hasteamento da bandeira, seguido de um café da manhã na Prefeitura Municipal. Às 15h30, a Praça Geraldo Beltrão será palco de apresentações culturais das escolas da rede municipal.

A abertura oficial acontecerá às 19h30, na Praça Cultural Alfredo Moura, com a apresentação da banda de música Cidalino Pimenta e o espetáculo “Alagoinha, a Terra de São Saruê”. A apresentação está entre os destaques da programação, pois resgata o imaginário poético de Manoel Camilo dos Santos, autor do cordel “Viagem ao País de São Saruê” (1956), que inspirou o documentário do cineasta paraibano Vladimir Carvalho, “O País de São Saruê” (1972). Francisco Júnior relatou que o autor do cordel é natural de Alagoinha. “Na época, Alagoinha fazia parte da comarca de Guarabira, então o poeta foi registrado como sendo de Guarabira, mas de fato ele nasceu em Alagoinha”, explicou. Após o espetáculo, a cantora pernambucana Laura Pontes e o cantor Alisson Dantas animarão a noite.

No sábado (25), as atividades começam às 8h30, com a apresentação de cantadores de viola na feira livre. Às 12h, o almoço acontecerá no Recanto das Cirandeiros, espaço que celebra as tradições e a força da cultura popular



O largo de Alagoinha, em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, deve ser visitado

com muita ciranda e coco de roda, localizado no assentamento Senhor do Bonfim, espaço que celebra as tradições e a força da cultura popular, com muita ciranda e coco de roda. A programação noturna, ficará por conta do cantor e compositor Nonato Neto. Em seguida, os visitantes vão percorrer as principais ruas da cidade, ao som de muito frevo, com o Bloco do Pereira.

No último dia de evento, a agenda começa com um passeio ciclístico, às 7h. O percurso terá início na Praça da Igreja Matriz com destino à Vila Forró, no sítio Ribeiro

Novo, localizado entre os engenhos Balancinho e Ribeiro Novo. Quem visitar o local poderá contemplar uma paisagem de tirar o fôlego. Já às 8h30, os turistas poderão vivenciar um passeio com carros 4x4, saindo da Praça Geraldo Beltrão e passando pelos engenhos da Zona Rural, sendo finalizado também na Vila do Forró. Chegando lá, às 10h, os visitantes vão curtir atrações musicais e experiências gastronômicas.

Mais para conhecer

De acordo com o secretário Francisco Júnior, os turistas não podem deixar de

visitar o Largo de Alagoinha, em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, cartão-postal e ponto de encontro de famílias e visitantes. Além disso, a Praça Durval Barbosa é pedida certa, ofertando diversas opções para experimentar as delícias da culinária local, como o bolo de milho, o beiju e o tradicional café quentinho com tapioca, na feira livre. Para quem gosta de cachaça, o engenho da cachaça Boa do Brejo, com suas bebidas mundialmente premiadas, é uma opção para integrar a programação turística dos visitantes.

Indígenas e tropeiros construíram a história

A região onde hoje localiza-se Alagoinha era, por volta do século XVI, um ponto de passagem de contrabandistas franceses que procuravam ouro no local, conforme informações do portal da Prefeitura. Naquele período, o território era habitado por indígenas potiguaras.

O início do povoamento é atribuído à construção de uma residência em 1864, erguida para abrigar tropeiros que seguiam em direção à feira de Mamanguape. No entanto, há outra versão que atribui a fundação do povoado Luiz Honorato. Segundo essa perspectiva, em 1870, ele decidiu se estabelecer na região, construindo uma casa e um pequeno estabelecimento comercial. A partir daí, outros pioneiros juntaram-se, dando origem à comunidade.

O Distrito de Paz de Alagoinha foi criado em 25 de outubro de 1921, inicialmente como distrito de Guarabi-

ra. Em 30 de março de 1938, o povoado foi elevado à categoria de vila.

A emancipação política ocorreu em 3 de dezembro de 1953, e a instalação oficial do município deu-se em 30 de dezembro do mesmo ano, com a posse do primeiro prefeito, o renomado advogado criminalista e professor Geraldo Gomes Beltrão.

Sua destacada atuação na advocacia criminal foi reconhecida com a homenagem que dá nome à Penitenciária de Segurança Máxima Criminalista Geraldo Beltrão, localizada em João Pessoa.

■ **O primeiro prefeito após a emancipação foi o advogado criminalista Geraldo Gomes Beltrão**

Saiba Mais

Calendário da Rota Cultural Raízes do Brejo 2025:

■ Alagoinha: 24 a 26 de outubro;

■ Serra da Raiz: 7 a 9 de novembro;

■ Dona Inês: 14 a 16 de novembro;

■ Juarez Távora: 21 a 23 de novembro;

■ Guarabira: 28 a 30 de novembro;

■ Pirpirituba: 5 a 7 de dezembro;

■ Belém: 12 a 14 de dezembro;

■ Duas Estradas: 19 a 21 de dezembro;

■ Pilõesinhos: 26 a 28 de dezembro.

LITERATURA

Dando a letra

Sesc traz à Paraíba, nesta semana, escritores de seu prêmio literário e do projeto Arte da Palavra para encontros com o público



Carol Dall Farra (acima) e Sinara Rúbia (ao lado) são as atrações dos circuitos do Arte da Palavra

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Celebrando a Semana do Livro e da Biblioteca, o Serviço Social do Comércio (Sesc-PB) promoverá três eventos gratuitos nas cidades de João Pessoa e de Campina Grande. O Arte da Palavra reunirá as autoras Sinara Rúbia e Carol Dall Farra em circuitos de escrita criativa e de debates que começam amanhã, das 9h às 17h, no Sesc da capital. Uma circulação do Prêmio Sesc de Literatura terá rodas de conversas com dois dos laureados no ano passado, Patrícia Lima e Ricardo Maurício Gonzaga, também realizadas a partir de amanhã, às 19h, na Livraria do Luiz do MAG Shopping, em João Pessoa. O terceiro é o Palco Giratório, com a apresentação do espetáculo *Biblioteca de Dança*, do grupo baiano Dimenti: terça-feira (21), na capital, e quinta-feira (23), em Campina, sempre às 15h e nas respectivas unidades do Sesc.

No Arte da Palavra, Sinara Rúbia liderará o Circuito de Criação Literária. Depois de passar por João Pessoa, ela rumará para Campina Grande e trará a público a mesma pauta — será de quarta a quinta-feira (dias 22 e 23), das 14h às 17h, no Sesc Centro da Rainha da Borborema. Carol Dall Farra conduzirá o Circuito Oralidades — na capital, o encontro ocorre quarta, às 19h, na Praça da Paz do bairro dos Bancários; a escritora estará em Campina quinta, às 19h, em palco montado em frente ao Museu de Arte Popular da Paraíba (Mapp) — o popular Museu dos Três Pandeiros.

A fluminense Sinara Rúbia, nascida em um distrito da cidade de Itaperuna, é escritora de livros infantis, contadora de histórias e com uma pesquisa acadêmica em representatividade negra na literatura brasileira e história de África. Seu começo na literatura deu-se quando percebeu a falta de referência literárias negras ao tentar apresentar algumas delas para sua filha, em 2001.

Daí, criou o conto “Alafιά”, sobre uma princesa guerreira do Reino de Daomé, o que evoluiu para o livro *Alafιά, a Princesa Guerreira*, de 2019. Neste ano lançou *Inspiração Griot – Por uma Educação Antirracista*, no qual reflete sobre a literatura infantil juvenil sob essa perspectiva.

Já Carol Dall Farra nasceu em Duque de Caxias, Baixada Fluminense. É poeta, *rapper* e *slammer* (participante de batalhas de rimas), além de graduanda em Geografia pela UFRJ. É também atriz: pelo curta *Mc Jess*, recebeu o prêmio de melhor atuação do Festival Mix Brasil. Também esteve no elenco das séries *Vicky e a Musa* (2024) e *Cidade de Deus – A Luta Não Para* (2024). Em 2019, foi uma das poetisas convidadas para a primeira batalha de *slam* no Rock in Rio.

Pessoas invisibilizadas
No evento do Prêmio

Sesc de Literatura, o bate-papo com Patrícia Lima e com Ricardo Maurício Gonzaga, “A Palavra em Trânsito”, amanhã, em João Pessoa, será mediado pelo publicitário Lauriston Pinheiro. A dupla repetirá a dose em Campina, na quarta-feira (22), às 19h, na biblioteca do Sesc, com o escritor Bruno Gaudêncio na mediação.

Patrícia Lima, paulista, foi laureada no Prêmio Sesc de Literatura do ano passado, na categoria conto: o escolhido foi o livro *A Glória dos Corpos Menores*, antologia de textos sobre o cotidiano fantástico de pessoas invisibilizadas por seu gênero, sexualidade ou condição social. “Eles são levados ao protagonismo de forma diferente do que a realidade dispõe. E o mais interessante é que eles têm histórias profundas. São grandes epifanias, grandes alegrias. E também, grandes percepções do mundo. E não, necessariamente, coisas bonitas, mas percepções cruciais que os levam a modificar suas histórias”, explica.

Considerando a produção de contistas mais experientes, Patrícia cita os trabalhos de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Alice Munro como fontes de inspiração para seus textos, além de outros tantos autores brasileiros, consagrados por meio de narrativas curtas ou longas: “Há os clássicos brasileiros, como Machado de Assis, Mário de Andrade, Guimarães Rosa. E alguns artistas contemporâneos que admiro muito, como o João Anzanello Carrascoza, Andrea Del Fuego e Conceição Evaristo. Também a Natália Borges Polesso, do universo LGBTQIA+”.

Patrícia participou do Arte da Palavra 2020 (na época, como mediadora) e atesta, desde então, a força da empreitada na formação de novas gerações de leitores e de entusiastas da cultura: “Eu moro em Bauru, São Paulo, e o Sesc era a minha vida. Eu estava sempre por lá, assistindo shows, peças, indo em clubes e s

de leitura. A importância disso tudo é indescritível. E imprescindível”.

Contexto de violência

Já Ricardo Maurício Gonzaga, capixaba, venceu o Prêmio Sesc graças ao romance *Bololô – Gaiola Vazia*. A narrativa acompanha uma família imersa num contexto de violência quase que irremediável; é baseada em um conto, escrito por ele, anos antes.

“Apresentava essa família de pai, mãe e quatro irmãos, Sol Perigo, Roque Perigo, Gato Perigo e Música Maria. E terminava em aberto. Só que comecei a ter novas ideias, de nomes, situações que me levaram, em madrugadas de insônia, a recorrer ao celular carregando ao lado da cama para não perder o que vinha sendo quase que sonhado”, recorda.

As influências de Ricardo também oscilam entre clássicos (Dostoiévski e Tolstói, russos) e contemporâneos (José Saramago e Valter Hugo Mãe, portugueses). Os autores que desafiam a ortodoxia, como Gabriel García Márquez (colombiano) e Júlio Cortázar (argentino) também se fazem presentes: “Dentre os brasileiros, Guimarães Rosa, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, Clarice... De alguns desses autores, a influência incidiu sobre a forma do texto, o ritmo; de outros, veio uma certa atmosfera; de outros, ainda, o modo de estruturar a narrativa, o enredo”.

Ricardo assevera que para além dos prêmios materiais do Sesc — dinheiro e a publicação do livro —, outro ganho importante é a oportunidade de viajar o Brasil: “E como isso implica em recepções variadas em cada lugar que eu e Patrícia Lima chegamos. Encontrar leitoras e leitores com suas perguntas, falar do processo de criação dos livros, tudo isso tem sido uma experiência muito intensa para nós”.



Patrícia Lima ganhou o Prêmio Sesc na categoria conto; Ricardo Maurício Gonzaga, em romance

SEMANA DO LIVRO E DA BIBLIOTECA

JOÃO PESSOA

ARTE DA PALAVRA

Amanhã

9h – Circuito de Criação Literária, com Sinara Rúbia. *No Sesc Centro de Arte, Cultura e Esporte, em João Pessoa.*

Quarta

19h – Circuito Oralidades, com Carol Dall Farra. *Na Praça da Paz, em João Pessoa.*

PRÊMIO SESC DE LITERATURA

Amanhã

19h – Bate-papo com Patrícia Lima e Ricardo Maurício Gonzaga. *Na Livraria do Luiz, em João Pessoa.*

PALCO GIRATÓRIO

Terça

15h – Biblioteca de Dança, do Grupo Dimenti (BA). *Na Biblioteca do Sesc, em João Pessoa.*

CAMPINA GRANDE

ARTE DA PALAVRA

Quarta

14h – Circuito de Criação Literária, com Sinara Rúbia. *No Sesc Centro, em Campina Grande.*

Quinta

14h – Circuito de Criação Literária, com Sinara Rúbia. *No Sesc Centro, em Campina Grande.*

19h – Circuito Oralidades, com Carol Dall Farra. *No Açude Velho, em Campina Grande.*

PRÊMIO SESC DE LITERATURA

Quarta

19h – Bate-papo com Patrícia Lima e Ricardo Maurício Gonzaga. *Na Biblioteca do Sesc, em Campina Grande.*

CINE SESC

Quarta

20h20 – Exibição do filme *A Hora da Estrela*. *No Teatro do Sesc, em Campina Grande.*

PALCO GIRATÓRIO

Quinta

15h – Biblioteca de Dança, do Grupo Dimenti (BA). *Na Biblioteca do Sesc, em Campina Grande.*

ONDE:

■ **LIVRARIA DO LUIZ** (MAG Shopping, Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, nº 115, Manaira, João Pessoa).

■ **SESC CENTRO DE CULTURA, ARTE E ESPORTE** (R. Desembargador Souto Maior, nº 281, Centro, João Pessoa).

■ **PRAÇA DA PAZ** (Bancários, João Pessoa).

■ **SESC CENTRO** (R. Giló Guedes, nº 650, Centro, Campina Grande).

■ **MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA** (R. Dr. Severino Cruz, s/n, Centro, Campina Grande).

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Do vazio à proximidade: o amor segundo Lacan e Simmel

Uma das ideias comuns ao amor romântico é o encontro entre metades perfeitas que se encaixam formando uma unidade. A crença de que nos escapa algo, de que vivemos num estado primordial de carência, em falta, até nos conectarmos com a pessoa amada – o que garantiria a plenitude.

Essa é uma concepção que Lacan rejeita. Para ele, o amor é o que podemos chamar de um “mal-entendido necessário”. Em certo sentido, Lacan assume uma visão filosófica idealista. Nós não amamos com base no que a pessoa realmente é, mas a partir de uma representação inconsciente sobre o outro.

Dito de outra maneira: nos amamos a partir da falta e da maneira como acreditamos que essa pessoa amada a preenche. É por isso que ele vai dizer que “amar é dar o que não se tem a alguém que não quer.” A falta seria a base do amor, aquilo que nos constitui como seres desejantes. O que oferecemos uns aos outros, em nossa trágica e eterna condição de fragilidade. O amor é o momento no qual essas duas solidões, impotentes criaturas, se cruzam da forma mais profunda possível.

É uma situação em que se transferem carências e vazios, que quase sempre não gostamos de receber, mas que aceitamos por causa do amor. Geralmente não sabemos ao certo por que amamos a outra pessoa, nem o que ela quer de fato. No entanto, gostamos dela e queremos apenas prolongar essa relação pelo prazer que isso produz. Isso nos levaria a uma busca contínua por oferecer algo que compense a troca entre vazios, gerando assim um esforço pela criatividade e uma

procura incansável pelo contentamento da pessoa amada.

Gosto de pensar o amor numa visão mais sociológica, que está baseada no grau de proximidade que uma relação pode alcançar, que pode ser vista como um contraponto à concepção lacaniana. Para isso, é importante deslocarmos o amor do paradigma da falta e trazê-lo para o campo da ontologia da presença e da relação. É na intimidade, nas experiências profundas, nas trocas de vazios, e, sobretudo, nos nossos preenchimentos – o que há de mais fundamental. É uma forma de ver o amor que não tem na falta o elemento central, mas naquilo que nos aproxima, no que partilhamos e construímos juntos.

Amar, dessa forma, é estabelecer um espaço de copresença, uma forma de “estar-com” (como pensava Heidegger). Nesse sentido, o amor é mais experiencial, corpóreo e relacional do que uma representação do inconsciente. Ele se funda em práticas de cuidado, na partilha de tempo e intimidade, no reconhecimento mútuo, nas trocas, nas vivências, na construção de uma intersubjetividade, num mundo comum com o outro – em uma fenomenologia da intimidade. O vínculo não é, necessariamente, da ordem do desejo e da falta, mas uma continuidade de corpos, de memórias, compartilhamentos, de ritmos e afetos, que é socialmente reforçada.

Essa ideia nos ajuda a pensar outras formas de amor, alargando a percepção sobre o tema. Por exemplo, nós amamos nossos animais de estimação, não por uma falta constitutiva, mas devido à relação de proximidade e afeto que cons-

truímos com eles. De uma forma muito estranha e inusitada, é verdade, porque não conseguimos nos comunicar com os animais através de uma linguagem simbólica como fazemos com os seres humanos. Estamos apartados pela linguagem, mas, mesmo assim, conseguimos criar um vínculo afetivo profundo. É algo mais da ordem da corporeidade, das trocas concretas de afeto, das vivências, do que qualquer suposta representação inconsciente sobre esse outro.

A sociologia de Georg Simmel pode nos oferecer uma contribuição riquíssima para essa discussão. Para o autor, a sociedade não deve ser pensada como uma estrutura fixa. Ela se explica a partir do nosso entrelaçamento com os outros sujeitos. É antes de tudo sociação (*Vergesellschaftung*). A sociedade existe onde indivíduos interagem entre si. Essas relações se estabelecem por vários motivos, sejam de amizade, cooperação, conflito, dominação e amor.

O amor, nesse sentido, é uma forma muito especial de sociação. Na medida em que ele cria uma união intensa, sem dissolver a nossa individualidade. O amor simmeliano é ao mesmo tempo unidade e diferença. A proximidade de tipo mais elevado, não impede, porém, que cada sujeito continue distinto. A relação amorosa envolve troca recíproca de afetos, de experiências e cuidados, capaz de produzir um novo microcosmo social. Simmel vê no amor, ainda, uma experiência que nega a função utilitária das relações sociais. Ele não é apenas para reprodução, mera representação ou status. É uma expressão da sociabilidade humana.

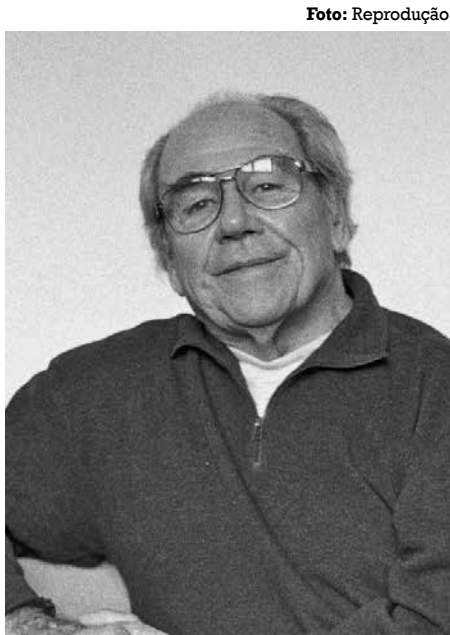
Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Simulacro: a sedução da mentira

Simulacro refere-se a algo irreal que se tornou tão parecido com o real que não é possível distinguir qual é o verdadeiro. A teoria do simulacro – desenvolvida pelo filósofo e sociólogo francês Jean Baudrillard (1929-2007), em seu livro *Simulacros e Simulação*, publicado em 1981 – constitui uma reflexão sobre a sociedade contemporânea. Uma de suas teses defende que o real e sua representação se tornaram indiscerníveis. Isso deu início a um sistema de imagens e signos no qual a realidade concreta desaparece, dissolvendo-se na proliferação de reproduções ou narrativas que já não remetem a uma origem estável. Nessa perspectiva, muitas pessoas vivem imersas em uma falsidade, na qual a própria noção de verdade se converte em um efeito produzido pelas representações enganosas.

Para Baudrillard, o simulacro não remete a nenhuma realidade anterior e não possui originalidade. Esse conceito é necessário para compreender o funcionamento simbólico da sociedade contemporânea e como algumas pessoas constroem uma imagem falsa de si mesmas, na qual discursos e falas produzem uma autossuficiência egoísta, experimentada como mais verdadeira do que o próprio real. Esse processo se articula com a noção de simulação, que Baudrillard distingue da representação. Representar é presumir um vínculo, ainda que frágil, com a realidade. Simular é instaurar um sistema de signos que já não necessita de referente externo. A simulação não copia o real, mas cria cenários, relacionamentos, experiências, paixões e emoções que passam a ser vividos como autênticos, ainda que sejam artificiais. A simulação, portanto, constitui o mecanismo que sustenta a emergência do simulacro. É nesse processo que se manifesta a hiper-realidade baudrillardiana, uma dimensão que ultrapassa a realidade empírica e adquire maior intensidade do que o próprio real. Trata-se da substituição do espaço social concreto por outro, saturado de imagens enganosas e de discursos sedu-



Baudrillard: “Simulacros e Simulação”

tores, porém falsos. Esse fenômeno manifesta-se também na disputa pelo poder, discursos vazios e manipuladores autoritários alimentam a indiferença às instituições. Reduzidos a slogans, funcionam como gatilhos emocionais, e a linguagem, em sua dimensão hiper-real, cria ideais artificiais onde a aparência anula a verdade e o bem-estar social.

Na hiper-realidade, o sujeito não distingue o que é originário e o que é falsificado. Ele se relaciona com representações como se estas fossem a própria essência do social ou de si mesmo. Baudrillard identifica três fases evolutivas do simulacro, cada qual correspondendo a uma etapa histórica e cultural. Na primeira, característica da pré-modernidade, a imagem é concebida como reflexo da realidade e sua autenticidade é medida pela proximidade com o modelo real. Aqui, a imagem ainda é um marcador artificial. A segunda é própria da modernidade, emerge com a possibilidade de reprodução em massa. Com a expansão da indústria cultural e das mercadorias, a cópia prolifera e começa a ameaçar a singularidade do original. Já não há aura inimitável, mas múltiplas reproduções que coexistem com o original

e acabam por se tornar igualmente reais e passam a competir com o real na produção de sentido. Na terceira, própria da pós-modernidade, a distinção entre real e representação desaparece de modo radical. O simulacro precede o original: já não há modelo anterior, mas apenas cadeias de signos que se referem a si mesmos, em que a imagem não apenas substitui o real, mas o anula. Nesse processo, conceitos como autenticidade, essência ou originalidade perdem sua relevância, pois o sujeito já não vive em um mundo de coisas, mas em um universo de signos. As implicações desse diagnóstico são visíveis em múltiplos aspectos da vida social e interpessoal, especialmente nas redes sociais e na criação simbólica de personas idealizadas. O ‘eu’ projetado na realidade virtual adquire mais consistência do que a própria vida real, enquanto as mentiras operam como simulacros, moldando percepções tanto pela fuga da vida concreta quanto pela necessidade de aprovação.

Baudrillard mostra que viver na era da hiper-realidade significa habitar um espaço em que a distinção entre o verdadeiro e o falso, o real e o imaginário, o original e a cópia, torna-se cada vez mais irrelevante. A sua teoria tornou-se uma reflexão sobre os limites entre realidade e ficção, e a perceber que a realidade concreta das pessoas já não se organiza em torno daquilo que é, mas daquilo que parece ser a própria necessidade de mentir para si e aos outros.

Sinta-se convidado à audição do 540º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 19, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, analisarei algumas peças e destacarei a importância da obra do regente, compositor e pianista austríaco Franz Liszt (1811-1886) para o desenvolvimento do senso crítico e da espiritualidade, por meio da arte, da teologia e da filosofia.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Os horrores do bode

Uma história antiga que começou em 1930 e terminou (e nunca termina) em 1961, na República Dominicana: uma civilização chegando a dois séculos, quase toda destruída pelo ditador Rafael Leonidas Trujillo Molina. Fecho os olhos, fecho o livro: *A Festa do Bode*, romance de Mário Vargas Llosa, que arrasta uma crueldade sem limites, de uma história que me dá vontade de chorar.

Vamos começar por Minerva, que tinha esse nome, certamente, ligado a deusa romana. A Minerva da sabedoria, da justiça, equivalente a deusa grega Atena, frequentemente representada com uma coruja, além de um capacete, lança e escudo. O que mais chama atenção em seu personagem, é a coragem.

“Se me matam, levantarei meus braços e serei mais forte”, disse Minerva em resposta àqueles que a advertiram sobre sua oposição, que iriam matá-la. E matam numa emboscada, ela e as irmãs, após terem visitado seus maridos, que estavam presos.

De volta para casa, as três irmãs Minerva, Patria e Maria Tereza Mirabal e o motorista Rufino de La Cruz são interceptados por um grupo de homens a serviço do ditador Rafael Trujillo, cujo intuito era destruir futuros. Lembrar que isso foi ontem e nada os impediu...

Vamos direto ao assunto – a queda do ditador dominicano Rafael Leonidas Trujillo Molina, não é nada perto dos horrores que ele fez na República Dominicana. Não há antídoto contra esse mal. A ordem era matar mesmo, enforcados e espancados e todos os tipos de barbárie que sequer imaginamos.

A Festa do Bode (2011), que só fui ler em setembro deste ano, mostra que Mario Vargas Llosa nos coloca de pé diante dos personagens que parecem equivocados e, a partir daí, vem a genialidade do autor, que cumpre à risca o propósito de nos hipnotizar até o fim do livro. Dizer que o romance é bem escrito é o óbvio. O enredo preenche 450 páginas.

Durante a obra somos guiados por cenas retroagidas e odiadas. A personagem Urania, radicada nos EUA por mais de 30 anos, volta à República Dominicana para visitar o pai, Agustín Cabral, um dos aliados de Trujillo. Nesse tempo o pai estava muito doente, morre e ela nunca perdoou. Seu pai na época deixou que o ditador abusasse dela sexualmente.

A segunda narrativa acompanha o próprio Trujillo e a forma com que ele se relaciona com as pessoas ao seu redor. Por fim, temos o grupo que trama o atentado contra o ditador, onde o leitor conhece um pouco da história desses personagens e o papel de cada um na conspiração.

A conclusão é que o livro é absolutamente necessário – missão que se torna ainda mais louvável quando levamos em conta a narrativa não linear apresentada, a qual foi pensada com muito cuidado para não se tornar duvidosa. Fato é que não existe a possibilidade do leitor largar o texto inteligente de Vargas Llosa.

A obra cruza o inferno de todos nós, com o auxílio da documentação e o ficcional, mas não foge da surpreendente literatura detalhista do escritor peruano. Só Vargas Llosa para descrever a Festa do Bode, com espaços imensos na literatura.

Kapetadas

- Só existe uma coisa mais falsa que a modéstia: promessa de campanha
- Tá tudo tão falsificado que se comprar metanol, é capaz de vir leite.



Patria, Minerva e Maria Tereza Mirabal: contra a ditadura

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Nova História da Paraíba será lançada

Sempre foi assim. Por meio de uma ligação telefônica, conclamando-me a um novo evento seu ou simplesmente deixando uma publicação na portaria do prédio onde moro. Nossa amizade é coisa de tempos a se perderem de vista.

Esta semana não foi diferente, com mais um chamamento para a reedição de sua obra *Nova História da Paraíba – Das Origens aos Tempos Atuais*, do amigo e historiador paraibano José Octávio de Arruda Mello, editada pela Tamarindo. O lançamento está previsto para a próxima sexta-feira na Academia Paraibana de Letras. Evento que faz parte de um conagraçamen-to entre muitas academias de letras, com exposições culturais e lançamen-to de livros, entre eles o do amigo Zé Octávio. O Encontro de Academias terá a presença de escritora e histo-riadora carioca Mary Del Priore. E se-gundo Octávio, “ela é uma renovado-ra de nossos estudos sociais, com as abordagens sobre crianças, mulheres e velhos. Muito divulgada na Paraíba pelo Grupo José Honório, Del Priore torna-se autora, com o colega Renato Venancio, de inusitada *Uma Breve His-tória do Brasil*.

Pois bem, nossa parceria vem de muito longe, e muitas de minhas re-flexões sobre história da Paraíba fo-ram motivadas pelo amigo e histo-riador José Octávio de Arruda Mello. Inclusive, quando assistimos ao filme de Machado Bitencourt, *O Caso de Car-lota*. Uma obra importante, que fez par-te de uma programação do próximo Festival de Arte de Areia, cujo patro-no desse ano foi o historiador areien-



José Octávio de Arruda Mello autografa seu novo livro na próxima quinta-feira, na APL

se Horácio de Almeida, um outro íco-ne paraibano.

Quanto ao Festival de Areia e ao próprio Zé Octávio, isso me lembra uma passagem nossa bastante interes-sante, lá pelos idos do início de 1980, quando funcionário do Governo do Estado e fazendo assessoria na Dire-toria Geral de Cultura (DGC), no Cen-tro Administrativo, depois no antigo Grupo Tomaz Mindello, no centro da cidade, com Raimundo Nonato Batis-ta. Naquela época (e jamais esqueci), disse-me Zé Octávio: “Alex, vamos dar preferência à prata da casa”. Entendi o recado, justamente pelo fato de que o

festival, até então, primava mais pe-los valores não locais. Ciente de tão importante solicitação, convidei o ci-neasta Machado Bitencourt, com quem já vinha trabalhando, para participar do Festival de Arte de Areia pela pri-meira vez.

Por essas e outras vezes, nossa “troca de figurinhas” tem sido amiú-de. Mais recentemente, convidei Zé Octávio a fazer apresentação de meu livro *Menino de Cinema – Remake de uma Vida*, editado pela Ideia, ao que logo se prontificou. – *Para mais “Coisas de Ci-nema”, acesse nosso blog: www.alexsan-tos.com.br.*



APC exhibe filmes no Centro Histórico

Numa parceria da Academia Paraibana de Cinema, Academia Paraibana de Letras e As-sociação Por do Sol Literário, duas obras audiovisuais serão exibidas nos próximos dias 24 e 25, a partir de 19h, na Rua Duque de Caxias, Centro Histórico de João Pessoa.

Américo - Falcão Peregrino, com direção de Alex Santos, e *Amor Atonal*, curta de Wills Leal, ganham exibição pública e promove um encontro entre a fisiografia de centro histórico da cidade, numa visão crítica com o passado. Haverá ainda a montagem de uma instalação in-titulada *Wills Leal*, que será animada por estudantes do curso de cinema, audiovisual e de técnicos do Nudoc-UFPB, também solidários na parceria do evento.

CINEMA

Mostra de SP dá destaque a cinema brasileiro

Amilton Pinheiro*

Especial para A União

A Mostra Internacional de Cinema em São Paulo tem re-servado uma atenção especial para o cinema brasileiro que muitas vezes ficava perdido na imensa quantidade de fil-mes vindos de outros países. Essa mudança se deve a dois fatores: o cinema nacional vem ganhando prestígio por conta dos prêmios e reconhecimen-to estrangeiro e a produção de longas vem crescendo muito nos últimos anos.

Dos 374 filmes que serão exibidos na Mostra deste ano, um pouco mais de 70 são bra-sileiros. Um curiosidade é que alguns diretores estão com mais de um filme seleciona-do. Caso de Cristiano Burlan, com *Um Espaço que Se Move* e *Nosferatu*; José Eduardo Bel-monte, com *Aurora 15*; *Assalto à Brasileira* e *Quase Deserto*; Ma-ria Clara Escobar, com *Explode São Paulo*, *Gil*, e *Dolores*, que co-dirigiu com Marcelo Gomes; e Flávia Castro, que apresenta *As Vitrínes* e *Cyclones*.

“Eu sou lenta nos proces-sos, e os dois filmes serem fil-mados na sequência um do outro, foi uma circunstância muito particular. Era isso, ou abrir mão de um dos dois”, res-ponde Castro.



“As Vitrínes” é um dos dois filmes de Flávia Castro no evento

A diretora começou como assistente de direção na Fran-ça, e fez seu primeiro curta em 2006: *Cada um com Seu Cada Qual*. Estreou nos longas com *Diário de uma Busca*, de 2010, que recebeu vários prêmios, seguido de *Deslembro*, de 2018. Agora, com *As Vitrínes*, que passou pelo Festival do Rio, fecha uma trilogia.

“Tanto o Festival do Rio quanto a Mostra, são festivais profundamente ancorados às suas cidades”, diz. “Acho lin-do isso, essa cinefilia que foi se construindo nessas duas cidades, a partir desses dois eventos. Eu tenho uma imen-sa admiração pela história da Mostra, e pela curadoria sen-sível, e totalmente conectada às questões do mundo. Acho o trabalho da Renata [*de Al-meida, diretora geral da Mostra*] admirável”.

As Vitrínes é uma história que começou em 2011, logo de-pois do lançamento do docu-mentário *Diário de uma Busca*. “O [*diretor*] Vicente Amorim, de quem fiquei amiga no pri-meiro longa em que trabalha-mos juntos, propôs que a gen-te pensasse num projeto de ficção”, recorda. “Chegamos à ideia de um espaço comum en-tre nós – uma embaixada – de que tínhamos experimenta-do de formas muito diferentes em nossas infâncias, ele como filho de diplomata, eu como filha de refugiados políticos. Dessas conversas, nasceu *As Vitrínes*”.

Já *Cyclone* partiu de um convite de Luiza Mariani, atriz e produtora do filme. “Eu nun-ca me pensei ‘diretora’, eu fa-zia filmes para contar histórias que eu mesma escrevia”, expli-ca. “Foi um desafio gigantesco

imaginar um filme que conta a história de uma artista que tenta se firmar como autora nos anos de 1920 em São Pau-lo. E isso, sem abrir mão de fa-zer um filme contemporâneo, e que se inscrevesse no nosso presente”.

Cyclone estreia em 27 de no-vembro, enquanto *As Vitrínes* será lançado no primeiro se-mestre do ano que vem.

A diretora diz que não di-ferencia documentário de fic-ção. “É uma coisa só. Para a ficção, eu levo o improviso e a atenção para o tempo pre-sente que o documentário nos dá”, conta. “Aproveito as bre-chas, tudo serve ao filme. Te-nho alguns projetos híbridos entre documentário e ficção que adoraria desenvolver.

Ela conta que o que atraí para um filme é um “estado de coisas”. “É imaginar for-mas de compartilhar com o espectador, uma experiência. Pode ser um instante ou uma epopeia”, diz. “Pode se tratar de personagens ou situações do mundo ao meu redor, da minha imaginação, ou da ex-pectativa em relação ao futuro, pouco importa. O importan-te o movimento em relação ao outro, a liberdade na expres-são das subjetividades.

*De São Paulo

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Questionário de Proust

Se tenho um aspecto marcante na minha personalidade, diria que é o alheamento e a porosidade, como naquele verso de Drummond. Creio que nasci pronto para ser um fazendeiro do ar.

Nos homens, somente uma qualidade me interessa: a coragem. Digo isto, omitindo outras virtualidades possíveis, porque, desde cedo, aprendi que viver é uma aventura muito perigosa. E só com a coragem se podem enfrentar os desafios do perigo.

Já nas mulheres, aprecio, sobretudo, a criatividade, ingrediente que pode conter elementos variados, como a inteligência, a generosidade e a beleza. Se falo em beleza, levo em conta o complexo indecifrável que junte corpo e alma numa única e mágica tessitura. Não é o todo nem o detalhe. É algo que me escapa e me acalenta.

Minha principal característica reside na fidelidade à palavra dada. Não sou rei, mas costume cumprir a promessa feita e tenho um respeito quase sagrado pelo que falo, expresso e assino. Não sou cabeça dura, detesto dogmas e ídolos, mas reverencio a palavra empenhada como se cumprisse um ritual inadiável.

Em meus amigos valorizo principalmente o dom da fidelidade, a capacidade de escuta e o senso de humor, na mesma medida de que desgosto, em mim, desse melancólico cansaço metafísico que não me larga, mesmo na hora do encanto e do prazer.

Meu passatempo preferido é ler, cuidar dos meus pássaros, espiar os enigmas que a natureza me oferece e me ocupar com a sabedoria da água que me lava a sujeira do corpo e da alma.

Não tenho ideia da felicidade. Para mim, a felicidade me parece um estado ambíguo, um instante relâmpago que num relâmpago se dissolve, sem deixar vestígios ou ansiedade. Da tristeza tenho ideia, sim. A tristeza me agrada e me fertiliza. Sempre se deixa habitar pelos páramos do poema e tem temura, serenidade e beleza.

Não sei. Fosse para ser outro, gostaria de ser um José ou um Severino, um homem simples, do campo, criador de cavalos e pastor de nuvens, amador da chuva e presa do espanto de viver.

Não. Não gostaria de morar em Paris, nem em Londres, muito menos em Nova York. As cidades grandes me assustam. Tenho síndrome de pânico diante do tráfego e das multidões. Nasci para morar num pequenino povoado do cariri paraibano. Lugar domado pelo silêncio das pedras.

Minha cor favorita é o azul, em suas múltiplas tonalidades. Sobre tudo o azul dos céus agrestes, com sua verdade vazia e perfeita, como diz o poeta. Meu pássaro predileto é o galo-de-campina, em seu canto de corrida e de açoite, em sua plumagem tricolor.

Escritores, amo de coração Dostoiévski. Ele sempre foi o meu planeta iluminado. Como poeta, Fernando Pessoa me preenche, na medida em que se fragmenta em personas diversas e de vozes líricas complementares e complexas. Meu personagem principal é Raskolnikov, de *Crime e Castigo*, e a minha heroína é Natacha, de *O Idiota*. Bach e Beethoven são meus compositores mais queridos, assim como são meus pintores mais queridos Van Gogh e Salvador Dali.

Não tenho herói na vida real nem heroínas na história. Nome de que gosto: Maria. Odeio bajuladores e imbecis. Desprezo figuras históricas como Stálin e Hitler, não admiro eventos militares. Gostaria de tocar violino. Morrer, já morri tantas vezes. Morrer é bom.

Meu estado de espírito atual é de dúvida e esperança e só tenho compaixão pelo defeito da frivolidade. Meu lema é nietzschiano: “O paradoxo só nasce nos grandes espíritos”.

Foto: Reprodução



Proust respondeu a um questionário sobre si mesmo em 1926

Colunista colaborador

TEATRO

Espetáculo encerra ciclo no Santa Roza

Cena do espetáculo da Cia. Oxente: última vez?



Por meio do QR Code, acesse o site para compra de ingressos

Cia. Oxente faz, nesta noite, a última apresentação de Formigas Bebem Absinto no Armazém do Caos

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

No palco da vida, as formigas trabalham, bebem, resistem. Representam o coletivo humano – o trabalhador comum, o artista, o cidadão que busca sobreviver em meio à desordem. Eis o compasso de *Formigas Bebem Absinto no Armazém do Caos*, espetáculo da Cia. Oxente que encerra seu ciclo de atividades hoje, às 19h, no Teatro Santa Roza, no Centro da capital. Os ingressos antecipados estão à venda no *site* Sympla por R\$ 20 (meia) e R\$ 40 (inteira), acrescidos de taxas da plataforma.

“As formigas representam a humanidade, as

pessoas que trabalham todos os dias juntando o seu pão, lutando para sobreviver”, explica o autor do texto, Everaldo Vasconcelos. Inusitado, o título funciona como chave de leitura: “O absinto é uma bebida muito forte, com mais de 70% de teor alcoólico, que foi proibida por muitos anos e era consumida por artistas no fim do século 19”.

A metáfora da embriaguez atravessa o texto e se soma ao “armazém do caos”, conceito que, segundo Everaldo, remete ao imprevisível que estrutura a vida social. Com elementos dotados de certo dinamismo, repetindo padrões, a exemplo da formação das nuvens no céu, o processo

remonta à teoria do caos. *Formigas Bebem Absinto no Armazém do Caos* começou a ser escrito antes da pandemia, mas foi concluída durante o período de isolamento. “Faz referência a um momento histórico muito preciso, quando as pessoas não sabiam como lidar com aquilo, num país governado por algo extremamente nefasto”, ressalta Vasconcelos, para quem o texto permanece atual, refletindo a sensação de instabilidade permanente. “O que me assusta é que, embora o grupo diga que é a última apresentação, eu temo que não seja, porque estamos sempre à beira desse caos, sempre na margem”.

O espetáculo nasceu da parceria com o diretor pernambucano José Manoel Sobrinho e tem suas bases vinculadas ao Teatro do Absurdo, tradição que explora o estranhamento, a falta de sentido e a fragmentação como recursos estéticos. “É um texto esotranho. Algumas pessoas só entendem depois de ver mais de uma vez. É preciso estar muito atento ao Brasil e ao mundo de hoje para compreender as metáforas”, ele diz.

A montagem, que conta com sete intérpretes em cena – Anderson Lima, Aelson Felinto, Larissa Santana, José Maciel, Margarida Santos, Mônica Macêdo e Emmanuel Vas-

concelos –, desenvolve-se como um laboratório teatral, ambiente de criação coletiva, onde os atores exploram gestos, sons e improvisações. Um preparador corporal de capoeira, Luiz Veloso, também integra a equipe.

O encerramento do ciclo é tratado pelo grupo como celebração. Everaldo destaca que essa prática é comum no teatro: “Em determinado momento, o espetáculo cumpre sua tarefa. É colocado numa prateleira, não morre, mas dá lugar a outros projetos”, enfatizando que a peça será preservada no repertório, pronta para retornar quando houver necessidade.

Enquanto o grupo Oxente se prepara para novos projetos, *Formigas Bebem Absinto no Armazém do Caos* permanece como registro de um período exasperado da história recente, nem por isso descontinuada. “As portas com o fascismo, a gente não pode relaxar; achar que a democracia venceu. A democracia não venceu ainda, a gente tem que continuar lutando. Essa é a mensagem da peça”.

ONDE:

■ TEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/n, Centro, João Pessoa).

Em Cartaz



Cinema

Programação de 16 a 22 de outubro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

O BOMBANDO (*Roofman*). EUA, 2025. Dir.: Derek Cianfrance. Elenco: Channing Tatum, Kirsten Dunst, Tony Revolori. Policial. Ladrão que invade locais pelos telhados foge da polícia se escondendo em loja de brinquedos. 2h06. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h30, 17h45, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: dom.: 21h30; seg. a qua.: 18h45, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h20, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h20, 20h40.

DEPOIS DA CAÇADA (*After the Hunt*). EUA/ Itália, 2025. Dir.: Luca Guadagnino. Elenco: Julia Roberts, Andrew Garfield, Chloë Sevigny. Drama/ policial. Professora sem segredo ameaçada quando aluno faz acusação contra um de seus colegas. 2h19. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: dom.: 14h30, 17h40; seg. a qua.: 14h30, 17h40, 20h45.

ENTRE PENAS E BICADAS (*Goldbeak*). China/ EUA, 2021. Dir.: Dong Long e Nigel W. Tierney. Animação aventura. Águia criada por galinhas tenta se tornar membro da Patrulha Emplumada. 1h34. Livre.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 15h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: dom.: 14h30, 19h20; seg. a qua.: 15h, 19h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 16h25; seg. a qua.: 15h30. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 14h10.

EU E MEU AVÔ NIHONJIN. Brasil, 2025. Dir.: Celia Catunda. Animação/ drama. Menino investiga passado da família e ouve histórias de seu avô japonês. 1h24. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h30, 15h30, 17h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 13h30, 15h30.

THE MASTERMIND (*The Mastermind*). EUA, 2025. Dir.: Kelly Reichardt. Elenco: Josh O'Connor, Hope Davis, Amanda Plummer. Policial. Ladrões roubam pinturas de museu, mas guardar as obras é ainda mais difícil. 1h50. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h, 20h15.

APALAVRA. Brasil, 2025. Dir.: Guilherme de Almeida Prado. Elenco: Tuca Andrada, Regina Maria Remencius, Luciano Szafir, Oscar Magrini, Karina Barum. Drama/ religioso. Repórter de TV tenta desmascarar homem que realiza milagres. 1h37. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANGA-

BEIRA 2: 13h50, 16h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: 21h. CINE GUEDES 3: 17h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: 19h05.

O TELEFONE PRETO 2 (*Black Phone 2*). EUA, 2025. Dir.: Scott Derrickson. Elenco: Mason Thames, Ethan Hawke, Madeleine McGraw. Terror. Garota tem visões de três meninos perseguidos em um acampamento. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 16h30, 19h; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 16h, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: leg.: 15h30, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 13h, 18h30; leg.: 15h45, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h45, 17h30, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 19h, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 16h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 18h35, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 18h35, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h50, 19h, 21h15. **PATOS MULTIPLEX 4:** dom.: 15h50, 18h40, 21h; seg. a qua.: dub.: 16h, 18h40, 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 16h20, 18h50, 21h20; seg. a qua.: 18h50, 21h20. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 14h, 20h30; seg. a qua.: 20h30.

ESPECIAL

O MÁGICO DE OZ (*The Wizard of Oz*). EUA, 1939. Dir.: Victor Fleming. Elenco: Judy Garland, Ray Bolger, Bert Lahr, Jack Haley, Margaret Hamilton, Frank Morgan. Musical/ aventura. Depois de ser levada por um furacão à terra encantada de Oz, menina é perseguida por uma bruxa e tenta voltar para casa com a ajuda de seus amigos Espantalho, Homem de Lata e Leão. 1h42. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: dom.: 21h.

POR OUTROS OLHOS – VOCAL LIVRE (*Kurenai no Buta*). Japão, 1992. Dir.: Dennyso Bravo. Documentário/ show. A história do grupo Vocal Livre e registro de show em Recife. 1h45. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dom.: 19h.

CONTINUAÇÃO

UMA BATALHA APÓS A OUTRA (*One Battle after Another*). EUA, 2025. Dir.: Paul Thomas Anderson. Elenco: Leonardo DiCaprio, Sean Penn, Benicio Del Toro, Regina Hall. Aventura/ drama. Grupo de ex-revolucionários se unem para salvar a filha de um deles quando seus inimigos retornam após 16 anos. 2h41. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h45.

A CASA MÁGICA DA GABBY – O FILME (*Gabby's Dollhouse – The Movie*). Canadá/ EUA, 2025. Dir.: Ryan Crego. Elenco: Laila Lockhart Kraner, Kristen Wiig, Gloria Estefan. Aventura/ infantil. Garota tem sua preciosa casa de bonecas mágica roubada e precisa resgatá-la de vilã. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: dom.: 14h, 16h15; seg. a qua.: 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 15h45, 18h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: dom.: 14h, 16h, 18h, 20h; seg. a qua.: 16h, 18h, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom.: 14h, 16h, 18h, 20h; seg. a qua.: 16h, 18h, 20h. **Patos:**

CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h, 17h, 19h; seg. a qua.: 17h, 19h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: dom.: 15h20; seg. a qua.: 15h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h20, 18h30; seg. a qua.: 17h20. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h.

DEMON SLAYER – CASTELO INFINITO (*Gekijō-ban Kimetsu no Yaiba – Mugen Jō-hen*). Japão/ EUA, 2025. Dir.: Haruo Sotozaki. Animação/ aventura. Caçadores de demônios enfrentam batalha decisiva em castelo. 2h35. 18 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 20h45.

INVOCAÇÃO DO MAL 4 – O ÚLTIMO RITUAL (*The Conjuring – Last Rites*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Michael Chaves. Elenco: Vera Farmiga, Patrick Wilson, Elliot Cowan. Terror. Casal de investigadores do sobrenatural reencontra um demônio que enfrentaram no começo de suas carreiras. 2h15. 16 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h30.

MALÊS. Brasil, 2025. Dir.: Antônio Pitanga. Elenco: Camila Pitanga, Rocco Pitanga, Antônio Pitanga, Patrícia Pillar. Drama/ guerra. Casal trazido à força da África se envolve com uma revolta de escravizados na Salvador de 1835. 1h54. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 19h40.

PERRENGUE FASHION. Brasil, 2025. Dir.: Flávia Lacerda. Elenco: Ingrid Guimarães, Rafa Chalub, Filipe Bragança. Comédia. Influenciadora precisa buscar o filho na Amazônia para participar de uma campanha. 1h34. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 15h40, 18h15, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 16h30. CINESERCLA TAMBIA 2: 14h20, 18h40. CINESERCLA TAMBIA 3: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 14h20, 18h40. CINESERCLA PARTAGE 5: 21h. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: dom.: 16h50; seg. a qua.: 17h10. **Remígio:** CINE RT: seg. e qua.: 18h30.

A SOGRA PERFEITA 2. Brasil, 2025. Dir.: Cris D'Amato e Bianca Paranhos. Elenco: Cacau Protásio, Evelyn Castro, Marcelo Laham, Ricardo Pereira, Fafy Siqueira, Maria Bopp, Luís Miranda. Comédia. Mulher recusa pedido de casamento para não perder a liberdade, mas a chegada da sobra portuguesa complica sua rotina. 1h29. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 13h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 12h.

TRON – ARES (*Tron – Ares*). EUA, 2025. Dir.: Joachim Ronning. Elenco: Jared Leto, Greta Lee, Evan Peters, Jeff Bridges, Gillian Anderson. Ficção científica. Guerreiros digitais começam a ser usados no mundo real. 1h59. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 18h30; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 3D: leg.: 14h; dub.: 16h50, 19h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 20h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 18h15, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 16h20. **Campina Gran-**

de: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h15, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 16h20. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 3D: 14h50, 19h; 2D: 21h15; seg. a qua.: 3D: 19h; 2D: 21h15. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 2D: 18h; 3D: 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 3D: seg. a qua.: 21h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h25; seg. e qua.: 16h.

O ÚLTIMO AZUL. Brasil/ México/ Países Baixos/ Chile, 2025. Dir.: Gabriel Mascaro. Elenco: Denise Weinberg, Rodrigo Santoro, Miriam Socarras. Drama/ aventura. Ao se recusar a cumprir uma medida do governo que isola os idosos, mulher embarca em uma jornada pela Amazônia. Grande prêmio do juri no Festival de Berlim. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 13h45.

ZOOPOCALIPSE – UMA AVENTURA ANIMAL (*Night of the Zoopocalypse*). Canadá/ Bélgica/ França, 2025. Dir.: Ricardo Curtis e Rodrigo Pérez-Castro. Animação/ comédia. Lobo e leão da montanha se unem quando meteoro cai em zoológico e libera vírus que transforma os animais em zumbis. 1h31. 10 anos.

Remígio: CINE RT: dub.: seg. a qua.: 14h.

Teatro

HOJE

FORMIGAS BEBEM ABSINTO NO ARMAZÉM DO CAOS. Texto: Everaldo Vasconcelos. Direção: José Manoel Sobrinho.

João Pessoa: TEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/nº, Centro). Domingo, 19/10, 19h. Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Sympla.

TURMA DA MÔNICA EM A AMIZADE É TUDO. Texto: Wendell Kettle, inspirado nos personagens de Mauricio de Sousa.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Domingo, 19/10, 17h. Ingressos: de R\$ 100 (balcão/ meia) a R\$ 250 (plateia B/ inteira), antecipados na plataforma Ingresso Digital.

Música

HOJE

ANAVITÓRIA. Dupla apresenta o show *Turnê das Esquinas*. Classificação: Livre.

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/nº, Polo Turístico Cabo Branco). Domingo, 19/10, 19h. Ingressos: de R\$ 100 (balcão/ meia) a R\$ 250 (plateia B/ inteira), antecipados na plataforma Ingresso Digital.

CHORA QUE PASSA. Show da clarinetista Dany Danittas e da bandolinista Laídica

Evangelista.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 19/10, 14h. Ingressos: R\$ 15 (promocional) e R\$ 20 (porta), antecipados na plataforma Shotgun.

TITÁ + CHICO LIMEIRA + ELON. Músicos apresentam o show *Parahybridas*.

João Pessoa: RECANTO DA CEVADA (R. Bancário Waldemar de Mesquita Accioly, Parque das Três Ruas, 53, Bancários). Domingo, 19/10, 19h. Entrada franca.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 20/10, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), m R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

ARIANO SUASSUNA VISTO POR GUSTAVO MOURA. Seleção de registros do fotógrafo sobre o escritor.

João Pessoa: ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS (R. Duque de Caxias, nº 37, Centro). Visitação até 31 de outubro. Entrada franca.

COLETIVO MASONN. Exposição *Respirando Underwater – Kont from the Inside*, coletiva de sete artistas com fotografia, vídeo, colagem, performance, som e instalação.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até 12 de dezembro. Entrada franca.

ROSILDA SÁ. Artista abre exposição *Sargaços*.

João Pessoa: GALERIA ARCHIDY PICADO (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Visitação de segunda a sexta, das 8h às 21h, e sábados e domingos, de 10h às 16h, até 14 de novembro. Entrada franca.

SUSSURROS ESTRIDENTES. Coletiva com estudantes do curso de Artes Visuais da UFPB.

João Pessoa: GALERIA LAVANDEIRA (Centro de Comunicação, Turismo e Artes, UFPB, Campus 1). Visitação de segunda a sexta, das 7h às 12h e das 14h às 21h, até 31 de outubro. Entrada franca.

TERESA PALMA RODRIGUES. Artista portuguesa apresenta aquarelas na exposição *Ad Ventum*.

João Pessoa: GALERIA LAVANDEIRA EXTRAMUNDOS (Estação Cabo Branco, Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça a sexta, de 9h às 18h, e sábado e domingo, de 10h às 18h, até 24 de outubro. Entrada franca.

OBSTÁCULO PARA GESTORES

Baixo orçamento compromete Saúde

Municípios paraibanos ampliam investimentos, mas ainda dependem de recursos externos para garantir serviços

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Obter atendimento médico de qualidade é um dos maiores anseios da população brasileira. Seja na fila por uma consulta, na espera por exames ou na busca por leitos hospitalares, milhões de pessoas dependem diariamente do Sistema Único de Saúde (SUS). Não por acaso, pesquisas históricas apontam o setor como prioridade nacional, e a Constituição Federal de 1988 determinou percentuais mínimos de investimento na área para assegurar o direito básico à dignidade.

Pela Constituição, o financiamento do SUS é uma responsabilidade compartilhada entre entes da Federação, e cada esfera deve aplicar um percentual mínimo da sua receita corrente líquida na área: 15% para os Municípios, 12% para os Estados e, desde 2016, 15% para a União. Na tentativa de atender à crescente demanda, algumas Prefeituras ultrapassam o piso constitucional. Na maioria dos casos, porém, os recursos seguem sendo um dos maiores desafios da gestão pública. Um levantamento da Confederação Nacional de Municípios (CNM) mostra que, mesmo aplicando além do exigido por lei, as Prefeituras enfrentam déficits significativos, especialmente na Média e Alta Complexidade (MAC). Na Paraíba, as administrações municipais acompanham este cenário: ampliaram os gastos, mas ainda não conseguem atender plenamente às necessidades da população.

O peso dos números

Conforme a CNM, os Mu-



Foto: Tânia Régio/Agência Brasil

Rede pública é a única opção para quase 75% da população brasileira, segundo levantamento da Agência Nacional de Saúde

nicipios paraibanos destinaram, em média, 20% de suas receitas para a Saúde, em 2024, e 22,6%, em 2023. Os índices superam o mínimo de 15% exigido pela Constituição, mas ficam abaixo da média registrada em outros estados, que comprometem fatias ainda maiores de seus orçamentos.

No recorte sobre Assistência Hospitalar e Ambulatorial, os Municípios paraibanos aparecem entre os que menos empregaram recursos próprios: apenas 25,8%, em 2024. A maior parte do financiamento veio da União, do Estado e de convênios (71,1%),

além de recursos vinculados (3,2%). Mesmo assim, os Municípios paraibanos desembolsaram R\$ 66 milhões a mais em MAC do que receberam de fontes externas no último ano. Em outras regiões, o esforço municipal chega a superar 60% do orçamento total da Saúde.

Em João Pessoa, a Secretaria Municipal de Saúde (SMS-JP) informou que a Prefeitura tem aplicado percentuais superiores ao mínimo constitucional nos últimos anos: 25,55%, em 2023; 22,72%, em 2024; e, 21,7%, de janeiro ao início de outubro de 2025.

De acordo com Rousseau Montenegro, diretor administrativo e financeiro da SMS-JP, uma das principais dificuldades enfrentadas é o alto número de usuários de outros municípios atendidos na capital, o que impacta, diretamente, o orçamento destinado à rede local. “João Pessoa é referência em diversos serviços de saúde, o que faz com que muitos pacientes de outras cidades busquem atendimento aqui. Isso pressiona nossa rede e aumenta os custos, mas seguimos buscando otimizar o uso dos recursos públicos, alinhando investimentos às principais

demandas da população”, destacou.

Responsabilidade pública

A dimensão desse desafio fica mais clara diante de um dado da Agência Nacional de Saúde (ANS): apenas 24,5% dos brasileiros possuem plano de assistência médica. Ou seja, 74,5% da população — quase 164 milhões de pessoas — depende, exclusivamente, do SUS. E mesmo os que têm plano privado, do mais simples ao mais completo, muitas vezes, recorrem à rede pública, o que amplia a sobrecarga. Por isso, os percentuais definidos pela Cons-

tituição representam um piso e não um teto. Eles indicam o mínimo necessário para garantir o funcionamento do SUS e a manutenção dos serviços básicos à população.

Espera por atendimento

Esse desafio é sentido, dia após dia, por quem depende integralmente do SUS. Na Paraíba, onde os Municípios ainda enfrentam dificuldades de equilíbrio orçamentário, o reflexo é sentido na demora por consultas, exames e cirurgias.

A aposentada Ivonete Franco, de 76 anos, já teve plano de saúde, mas precisou cancelar por não conseguir mais arcar com as mensalidades. Hoje, depende totalmente do SUS e relata as dificuldades enfrentadas para conseguir atendimento especializado.

“Tenho muita dificuldade em utilizar os serviços do SUS. Recentemente, fraturei o braço e precisei passar por uma cirurgia. Fui encaminhada para um hospital público e fiquei lá aguardando, mas não havia previsão por não ser algo tão urgente. Terminei optando por fazer particular, pois não aguentava mais esperar”, afirmou.

Casos como o de Ivonete repetem-se em várias cidades paraibanas e revelam a distância entre o aumento dos investimentos públicos e as reais necessidades da população. O esforço dos Municípios em ampliar recursos para a Saúde ainda esbarra em desafios de gestão e na dependência de repasses federais, impactando o acesso da população aos serviços básicos e de média complexidade.

Falta de reajustes em transferências federais piora cenário

A Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup) alerta para o crescente desequilíbrio nas contas locais. Segundo o presidente da entidade, George Coelho, o aumento das despesas próprias com Saúde decorre da falta de reajustes nas transferências da União e da limitação no uso de emendas parlamentares, o que sobrecarrega os cofres municipais — sobretudo nos municípios de pequeno porte.

“Os Municípios estão aplicando quase 35% de recursos para que a Saúde funcione, quando a exigência constitucional é de 15%. Isso acontece porque não há recurso suficiente: há mais de duas décadas, o SUS não tem reajuste, e as Prefeituras precisam manter programas, postos de saúde, policlínicas e, em muitos casos, até hospitais municipais. É uma dificuldade imensa, pois 60% dos municípios paraibanos são de pequeno porte e sobrevivem basicamente do FPM [Fundo de Participação dos Municípios] e do ICMS [Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços]”, des-

tacou George Coelho, reforçando a necessidade de revisão urgente no financiamento do setor.

Para o dirigente, a solução para equilibrar o sistema e garantir um funcionamento mais justo do SUS entre União, Estados e Municípios passa, necessariamente, por uma revisão da pactuação federativa. “O que falta para o SUS funcionar de uma forma equilibrada é justamente termos uma pactuação reajustada. Os valores pagos pelo SUS e os repasses aos Municípios estão defasados há duas décadas. Precisamos rever isso com urgência, e há uma proposta em tramitação no Congresso que prevê reajustes no financiamento federal para fortalecer o SUS”, afirmou.

Desafios

De acordo com a CNM, a falta de repasses suficientes para custear a produção assistencial leva os Municípios a déficits bilionários. Apenas em 2023, o saldo negativo somou cerca de R\$ 3 bilhões em todo o país. “Essa situação gera repercussões negativas em outras áreas cruciais da gestão municipal, como a

Atenção Primária à Saúde, que pode sofrer com a limitação de investimentos e o redirecionamento de recursos para cobrir déficits em outros níveis de atenção”, afirmou o presidente da CNM, Paulo Ziulkoski, em comunicado oficial, emitido no início do mês.

No comunicado, ele alegou que, embora exista um piso mínimo constitucional, Estados e União, raramente, são responsabilizados quando descumprem a regra, ao contrário das Prefeituras. “Os prefeitos são muitos cobrados. São, inclusive, seguidamente processados, condenados, o que não acontece com a União nem com os Estados”, disse.

No primeiro semestre, em entrevista à Folha de S.Paulo, o secretário-executivo do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass), Jurandi Frutuoso, comentou que a discrepância na contribuição dos entes federativos decorre de razões estruturais e políticas. Uma delas é o fato de os municípios serem responsáveis pela Atenção Primária à Saúde, conforme determinado cons-

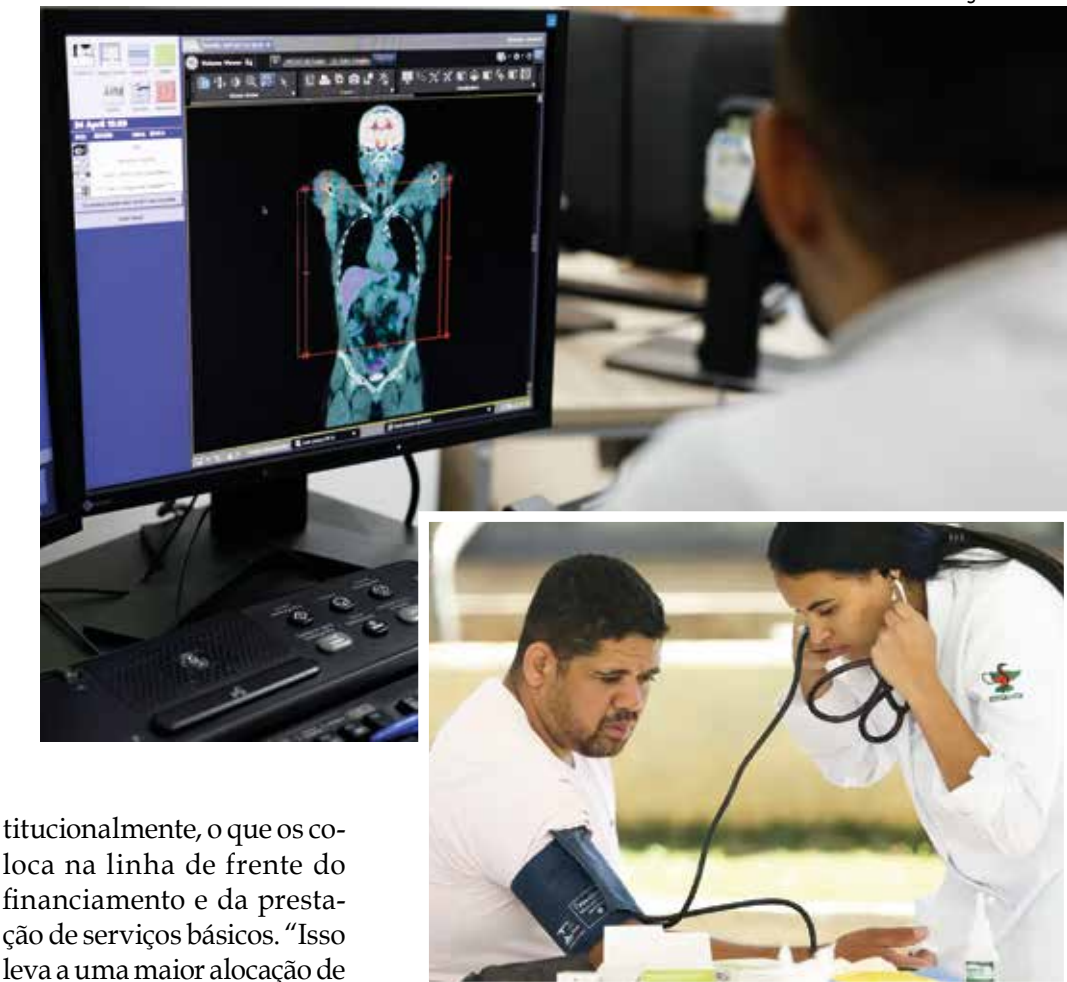


Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Para a Famup, maior eficiência no atendimento está atrelada à atualização de valores repassados pelo SUS

titucionalmente, o que os coloca na linha de frente do financiamento e da prestação de serviços básicos. “Isso leva a uma maior alocação de recursos próprios pelos municípios para atender às necessidades imediatas da população”, analisou.

Ele acrescentou que na Média e Alta Complexidade, os Estados arcam com mais de 50% do financiamento, mas a redução da partici-

pação da União nos últimos anos adiciona uma nova camada de dificuldade. “Com a União reduzindo sua participação no financiamento, tanto Estados quanto Mu-

nicipios enfrentam desafios adicionais para manter e expandir os serviços necessários, tendo que depender mais significativamente de suas próprias receitas”.



Fotos: Bruno Spada/Câmara dos Deputados

Proposta dos deputados altera o Estatuto da Criança e do Adolescente para ampliar proibição de trabalho a menores de 14 anos

APROVADO NA CÂMARA

Projeto restringe trabalho infantil no meio digital

Texto veta produção de conteúdo e de publicidade, exceto se um juiz autorizar

Eduardo Piovesan
Tiago Miranda
Agência Câmara

A Câmara dos Deputados aprovou, na madrugada da última quinta-feira (16), um projeto de lei que cria regras para proteger a criança e o adolescente contra o trabalho infantil em ambiente digital. A proposta, agora, será analisada pelo Senado. De autoria da deputada Lídice da Mata (PSB-BA), o Projeto de Lei nº 3.444/23 foi aprovado na forma do substitutivo da relatora, a deputada Rogéria Santos (Republicanos-BA).

No artigo do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) que proíbe o trabalho a menores de 14 anos, exceto na condição de aprendiz, a relatora propõe outra exceção: a participação em representações artísticas previamente autorizadas pela autoridade judiciária. No entanto, estende a proibição ao trabalho em ambiente digital, inclusive sob a forma de produção de conteúdo, publicidade ou ou-

tras atividades econômicas. Rogéria Santos afirmou que a fronteira entre “brincar e trabalhar, assistir e ser assistido, tornou-se sutil e, muitas vezes, imperceptível. A revolução digital democratizou a criação artística e ampliou a liberdade de expressão. Mas multiplicou os riscos de exposição indevida, de exploração emocional e de influência desmedida sobre mentes ainda em formação”, declarou.

Permissão judicial

Segundo o texto, caberá ao juiz autorizar por meio de alvará, em caráter excepcional, a participação de crianças e adolescentes em representações artísticas realizadas em ambiente digital. Essas representações são definidas como aquelas que possuam cumulativamente: natureza essencialmente cultural, recreativa ou lúdica; produção regular de vídeos, áudios, textos e outras mídias com interação habitual com o público ou vínculo com empresas, agências

ou patrocinadores; objetivo de obter visibilidade pública; e destinadas a fins profissionais ou comerciais.

Ao decidir sobre o pedido, o juiz deverá levar em consideração a concordância prévia da criança ou do adolescente e o respeito à sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Outros aspectos a considerar são a frequência e o desempenho escolar e a exposição comercial abusiva ou de contrapartida econômica não declarada.

No alvará, o juiz deverá fixar, além de prazo de validade, jornada, remuneração e forma de difusão do conteúdo. Entre as condições estabelecidas, estão: limites diários ou semanais de tempo dedicado à atividade; depósito integral das receitas mensais em conta bancária vinculada, aberta em nome da criança ou do adolescente e sob controle judicial; prestação de contas periódicas pelos pais, mães ou responsáveis legais da movimentação de valores



A revolução digital multiplicou os riscos de exposição indevida e de exploração emocional

Rogéria Santos

autorizada pelo juiz; e acompanhamento psicológico ou pedagógico quando necessário à proteção integral.

Norma é fruto de diálogo com a sociedade civil

A deputada Rogéria Santos informou que o texto foi elaborado com contribuições de órgãos do Poder Público, do Judiciário, do Ministério Público, de entidades da sociedade civil e de empresas do setor. “Esse processo de diálogo buscou conciliar a tutela integral dos direitos das crianças e dos adolescentes com a preservação da liberdade de expressão e a responsabilidade compartilhada dos diversos atores no ambiente digital”, explicou.

Com as novas regras, autorizações judiciais já concedidas para atividades de crianças e adolescentes como intérpretes ou participantes contratados em obras audiovisuais, teatrais ou em outras produções artísticas não precisarão de nova autorização. No entanto, devem seguir regras sobre proteção da imagem, da privacidade e da vedação de práticas abusivas de exposi-

ção ou publicidade.

Segundo o texto, pais e responsáveis legais devem zelar, em conjunto, pela proteção da imagem da criança e do adolescente, inclusive em ambientes digitais. Se houver divergência entre os detentores do poder familiar, prevalecerá a não divulgação, mas qualquer um deles poderá recorrer a uma solução extrajudicial ou judicial.

Quanto à remoção de conteúdo, os fornecedores de produtos ou serviços de tecnologia da informação deverão retirá-los (imagens, vídeos e demais dados) independentemente de dano comprovado. Para isso, bastará solicitação dos pais ou responsáveis legais ou da própria criança ou adolescente (a partir dos 16 anos de idade), conforme seu desenvolvimento progressivo.

O acesso aos meios para solicitar a remoção deverá

■ Pais e responsáveis devem zelar pela imagem da criança e do adolescente; para deputado, projeto retira autonomia

ser a partir de ferramenta simples, acessível e adequada à faixa etária. Um mesmo pedido deverá amparar a retirada do material em múltiplos endereços eletrônicos com conteúdo idêntico.

A empresa terá 48 horas para atender ao pedido, sem prejuízo da verificação da legitimidade do solicitante. Será possível negar o pedido apenas nas hipóteses previstas em lei ou por de-

terminação judicial, quando indispensável para preservar provas, por exemplo.

Quadro atual

Dados da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República revelam que 93% dos brasileiros de nove a 17 anos acessam a internet, e três em cada quatro manifestam o desejo de produzir conteúdo *on-line*. Entre os 25 milhões de crianças e adolescentes brasileiros conectados, 83% possuem perfil em redes sociais, apesar de as plataformas exigirem idade mínima de 13 anos.

Crítica

Na opinião do deputado Gilson Marques (Novo-SC), o projeto presume a má-fé dos pais. “A regra geral é que os pais querem cuidar bem dos filhos, e isto [o projeto] inviabiliza a autonomia da família”, criticou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (14)

Dom João VI tomou dois banhos em vida e seu primeiro banho completo quando tinha 50 anos, no Brasil, a conselho médico. Dou razão a ele. Nunca se ouviu falar de alguém que morreu de grude.

Já com água, morre gente afogada todo dia.

O pato nada, anda e voa, mas faz tudo mal. Por isso, o cabra dismantelado e otário é chamado de pato. Sou um deles.

Sport Club Mangureira foi um time que só perdia. Originado de operários da fábrica Chapéus Mangureira no Rio, sofreu em 1909 uma derrota monumental por 24 a 0 para o Botafogo, com nove gols de Gilbert.

Também passou à história por ter sido o primeiro time a enfrentar o Flamengo em um campeonato oficial. E levou outra goleada, dessa vez de 15 a 2. Desistiu do futebol em 1927 e seus remanescentes foram sambar na Escola de Samba da Mangureira.

O meu time, Mangureira Futebol e Cachaça, de Entroncamento, em Cruz do Espírito Santo, perdia, sim, mas não tão escandalosamente. Honrou, entretanto, a tradição do Mangureira carioca como um dos piores times amadores do mundo, ficando atrás apenas do Íbis de Recife.

Estudos científicos ainda estão fazendo análises mais profundas para afirmar com 100% de certeza, mas, enquanto isso, desconfie de todo político que fala muito em Deus.

“Djavan tá certo: Deus fez os dinossauros pensando em você” (Ameba para Madame Preciosa).

“A pequena burguesia é pequena e burguesa. Vive num mundo feito de material isolante, mármore e excrementos” (Marcos Rey).

Cadê o homem só e solitário em sua escravidão disfarçada? Cadê a lanterna de Diógenes que se apagou ao vento leste? Cadê Tereza? Cadê os olhos compreensivos da morte puxando pela gola os vis mortais? Cadê o circo dos horrores das quebradas de Deus?

Cadê o *pop star* que jamais esteve? Cadê a opulência do mundo espetacular que desengrenou? Cadê o palco colorido encobrindo a desordem do mundo real? Cadê o deputado espertalhão que se lascou com o ministro Dino?

Cadê os milhares de seres humanos na barca do purgatório clamando por anistia aos pobres diabos? Cadê a barca do Paraíso com o Papa Leão remando com um remo só?

Quem vai pagar o pato e quem vai purgar a peita? Quem vai peitar o puto e acordar no ponto? Quem vai sacar o saldo bancário do sacripanta salafrário? Quem vai acordar os insones e os insanos? Quem vai dominar a imprensa dominante?

Onde se esconde meu futuro que passou? Onde entro em cena se tudo vale a pena se a arma não é pequena? Onde vamos assar nosso galeto longe do aquecimento global?

Onde está o cano para onde vamos? Onde está o teu carinho de outrora? Onde posso achar graça no meio da desgraça? Onde está o resultado do exame do Diabo? Onde injetaram anestesia nesse povo varonil?

Chegará o dia em que não teremos Produto Interno Bruto, mas Produto Interno Suave. Chega de brutalidades!

No Dia da Compreensão Mundial, abraços para você que sabe lidar com as diferenças, respeita e entende os sentimentos dos outros. Eu não sou assim, mas gostaria.

ALCOOLISMO

Doença cresceu entre as mulheres

Consumo excessivo de bebidas dobrou em 20 anos, favorecido por vulnerabilidades ligadas à vivência de gênero

Lúrya Rocha
Agência Senado

Quando foi lançada pela primeira vez, em 1988, a novela “Vale Tudo” trazia uma personagem que se tornou icônica: Heleninha Roitman, uma mulher dependente de álcool, em luta pela reabilitação. Na época, Heleninha era uma figura distante das famílias brasileiras: representava menos de 5% da população feminina no país. Quatro décadas depois, na refilmagem do folhetim, em 2025 — que teve seu capítulo final exibido na última sexta-feira (17) —, o cenário é bem diferente. O desafio enfrentado por Heleninha é, hoje, o mesmo de milhões de brasileiras.

O consumo abusivo de bebida alcoólica pelo público feminino triplicou em 40 anos e praticamente dobrou nas últimas duas décadas, passando de 7,8%, em 2006, para 15,2%, em 2023, com maior impacto entre as mulheres jovens e as negras. Entre os homens, o índice manteve-se alto, mas com certa estabilidade, passando de 25% para 27,3%. Os dados são do Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), do Ministério da Saúde.

Na opinião de especialistas, esse crescimento resulta de uma combinação de fatores. A presença feminina em espaços sociais antes ocupados apenas por homens ajuda a normalizar o consumo.



Foto: DC Studio/Freepix

Sobrecarga de trabalho e de serviços domésticos e questões psicológicas têm levado mulheres a recorrer ao álcool como escape

O *marketing* do setor direcionado ao público feminino, com produtos atrativos para mulheres, glamoriza o ato de beber. E as vulnerabilidades de gênero, como sobrecarga do trabalho, responsabilidades financeiras e o trabalho doméstico, fazem com que as mulheres usem o álcool como suporte.

Há ainda questões psicológicas, como traumas e abusos, que desencadeiam transtornos mentais. Na novela, a personagem carregava a culpa por ter provocado um acidente de carro enquanto dirigia bêbada. A perda da guarda do filho em decorrência do alcoolismo agravava ainda mais seu sofrimento,

e ela seguia recorrendo à bebida como válvula de escape.

“O álcool tem múltiplos rostos, desde a cantora *pop* famosa até a dona de casa, mãe de família”, aponta Helena Moura, vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos em Álcool e Drogas (Abead) e professora da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB). Ela reforça que a dependência e suas consequências atingem mulheres nos mais variados contextos, idades, etnias e profissões.

Rumo à sobriedade

A advogada mineira Flávia Bettini, de 45 anos, começou a beber regularmente aos 27, com a independên-

cia financeira. “As minhas ressacas eram horríveis, tanto fisicamente quanto emocionalmente. Eu ficava muito abalada, chateada de não ter conseguido interromper o uso na noite anterior, de não ter dito ‘não’”, relata.

Sintomas depressivos e a pandemia intensificaram o consumo. Trabalhando em casa, ela passou a beber cerveja durante atividades cotidianas, como cozinhar, e não conseguia parar até o fim do dia. Aos 35 anos, mãe de um menino de cinco anos, sentia que precisava de ajuda, mas não sabia a quem recorrer. Até que encontrou, nas redes sociais, a Associação Alcoolismo Feminino (AAF) e co-

meçou a participar das reuniões de partilha.

Em 22 de junho de 2020, cerca de dois anos após o nascimento da segunda filha, Flávia deu início a sua jornada sem álcool. Está sóbria há cinco anos e hoje é diretora jurídica da AAF, ajudando voluntariamente a associação, que já acolheu mais de 2,3 mil mulheres.

“A minha vida hoje é outra. Eu transformei as minhas relações com os meus filhos, principalmente com a minha família. Eu era vista como uma pessoa que era farrista, que não tinha vergonha, mas, na verdade, eu tinha. Fui entender que eu adoei pelo uso frequente e constante do ál-

cool gradualmente, ao longo de 13 anos de consumo”, conta Flávia, que escolheu usar seu nome verdadeiro neste relato para encorajar mulheres que ainda sentem vergonha e são julgadas por estarem doentes.

A superação de Flávia, infelizmente, representa a de uma minoria no país. Apenas uma em cada 18 mulheres com diagnóstico de uso de substâncias psicoativas está em tratamento. Entre os homens, a relação é de um a cada sete, de acordo com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC). Uma amostra da dificuldade das mulheres em buscar ajuda pode ser vista em uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP), de 2021, em grupos de Alcoólicos Anônimos (AA) na capital paulista. O estudo revelou que as mulheres não se sentiam confortáveis em partilhar suas questões de dependência em grupos de atendimento mistos por serem frequentemente alvo de assédio e discriminação sexista.

“Para além dos sentimentos de culpa e vergonha devido ao estigma, as mulheres também possuem uma rede de apoio mais frágil que os homens, ou seja, sofrem com parceiros e familiares que desencorajam o tratamento. Muitas também ficam desconfortáveis em participar de programas mistos de gênero por histórico de violência ou abuso”, explica Helena Moura.

Senado analisa propostas de prevenção

No Senado, a questão vem sendo tratada a partir de propostas que tentam prevenir o consumo e oferecer tratamento adequado às pacientes. Relatora do Projeto de Lei (PL) nº 2.880/2023, que cria um programa de saúde direcionado às mulheres alcoolistas, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) acredita que ações voltadas especificamente para o público feminino terão alcance maior.

“Precisamos lembrar que não existe tratamento de um dia. As mulheres ricas conseguem buscar ajuda, afinal elas têm condições financeiras favoráveis, o que permite inclusive conseguir quem cuide dos filhos dela. Mas a mulher pobre, que é chefe da família, não terá a mesma estrutura. Precisamos ter esse recorte muito especial para alcançar essa mulher que quer se livrar do vício em álcool, mas não tem condições de fazer isso sozinha”, afirma a parlamentar.

Pronto para votação em Plenário, o PL inclui, no Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (Sisnad), estratégias de assistência multiprofissional e interdisciplinar para a população feminina. Apresentado pelo deputado federal Capitão Alberto Neto (PL-AM), o texto não define

prazos ou metas, mas uma orientação geral a ser regulamentada por meio de normas do Ministério da Saúde ou de outros órgãos responsáveis assim que virar lei.

Diretor do Departamento de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas, do Ministério da Saúde, o médico psiquiatra e professor universitário Marcelo Kimati concorda com a necessidade de atendimento especializado para as mulheres e campanhas educativas com recorte de gênero.

“Ao contrário do que a gente vê em outras áreas da saúde, em que a procura feminina é maior, no caso de álcool e outras drogas, as mulheres tendem a procurar menos, por conta da questão de estigma. A gente chama isso de ‘barreira de acesso’, e esse é um fenômeno que tem que ser enfrentado. É um grande desafio tanto do ponto de vista de estigma quanto do ponto de vista de qualificação dos serviços de saúde”, disse o médico, em audiência pública sobre o tema promovida, em setembro, pela Comissão de Assuntos Sociais (CAS) do Senado.

Publicidade

A prevenção é outra frente de combate ao alcoolismo em análise no Sena-

do. Em consonância com a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) de se reduzir o acesso e o consumo de álcool em todo o mundo, o senador Styvenson Valentim (Podemos-RN) apresentou o PL nº 2.502/2023, para ampliar a restrição de propaganda de bebidas alcóolicas.

Hoje, está em vigor a Lei nº 9.294, de 1996, que, entre outras medidas, proíbe comerciais de bebidas em rádio e TV das 6h às 21h, e sua associação à prática de esportes ou à melhoria do desempenho social, pessoal ou sexual. A legislação, no entanto, apenas aplica essas regras a bebidas com teor alcoólico superior a 13%, deixando fora aquelas com percentuais menores, como a cerveja (4% a 6%) e o vinho (10% a 14%), mais populares. O projeto de Styvenson reduz o limite legal, incluindo qualquer bebida com teor acima de 0,5%.

“A lei também não leva em consideração a publicidade em mídias sociais, e somos bombardeados com propagandas nesses meios. Por isso, é urgente que seja feita uma atualização”, pede Juliana Ferreira, assessora de Advocacy para o Projeto do Álcool na ACT Promoção da Saúde, organização não governamental que atua há

18 anos no controle do tabaco e do álcool.

Juliana afirma que é possível observar uma mudança gradual na representação feminina em comerciais de bebidas. As propagandas, que costumavam objetificar mulheres a partir de uma imagem estereotipada e sexualizada, passam, cada vez mais, a representá-las como consumidoras diretas. Ainda que o consumo das mulheres seja menor que o do público masculino, a indústria já as percebe como um público em crescimento.

A tendência é confirmada pelo psicólogo especialista no tratamento de transtornos por uso de substâncias e secretário da Abead, Lucas Cardoso. Ele explica que a mídia, desde vídeos de músicas até comerciais, incentiva o uso exagerado do álcool, relacionando-o a um padrão de beleza elevado e um ideal de alegria.

“[As marcas] aproveitaram o empoderamento feminino e o perfil metabólico vulnerável para influenciar, explorar, adoecer e abandonar. As mulheres tendem à embriaguez com menor consumo de álcool. Por isso, o aumento do consumo abusivo de álcool entre elas deve ser analisado minuciosamente”, adverte.

Efeitos sobre a saúde feminina são mais graves

Em comparação aos homens, as mulheres têm danos mais graves no organismo mesmo quando ingerem doses mais baixas. A diferença fisiológica no efeito das bebidas alcóolicas é reconhecida já na classificação do que é uso excessivo: para homens, são consideradas cinco ou mais doses em uma mesma ocasião; para mulheres, bastam quatro doses. Isso porque a metabolização do álcool é diferente no organismo feminino. Menor tamanho corporal, maior proporção de tecido gorduroso e variações hormonais fazem com que elas fiquem embriagadas mais rápido e o álcool permaneça mais tempo no sangue. Esse impacto acelerado é conhecido como *telescoping*, levando as mulheres a desenvolverem dependência e doenças associadas em um tempo menor.

As consequências incluem aumento no risco de câncer, em especial o de mama, e maior vulnerabilidade a doenças hepáticas, como cirrose e hepatite alcoólica. Transtornos por uso de álcool, como ansiedade, depressão e estresse pós-traumático, evoluem mais rápido no corpo feminino, como aponta a OMS. O sistema cardiovascular também é afetado, po-

dendo elevar as chances de hipertensão arterial e miocardiopatias. Na gravidez, o consumo de álcool pode causar a Síndrome Alcoólica Fetal (SAF) no bebê.

O excesso do uso de bebidas alcóolicas provoca cerca de 105 mil mortes por ano no Brasil, sendo 14% de mulheres. De 2010 a 2021, o número de mortes por abuso de álcool subiu 7,5% entre as mulheres, segundo dados do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (Cisa), mas, entre os homens, houve queda de 8% no mesmo período.

Levantamento da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), disponível na página do Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (Obid), mostra que, em 2022, 1.438 mulheres morreram em decorrência de quadros de saúde agravados atribuíveis ao consumo de álcool. A diretora de Prevenção e Reinscrição Social da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e Gestão de Ativos (Senad), do Ministério da Justiça, Nara Denilse de Araújo, destaca que esse número parece pequeno, mas a maioria dos casos foi de mulheres negras, em sua maioria chefes de família, o que revela o impacto dessas perdas na sociedade.

Oportunidades

Seleções no NE abrem 478 vagas

Prefeituras paraibanas e Governo de Pernambuco lançam editais com oportunidades para níveis médio e superior

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A segunda quinzena de outubro chega com boas notícias para quem quer começar 2026 de emprego novo. Na Paraíba, os municípios de Alhandra, no Litoral Sul, e Ibiara, no Sertão, abriram processos seletivos para profissionais com Ensino Médio completo, nas funções de agente comunitário de Saúde e agente de combate às endemias, com salário de R\$ 3 mil. Já em Pernambuco, o Governo do Estado está prestes a lançar um novo concurso público, um dos mais robustos da temporada, com vagas em áreas como Gestão, Meio Ambiente, Tecnologia e Previdência. A remuneração pode chegar a mais de R\$ 9 mil.

Seleções na Paraíba

Em Alhandra, município paraibano localizado a 40 km de João Pessoa, a Prefeitura local abriu 12 vagas temporárias para reforçar a atenção básica à saúde. São nove oportunidades para agente comunitário de saúde (ACS) e três para agente

Em PE

O Governo do Estado está prestes a lançar um novo concurso público com vagas em áreas como Gestão, Meio Ambiente, Tecnologia e Previdência

de combate às endemias, cargos que exigem Ensino Médio completo e dedicação de 40 horas semanais. A remuneração é de R\$ 3 mil. No caso dos agentes de saúde, outro requisito é residir na comunidade onde o candidato pretende atuar, de Belo Jardim a Oitietiro.

Os interessados têm até 31 de outubro para se inscreverem, gratuitamente, pelo site do Instituto Educa Assessoria. Sob a organização da entidade, a seleção será composta por prova objetiva, com 30 questões, a ser

realizada no dia 30 de novembro, e análise curricular. No conteúdo programático constam conhecimentos gerais, Informática e conhecimentos específicos. Para mais informações ou esclarecimento de dúvidas, entre em contato pelo e-mail processoseletoalhandra2025@gmail.com.

Já no Vale do Piancó, a Prefeitura de Ibiara também está com inscrições abertas para profissionais de nível médio. O edital prevê seis vagas, sendo quatro para agente comunitário de saúde e duas para agente de combate às endemias, com salário de R\$ 3 mil e jornada de 40 horas semanais. Assim como em Alhandra, o processo segue aberto até 31 de outubro, por meio do site do Instituto Educa Assessoria, sendo composto por prova objetiva e análise curricular. De caráter eliminatório e classificatório, a prova acontece no dia 30 de novembro com questões de conhecimentos gerais e Informática, além de conteúdos específicos de cada função. Outras informações podem ser obtidas pelo e-mail processose-

letivoibiara2025@gmail.com.

Os resultados das duas seleções serão divulgados em 30 de dezembro tanto no portal da banca organizadora quanto nos sites das prefeituras de Alhandra e Ibiara.

Administração estadual

Enquanto isso, o Governo de Pernambuco anunciou um dos concursos mais amplos da região, com 460 vagas distribuídas entre cargos de níveis médio e superior. O edital contempla áreas estratégicas da administração pública, como Gestão, Meio Ambiente, Tecnologia, Metrologia, Previdência e Regulação de Serviços Públicos. Há oportunidades para analistas, gestores e assistentes em diversas especialidades, incluindo Tecnologia da Informação e Comunicação, Gestão Ambiental, Gestão Socioeducativa, Previdência e Qualidade Industrial. Os salários variam de R\$ 2,8 mil a R\$ 9,9 mil dependendo do cargo.

A princípio, as inscrições ficariam abertas até 7 de novembro, mas uma portaria emitida pelo governo pernambucano suspendeu tem-

porariamente o processo para incluir cotas raciais no edital. A expectativa é que essa atualização ocorra nos próximos dias. Assim que o concurso for retomado, as inscrições poderão ser realizadas pelo site da Fundação Carlos Chagas (FCC), com taxas entre R\$ 90 e R\$ 130. As provas objetivas e discursivas, inicialmente previstas para dezembro, ainda aguardam nova definição de data, embora o governo avalie ser possível manter o cronograma original. De acordo com o edital, as etapas ocorrerão em diversas cidades do estado, como Recife, Caruaru, Petrolina, Arco-verde e Salgueiro.

■ As provas acontecem em novembro e dezembro, no caso de PE, e os salários vão de R\$ 2,8 mil até R\$ 9,9 mil



Pelo QR Code, acesse o edital da Prefeitura de Alhandra



Por meio do QR Code, acesse o edital da Prefeitura de Ibiara



Acesse o edital do Governo de Pernambuco pelo QR Code

Engenheiro cartógrafo é quem desenha o mundo com dados

Quem nunca se perdeu olhando um mapa? Antes de o GPS caber na palma da mão, era preciso vasculhar guias para encontrar a melhor rota, um uso moderno da cartografia que um dia já definiu fronteiras e territórios. Hoje, o engenheiro cartógrafo continua decifrando o planeta, mas de outro jeito. No lugar da bússola e da régua, satélites e drones mapeiam com precisão cada ponto da superfície terrestre, trazendo dados capazes de orientar as mais diferentes decisões: onde plantar, onde construir e até onde preservar. “Essas tecnologias mudaram completamente a profissão, propiciando a obtenção de informações cada vez mais precisas, com um menor tempo e custo”, explica Michele Beppler, professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e mestre em Ciências Geodésicas.

Na prática, por trás de todo planejamento urbano, projeto ambiental ou obra de infraestrutura, existe um engenheiro cartógrafo responsável por transformar o território em informação espacial. O profissional é quem fornece a base cartográfica que sustenta tudo o que se constrói sobre a superfície terrestre, seja uma estrada, um parque eólico ou um sistema de saneamento. “Não se pode falar em planejamento sem o conhecimento do território. O primeiro passo para qualquer projeto de engenharia é o levantamento da área do empreendimento”, afirma Michele. Para ela, é um trabalho estratégico que vai além da simples “medição de terreno”, combi-



Tecnologias: no lugar da bússola e da régua, satélites e drones mapeiam com precisão cada ponto da superfície terrestre



O primeiro passo para qualquer projeto de Engenharia é o levantamento da área do empreendimento

Michele Beppler

nando precisão, método e visão sistêmica, e — não à toa — tem muito a contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas mais assertivas.

Além do solo

Se antigamente os mapas dependiam de bússolas, escalas e papel milimetrado, hoje a cartografia tem muita tecnologia à sua disposição. Esse salto foi tão grande que redefiniu todo o campo de atuação. Drones, sensores e imagens de satélite substituíram o traço manual, permitindo uma leitura mais ampla e detalhada do território. De acordo com a engenheira, o uso da inteligência geoespacial e de técnicas como machine learning tornou possível automatizar análises e cruzar informações diversas em tempo real. Da

topografia à análise ambiental, a cartografia moderna tornou-se indispensável em setores que exigem decisões rápidas e baseadas em evidências, do planejamento urbano e ambiental à agricultura de precisão, segurança pública e infraestrutura.

Entretanto, mesmo com tanto avanço em jogo, o engenheiro cartógrafo ainda precisa manter os pés no chão — literalmente. Estar no local, observá-lo e analisá-lo são verbos que fazem parte da rotina desse profissional. “Mesmo as tecnologias que obtêm dados sem a necessidade do contato físico necessitam de alguma validação em campo”, observa Michele. E é justamente nesse aspecto que moram alguns dos maiores desafios da profissão: acessar um país

de dimensões continentais e lidar com a escassez de pontos de referência geodésicos, fundamentais para garantir a precisão das medições. Além disso, o alto custo das tecnologias de coleta e validação também limita o alcance de muitos projetos.

Futuro da cartografia

Ainda assim, a cartografia continua indispensável para o desenvolvimento sustentável de qualquer cidade. Com informações corretas sobre relevo, limites e recursos naturais, é possível prevenir desastres, orientar obras e evitar ocupações irregulares. E, segundo Michele, já é possível antever sua contribuição para o crescimento urbano em um futuro nem tão distante. “Acredito que áreas de grande

crescimento serão as cidades inteligentes, onde toda a automação será baseada em bases cartográficas atualizadas”, projeta a especialista.

Por isso, além de dominar as principais etapas da profissão — coleta, processamento e representação espacial —, o engenheiro cartógrafo precisa estar antenado às ferramentas digitais que transformam sua rotina. “Um bom profissional deve se capacitar nas principais linguagens usadas no setor”, afirma Michele. Mais que interpretar números, também é importante saber traduzir dados em narrativas visuais, com a clara compreensão do impacto humano que cada mapa representa. Técnica e sensibilidade são atributos essenciais.

Oportunidade em PE

No novo concurso do Governo de Pernambuco, que será reaberto logo mais, o campo da Engenharia Cartográfica também tem espaço. São oferecidas duas vagas para o cargo de Analista em Gestão Ambiental, especializado em Engenharia Cartográfica, com lotação em Recife e salário que pode chegar a R\$ 9,9 mil. O profissional será responsável por planejar, executar e acompanhar projetos de mapeamento e georreferenciamento voltados à gestão ambiental e territorial do estado. A seleção contará com prova objetiva, composta por 60 questões, divididas entre conhecimentos gerais e específicos, e uma prova discursiva, do tipo estudo de caso, com duração total de cinco horas.

Selic Fixado em 17 de setembro de 2025 15%	Salário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial -0,69% R\$ 5,405	Euro € Comercial -0,85% R\$ 6,307	Libra £ Esterlina -0,82% R\$ 7,265	Inflação IPCA do IBGE (em %) Setembro/2025 0,48 Agosto/2025 -0,11 Julho/2025 0,26 Junho/2025 0,24 Maio/2025 0,26	Ibovespa 143.398 pts +0,84%
--	---	--	--	---	---	--

NA PARAÍBA

Fim de ano deve gerar mais de 7 mil vagas temporárias

Comércio e setor de serviços impulsionam novas contratações no estado

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

As vitrines decoradas com laços coloridos e pisca-piscas anunciam não só a chegada do Natal, mas também o aquecimento do comércio paraibano e do setor de serviços em um dos períodos mais intensos do ano. De acordo com a Câmara de Dirigentes Lojistas de João Pessoa (CDL-JP), com base nos dados da Federação do Comércio de Bens e de Serviços da Paraíba (Fecomércio-PB), o estado deve repetir, ou até superar, as cerca de sete mil vagas temporárias abertas no fim do ano passado.

Na capital, o comércio vem reagindo de forma consistente até o momento, com saldo positivo de 1,7 mil empregos formais só em agosto. “Esse desempenho reflete a confiança dos empresários e a preparação para o aumento das vendas do fim de ano”, afirma o presidente do órgão, Nivaldo Vilar.

Analisando o cenário paraibano, ele avalia que parte expressiva das contratações feitas neste fim de ano deve se converter em empregos efetivos já no início de 2026. Entretanto, Nivaldo reconhece que o momento ainda exige atenção, embora observe um avanço consistente na economia local. O crescimento de 4,59% no estoque de empregos formais em João Pessoa, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), confirma essa reação. “O comércio deve fechar 2025 em um ritmo melhor do que começou o ano”, avalia.

O Sistema Nacional de Emprego da Paraíba (Sine-PB) também encara o cenário atual com otimismo: as contratações temporárias já estão em alta e devem seguir crescendo até o início de 2026, impulsionadas pelo aumento das vendas e pelo turismo. “A expectativa é grande, principalmente nos setores de comércio, bares, restaurantes e hotelaria. A tendência é que o número de vagas seja ainda maior que no ano passado”, afirma Flávio Costa, gerente-executivo de Trabalho, Emprego e Renda da entidade.

De outubro a janeiro, a estimativa é que sejam ofertadas de 800 a mil vagas por semana em todo o estado, entre temporárias e efetivas, principalmente nas áreas de atendimento, alimentação e hospedagem. Segundo Flávio, parte dessas contratações ocorre em parceria direta com empresas locais e, muitas vezes, os trabalhadores temporários acabam sendo efetivados. “Há pessoas que começaram em novembro, com contratos sazonais, e hoje são gerentes. Tudo depende da forma como se posicionam



Foto: Divulgação/CDL-JP

É importante cuidar da apresentação pessoal, buscar conhecimento básico sobre o produto e mostrar disposição para atender bem

Nivaldo Vilar



Foto: Isabela Monique Barbosa Lima/Arquivo pessoal

Isabela foi efetivada após ingressar em vaga sazonal

e da qualificação que buscam”. O perfil exigido pelas empresas varia conforme o setor, mas a maioria delas costuma priorizar profissionais com, pelo menos, seis meses de experiência, inclusive para funções em restaurantes, bares, hotéis e supermercados. Já para o primeiro emprego, há oportunidades que não exigem experiência, a exemplo da função de empacotador. Flávio acrescenta que o Sine-PB deve começar a cadastrar as vagas sazonais até o fim de outubro, quando o comércio aumenta, de forma exponencial, o ritmo de contratações para o Natal.

Antecipação

Mesmo agora, empresas de diferentes setores estão reforçando suas equipes para atender à alta demanda do período. É o caso do *home center* Ferrei-

ra Costa, que abriu cerca de 40 vagas temporárias em áreas como logística, caixas e atendimento ao cliente. Segundo o gerente-geral da loja, César Oliveira, o número acompanha a previsão de crescimento para o fim do ano, mas pode aumentar conforme o ritmo das vendas. “Podemos ser surpreendidos e o número de vagas pode crescer de acordo com a realidade”, afirma.

Para ele, o momento é estratégico não apenas para suprir essa necessidade, mas, também, para identificar novos talentos. César conta que, no ano passado, vários trabalhadores que ingressaram na empresa como temporários ocupam, hoje, funções efetivas.

Um exemplo vem de dentro da própria loja. Aos 18 anos, Isabela Monique Barbosa Lima começou como temporária, em

setembro de 2024, no setor natalino, e, em apenas três meses, foi efetivada. Agora, um ano depois, ela encara o trabalho com o mesmo entusiasmo que a fez apostar no trabalho sazonal para alcançar sua independência financeira. “Fiquei receosa no começo, claro, por ser meu primeiro emprego. Mas entrei de cabeça e fui até o fim. Como era um desafio, pensei: ‘Tudo bem, vamos fazer acontecer’. E eu, particularmente, amo essa época do ano”, conta.

Para Isabela, o contrato temporário foi o ponto de partida para uma trajetória de descobertas e planos para o futuro. “Agora estou pensando em fazer um curso de Gestão Comercial. Quem sabe dá certo?”, conta, com o entusiasmo de quem quer continuar crescendo.

Comprometimento é decisivo para tornar oportunidade permanente

Quem contrata e quem já viveu a experiência do emprego sazonal concordam em um ponto: a forma como o trabalhador se posiciona faz toda a diferença. Para Flávio Costa, do Sine-PB, qualificação e atitude são determinantes. Ele recomenda que o candidato invista em cursos rápidos e mantenha o currículo atualizado. “O mercado está cada vez mais exigente. Quem se qualifica mais, consegue mais rápido uma vaga”.

Na avaliação de César Oliveira, da Ferreira Costa, por sua vez, o diferencial está no comportamento. Mais do que experiência, o que cha-

ma atenção é a disposição em aprender e servir bem. “Nós observamos as atitudes do colaborador no dia a dia, seu comprometimento com o trabalho e a forma como se relaciona com a equipe e cliente. Essas são as habilidades que abrem portas de crescimento”, acredita.

A mesma lógica é defendida por Nivaldo Vilar, da CDL-JP, que aconselha o trabalhador a encarar a vaga temporária com seriedade, já que as empresas não observam apenas a produtividade, mas o comprometimento e a postura no ambiente de trabalho. “O candidato que demonstra

interesse, pontualidade e vontade de aprender tem grandes chances de ser efetivado. Também é importante cuidar da apresentação pessoal, buscar conhecimento básico sobre o produto e mostrar disposição para atender bem”, destaca.

Assim como eles, a jovem Isabela, que começou como temporária e hoje é efetiva, acredita que essa dedicação abre caminho para que o colaborador possa permanecer na empresa. “Tudo o que você faz, faça bem-feito. As pessoas percebem. Minha dica é: trabalhe sua imagem dentro da empresa. Tenha visão de futuro”, finaliza.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O agronegócio segue firme

Mesmo em um cenário de desaceleração da atividade econômica, o agronegócio brasileiro continua exercendo um papel fundamental na sustentação do PIB e no equilíbrio das contas externas. Dados recentes do Ministério da Agricultura mostram que, em agosto, as exportações do setor cresceram significativamente, impulsionadas pela alta demanda de grãos, carnes e produtos florestais — segmentos que seguem como pilares da balança comercial.

O destaque tem sido o desempenho do complexo da soja, que continua liderando a pauta de exportações, mesmo após oscilações de preços no mercado internacional. As carnes bovina, suína e de frango também apresentaram bom resultado, especialmente com a ampliação das compras por parte da China e de países do Oriente Médio. Esse avanço compensou parte da retração observada em outros setores da economia, como a indústria de transformação e os serviços de maior valor agregado.

Outro ponto relevante é que o agronegócio tem mantido o superávit comercial brasileiro em patamares confortáveis, o que ajuda a conter pressões cambiais e a fortalecer o real frente ao dólar. Ou seja, o campo segue sendo o motor de estabilidade da economia, mesmo quando outros setores enfrentam custos de crédito elevados e queda na demanda interna.

Contudo, esse desempenho positivo não elimina desafios. O setor enfrenta aumento de custos logísticos, gargalos de infraestrutura e incertezas regulatórias. A competitividade brasileira ainda depende de investimentos robustos em transporte, armazenagem e desburocratização das exportações.

Além disso, o avanço das pautas ambientais no comércio internacional impõe novas exigências, especialmente sobre desmatamento e rastreabilidade de produtos, o que exigirá maior eficiência e transparência da produção nacional.

Ainda assim, é inegável que o agronegócio tem demonstrado resiliência e capacidade de adaptação. O uso de tecnologia, a ampliação da produção sustentável e a diversificação dos mercados compradores têm garantido resultados expressivos, mesmo diante de juros altos e um consumo doméstico mais retraído. Em muitas regiões, o agronegócio tem sido o principal gerador de empregos diretos e indiretos, dinamizando a economia local e impulsionando serviços de apoio, transporte e comércio.

O desafio daqui para a frente é transformar o sucesso das exportações em um vetor de desenvolvimento mais equilibrado, conectando o campo com a indústria e os serviços de base tecnológica. O Brasil tem condições de se afirmar como potência agroambiental global, mas para isso precisará investir em inovação, logística e políticas que estimulem a produtividade sem comprometer a sustentabilidade.

O agronegócio, mais uma vez, mostra que é mais do que um setor: é uma força estratégica que sustenta o Brasil — e que pode, se bem articulado, liderar uma nova fase de crescimento econômico e geração de oportunidades.



Pesquisa realizada com 135 redes nacionais mapeia padrões e cria um Código do Crescimento

FRANQUIAS BRASILEIRAS

Marcas adotam expansão estratégica

Levantamento evidencia um setor mais maduro no país e aponta visão de futuro e consistência como diferenciais

O *franchising* (sistema de franquias) brasileiro segue crescendo, mesmo diante de um ambiente desafiador. Em 2025, o setor registrou 13,5% de aumento no faturamento, mas o novo estudo do Grupo Bittencourt — “O Código do Crescimento no Franchising” — revela que os números contam apenas parte da história. O verdadeiro diferencial das marcas que se destacam está em como crescem: com visão de futuro, consistência de práticas e inteligência estratégica para

sustentar resultados no longo prazo. Realizada em julho e agosto de 2025, com 135 redes de franquias de diferentes portes e segmentos, a pesquisa evidencia um *franchising* mais maduro, que equilibra expansão com sustentabilidade. “Crescer, hoje, é muito mais do que abrir novas unidades, é evoluir em estrutura, cultura e propósito. As redes que entenderam isso estão construindo futuro, não apenas resultado”,

afirma Caroline Bittencourt, diretora de Relacionamento e *Insights* do Grupo Bittencourt e responsável pela pesquisa. **Atratividade** Mais da metade das redes (53%) adota um perfil conservador de crescimento, enquanto apenas 22% planejam expansão agressiva. A abertura de franquias locais segue predominante (96%), mas há um movimento de diversificação: 36% planejam internacionalização e 33% apostam em unidades

próprias como laboratório de inovação. De acordo com a CEO do grupo responsável pelo desenvolvimento da pesquisa, Lyana Bittencourt, esses números mostram que o *franchising* amadureceu. “As marcas entenderam que crescimento sem base é como escalar um castelo de areia; parece sólido, mas não sustenta o peso do tempo”, comenta. A atratividade deixou de ser medida apenas por marca forte ou modelo tes-

tado. As redes que mais se destacam são as que criam valor único: retorno financeiro atrativo (37%), margens competitivas (28%), acesso à inovação (27%) e comprometimento com ESG (15%) — sigla em inglês para Ambiental, Social e Governança. “Mais do que vender uma franquia, trata-se de oferecer uma oportunidade de negócio inteligente, com governança, propósito e eficiência operacional”, destaca Lyana.

Perfil

Maioria das redes (53%) adota modelo conservador de crescimento, enquanto 22% pretendem avançar de forma mais ousada

Consultoria de campo é peça-chave para sucesso da franchising

O estudo mostra que 93% das redes contam com consultoria de campo, e cada consultor atende, em média, 22 franqueados, com remuneração média de R\$ 6,7 mil. Mas o dado mais relevante não está apenas na estrutura e, sim, no papel que esses profissionais podem exercer na *performance* da rede. A pesquisa aponta que, à medida que o *franchising* amadurece, o consultor de campo precisa deixar de ser apenas um executor de rotinas e tornar-se um mentor

estratégico, capaz de traduzir dados em inteligência, identificar oportunidades e apoiar a evolução do franqueado como gestor. Para isso, a remuneração desse profissional deve estar vinculada ao impacto real de suas ações na rede, reconhecendo sua contribuição para o crescimento sustentável, e não apenas a quantidade de unidades atendidas. O uso de tecnologias avançadas — como BI, inteligência artificial (IA) e *dashboards* de *performance* —

permite ampliar sua capacidade de acompanhamento, dando escala à personalização e reduzindo distâncias geográficas. “Suporte não é custo: é o elo que sustenta o crescimento coletivo. E tecnologia é o que multiplica esse alcance”, ressalta Caroline. **Matriz de Complexidade** Entre todos os blocos da pesquisa, a Matriz de Complexidade x Importância é o que melhor traduz o novo código do crescimento. Nela, cada fator da ges-

tão de redes — de propósito à tecnologia — é posicionado de acordo com sua relevância e dificuldade de execução. O resultado revela o ponto exato onde o *franchising* brasileiro precisa evoluir. Nos pilares estruturantes, aparecem propósito, conceito e potencial de mercado — temas de alta importância e baixa complexidade que já deveriam estar consolidados. “Eles sustentam o negócio, mas precisam ser revisitados com coerência para não virarem discurso

vazio”, diz Caroline. No nível intermediário, que reúne liderança, cultura, dados e processos, está a fronteira da maturidade: são áreas de complexidade moderada que exigem método, investimento e consistência. São elas que diferenciam as redes realmente maduras, capazes de transformar informações em decisões estratégicas. Já na zona de esforço e diferenciação, a combinação de tecnologia e liderança do franqueado aparece como o território onde o es-

forço gera vantagem competitiva. As redes que conseguem alinhar inovação tecnológica com o desenvolvimento de líderes locais criarão barreiras reais à concorrência. Por fim, a pesquisa alerta para a “miopia estratégica” — quando temas estruturantes como governança e sucessão são tratados como de menor prioridade. “É o erro de crescer sem estrutura. O curto prazo entrega resultado, mas o longo prazo cobra a conta”, comenta Lyana Bittencourt.

Pessoas engajadas transformam propósitos em resultados



Embora o setor valorize líderes e equipes, a prática e o discurso não estão alinhados

O quadrante de maior impacto e esforço é o das pessoas. O estudo mostra que, embora o setor reconheça a importância da liderança e da valorização dos times, ainda há um descompasso entre discurso e prática. “Sem pessoas no centro, não há inovação nem crescimento sustentável. Crescer é uma consequência de gente bem desenvolvida, reconhecida e engajada”, reforça Lyana Bittencourt.

Consistência e disciplina A pesquisa encerra com uma mensagem clara: o código do crescimento está na intersecção entre visão, consistência e disciplina. “Inteligência estratégica é enxergar além dos resultados imediatos. É integrar dados, cultura e propósito para gerar valor contínuo”, conclui Caroline. Lyana aponta que “o código do crescimento não está nos números. Está nas

pessoas e na disciplina de transformar propósito em resultado”. A edição deste ano do BConnected conta com o apoio institucional da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), reforçando o compromisso da entidade com o fortalecimento do setor varejista no Brasil. Além disso, o portal Varejo S.A. participa como media *partner* oficial do evento.

MONITORAMENTO

Paraíba cria sistema público digital

Projeto é financiado pelo Governo do Estado e desenvolvido no âmbito da Secties e da Fundação de Apoio à Pesquisa

Ascom Secties

Projetos de inovação marcam a trajetória atual em tecnologia e pesquisa no Estado da Paraíba. Desta vez, o Governo do Estado, por meio da Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), em colaboração com o Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desenvolveu um sistema de monitoramento que mapeia documentos relacionados à cooperação internacional na Paraíba. É a plataforma digital Projeto de Inovação para o desenvolvimento de Sistema de Monitoramento de Cooperação Internacional do programa Paraíba sem Fronteiras (Siscopi PBsF).

O projeto é financiado pelo Governo do Estado e desenvolvido no âmbito da Secties e da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq), em parceria com o Laboratório de Diplomacia Digital no Departamento de Relações Internacionais da UFPB.

A necessidade originou-se no andamento do programa estadual Paraíba sem Fronteiras (Siscopi PBsF), realizado pela Secties, como informou o secretário Claudio Furtado. “O Paraíba sem Fronteiras é um programa de internacionalização que envolve várias ações, tanto acadêmicas como comerciais, e de capacitação

de servidores públicos. Portanto, com o sistema, haverá maior eficiência, ao termos a facilidade de fazer um levantamento de tudo que é feito em termos de cooperação internacional, dos acordos feitos pelo Governo do Estado da Paraíba e todos os entes com

diversas nações, olhando pelo viés da diplomacia”, explicou.

O sistema usa uma tecnologia de inteligência artificial, olhando para os dados abertos do Diário Oficial do Estado, onde são publicados os atos de governo, além de informações publicadas em sites

e redes sociais oficiais.

A Paraíba possui uma tradição de internacionalização acadêmica que remonta às décadas de 1970 e 1980, com destaque à atuação do professor Lynaldo Cavalcanti em diversas instâncias de instituições de ensino e pesquisa e agên-

cias de fomento, como presidente do CNPq em 1980. O estado foi sede para o intercâmbio de pesquisadores na área de tecnologia, dentre os quais canadenses e chineses.

Considerando esse histórico da trajetória científica paraibana, Claudio Furtado esclareceu que o Siscopi PBsF faz um levantamento sistematizado em uma série histórica das cooperações entre o Governo do Estado da Paraíba e instituições em outros países. “Com isso, temos um sistema de banco de dados que é estratificado para que a gente possa exercer política pública. Ou seja, muitas vezes o gestor deve entrar em contato com uma determinada instituição de um determinado país e poderá saber se no passado já houve um acordo com essa instituição e suas características”, pontuou.

O PBsF está entre as políticas públicas que se beneficiam do Siscopi. O programa amplia o intercâmbio científico e tecnológico, conectando estudantes, pesquisadores e empreendedores paraibanos a oportunidades internacionais.

Mais que uma plataforma estática, o Siscopi PBsF atua de maneira proativa e ainda

pode detectar articulações em nível federal que possam beneficiar a Paraíba.

A plataforma está em desenvolvimento e terá como público-alvo os órgãos administrativos do Estado e universidades, abrindo caminho para decisões mais rápidas e estratégicas. “O Siscopi acessa e disponibiliza informações de todos os acordos internacionais em todas as áreas, que o Governo do Estado da Paraíba firmou com qualquer ente internacional. Documentos nas áreas de educação, comércio exterior, turismo, ciência e tecnologia, entre outras. Tudo isso ficará disponível tanto para uso interno do Governo do Estado quanto para as instituições parceiras”, explicou Claudio Furtado.

■
A Paraíba possui uma tradição de internacionalização acadêmica que remonta às décadas de 1970 e 1980, com destaque à atuação do professor Lynaldo Cavalcanti



Fotos: Mateus de Medeiros/Secties

Plataforma está em desenvolvimento e terá como público-alvo os órgãos administrativos do estado e universidades, abrindo caminho para decisões mais rápidas



Secretário Claudio Furtado, durante explanação sobre o andamento do programa estadual Paraíba sem Fronteiras (Siscopi PBsF)

Esforço permite avanços e alcance geopolítico

De acordo com Claudio Furtado, o Siscopi PBsF foi uma encomenda da Secties ao Departamento de Relações Internacionais da UFPB. A demanda está integrada ao Laboratório de Diplomacia Digital, coordenado pelo professor doutor Henry Iure de Paiva Silva.

A operação do Siscopi PBsF no laboratório formata um ambiente de pesquisa, desenvolvimento e inovação interdisciplinar. Une demandas

da gestão pública à pesquisa em Relações Internacionais e Ciência da Computação. Essa combinação permite um avanço do alcance geopolítico com o conhecimento técnico, transformando dados em inteligência aplicada.

Os impactos da atuação do Siscopi PBsF são reconhecidos em níveis da cidadania global e cidadania digital. “A cidadania global prepara a população para compreender o papel da Paraíba no mundo,

enfrentando desafios e aproveitando oportunidades internacionais. Já a cidadania digital garante que essa inserção se dê com o apoio de tecnologias de ponta, capazes de dar mais eficiência e agilidade às políticas públicas”, explica Iure Paiva.

Na prática, o sistema servirá uma base de dados de cooperação internacional que poderá abrir novas oportunidades para que estudantes, pesquisadores, servido-

res públicos e empresários da Paraíba recebam informações sobre ações e parcerias internacionais que já aconteceram.

Ao reunir governo, universidade e sociedade em torno de um objetivo comum, o Siscopi PBsF reforça o posicionamento da Paraíba no cenário global. Se antes o estado era lembrado apenas por iniciativas pontuais de internacionalização, hoje passa a ser referência mundial em diplomacia digital.

Reconhecimento é dado como internacional

O pioneirismo paraibano já desperta interesse fora do Brasil. Durante o Fórum de Internacionalização Paraíba sem Fronteiras de 2025, realizado em João Pessoa, um professor britânico manifestou desejo de aplicar o sistema em sua universidade.

A expansão do projeto é prevista e está baseada no conceito de escalabilidade – a ideia de que o sistema

pode ser replicado e adaptado a diferentes contextos. O Siscopi PBsF projeta-se como uma plataforma global de diplomacia digital pioneira, criada na Paraíba, mas útil em qualquer parte do mundo. A escalabilidade também abre espaço para modelos de sustentabilidade econômica, como a prestação de serviços a outros estados e instituições.

ESTILO DE VIDA

Natureza promove saúde e equilíbrio emocional

Opções de lazer como passeios pelas praias, praças e parques espalhados pela cidade já são suficientes

Barbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

O contato com a natureza faz bem à saúde. Pelo menos é o que diz um estudo publicado na revista Ecopsychology, o qual aponta que passar pelo menos 10 min em locais como acampamentos — principalmente próximo a fontes de água como rios, lagos e oceanos — e praticar jardinagem, por exemplo, reduz o estresse e melhora o humor. Quem não tem os recursos para essas atividades, porém, pode ficar tranquilo. É possível obter benefícios semelhantes fazendo um passeio por praças e parques bem arborizados.

O servidor público Francisco Barbosa não abre mão de suas atividades ao ar livre e com muita natureza envolvida. Ele contou que para isso costuma fazer passeios e viagens, e que gosta de acampar durante as férias ou feriados prolongados. No dia a dia, ele incorpora a natureza na rotina ao pedalar na orla marítima, nos fins de semana, ou fazer uma trilha no Jardim Botânico Benjamin Maranhão, em João Pessoa.

“Para mim são atividades bem importantes, que funcionam como uma válvula de escape da rotina de trabalho e das obrigações da vida adulta e também me inspiram e me deixam mais calmo e contemplativo”, avaliou.

A dona de casa Maria José Sobral faz questão de seu contato diário com a natureza. Apaixonada por jardinagem, ela mantém em casa o que chama de *urban jungle* (do inglês floresta urbana), e também demonstra grande amor pelos animais. “Tem uma história que diz: ‘planta teu jardim que as borboletas vêm’. Não só as borboletas, mas também vem abelha, camaleão, sagui, maribondos. E eu cuido muito e respeito. Porque, ultimamente, as pessoas só pensam em matar. ‘Se tem um maribondo ali, vamos matar’. Não. Aquilo ali serve de polinizador”, explicou.

Para ela, cuidar das plantas funciona como uma terapia. “Eu tenho 61 anos e



Foto: Arquivo pessoal

Estar em contato com o mundo natural nos traz inúmeros benefícios para a saúde física e mental

Aretha Paiva

não tomo nenhum comprimido. Aliás, ninguém aqui em casa toma. Isso aqui traz felicidade, porque a partir do momento em que você está cultivando, você esquece de tudo. É tipo uma terapia mesmo. Eu falo que é uma ioga, porque você está ali, concentrado. A ioga não são só aqueles movimentos, é a concentração. Se você ficar ali concentrado, mexendo nas plantas, você não pensa em nada, sua cabeça zera. Então, isso só traz benefícios para a gente, de não se estressar, de estar de bem com a vida”, avaliou.

O que diz a psicologia

O contato com a natureza é uma necessidade humana essencial e não apenas uma forma de lazer. Nosso corpo, nossos ritmos biológicos, sentidos, mente e emoções foram moldados em relação com o ambiente natural, pois a espécie humana desenvolveu-se em interação direta com seus ciclos e elementos — como a luz solar, o vento, a chuva e os terrenos irregulares. Ou seja, o corpo humano evoluiu adaptando-se à natureza e não a ambientes artificiais ou sedentários. É o que diz a psicóloga Aretha Paiva. “Estar em contato com o mundo natural traz inúmeros

benefícios para a saúde física e mental. Fortalece o sistema imunológico, melhora o sono e a respiração, reduz o estresse e a ansiedade, regula a pressão arterial e aumenta a energia vital. Também favorece a coordenação motora, a concentração, a criatividade e a autorregulação emocional. Ao estar em ambientes naturais, o corpo desacelera, a mente se acalma e a pessoa reencontra o equilíbrio entre movimento e repouso, presença e escuta — promovendo bem-estar integral e sensação de pertencimento à vida”, afirmou.

Ela destacou que várias pesquisas científicas indicam que pequenos períodos diários (10 a 20 min) de conexão consciente com a natureza já são capazes de produzir efeitos significativos em termos de melhora do humor e redução de estresse. “E quando esse tempo consegue atingir cerca de duas horas ao longo da semana, os benefícios são ainda mais consistentes, em termos de qualidade de vida, equilíbrio emocional e sensação de bem-estar”, completou.

Aretha destacou que mesmo quem mora em apartamento pode usufruir desses benefícios. “O segredo é incluir o natural na rotina, de forma simples e constante. Abrir a janela para o sol entrar, cuidar de uma planta, caminhar ao ar livre, colocar os pés na terra, observar o céu ou ouvir o som da chuva — tudo isso já ajuda o corpo e a mente a desacelerarem. Também vale aproveitar os momentos de exercício físico em ambientes naturais, como caminhadas, corridas, alongamentos ou ioga ao ar livre. Além de melhorar a saúde, o contato com o sol, o vento e o verde amplia a sensação de vitalidade. Aproveitar momentos de lazer com família e amigos em parques ou praias são estratégias para tornar cotidiana a nossa relação com a natureza”, aconselhou.

Afastamento nocivo

Aretha Paiva lembrou que o afastamento da natureza traz impactos importantes para o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, especialmente na infância. “Quando as crianças passam muito tempo em ambientes fechados, com estímulos artificiais e pouca vivência corporal, perdem oportunidades fundamentais de experimentar o mundo real com o corpo e os sentidos. Isso pode gerar aumento da ansiedade, dificuldades para dormir, menor tolerância à espera e menor capacidade de autorregulação emocional”, explicou.

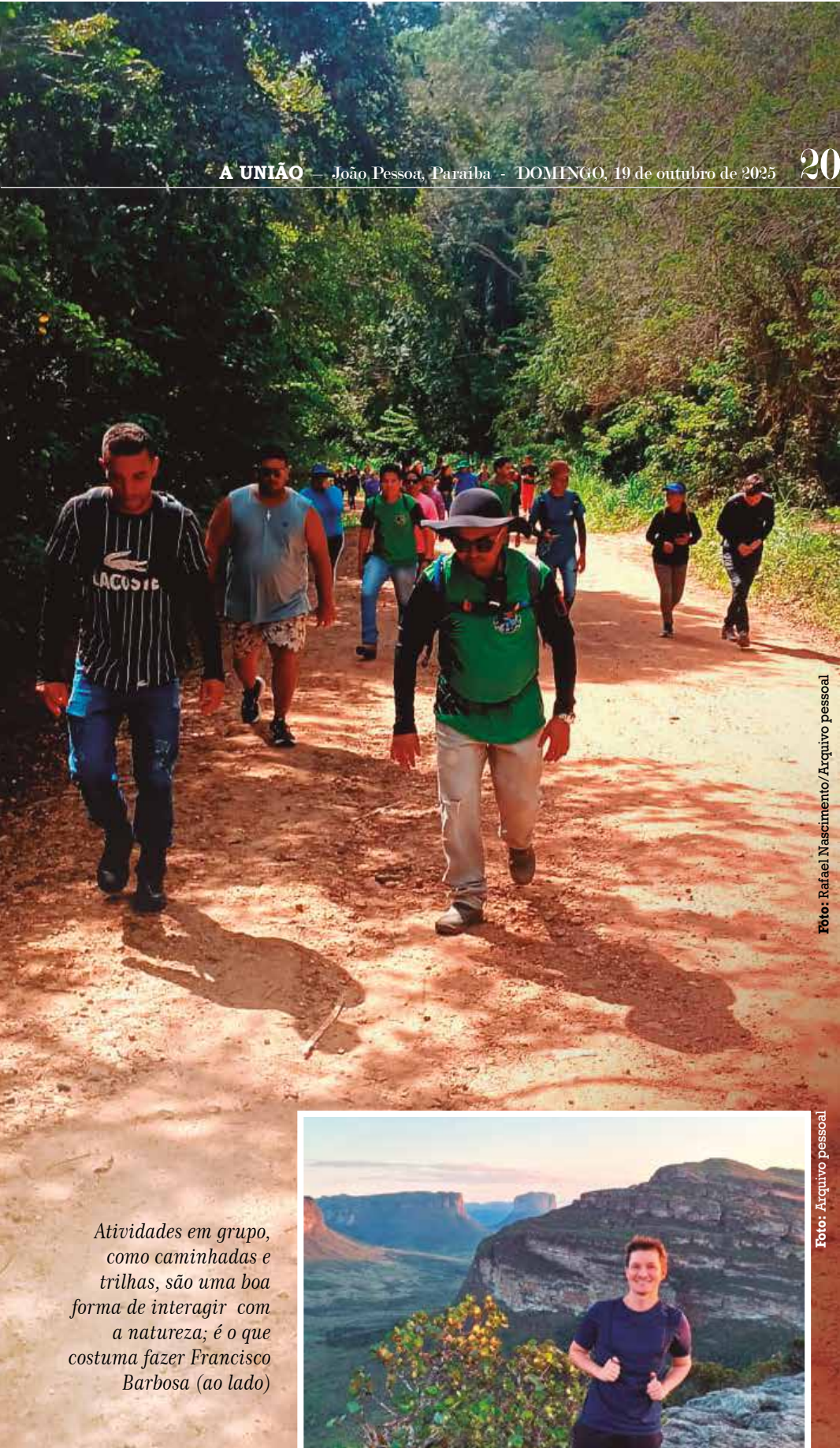


Foto: Rafael Nascimento/Arquivo pessoal

Atividades em grupo, como caminhadas e trilhas, são uma boa forma de interagir com a natureza; é o que costuma fazer Francisco Barbosa (ao lado)



Foto: Arquivo pessoal

Ela enfatizou que a natureza também é um espaço de aprendizagem. “Ao correr, subir, equilibrar-se e explorar, a criança desenvolve coordenação motora, autonomia, capacidade de avaliar riscos e confiança no próprio corpo. Essas experiências fortalecem também a autoconfiança e a percepção de competência”, explicou.

Além disso, ela contou que

Respeito ao meio ambiente gera conforto até dentro das cidades

O arquiteto e urbanista Ricardo Vidal explicou que a natureza é levada em consideração nos planejamento das cidades e mesmo de projetos menores, como condomínios, sendo parte essencial da própria arquitetura e do urbanismo. “Quando a gente respeita e integra o meio ambiente desde o começo, o resultado é sempre mais equilibrado, tanto no conforto térmico, quanto na drenagem e até no bem-estar das pessoas. E a vegetação funciona como um sistema natural de climatização. Ela reduz a temperatura, melhora a qualidade do ar e ajuda a manter a umidade também. Já as áreas verdes e o solo permeável evitam alagamentos e aliviam o sistema urbano. Cidade boa é aquela que tem sombra, praça, jardim acessível, não é aquela cheia de concreto e calor”, disse.

Opções

Algumas opções de lazer que envolvem a natureza são os passeios pelas praias, praças e parques espalhados pela cidade. Para quem mora em João Pessoa, a Bica costuma agradar particularmente as crianças. Ainda na capital paraibana, é possível fazer trilhas no Jardim Botânico,

de terça a sábado, às 9h e às 14h. É preciso apenas chegar ao local com antecedência, usando calça comprida e sapato fechado. Não é necessário agendamento, exceto para grandes grupos.

Há diversas alternativas também no interior do estado. Uma delas está no município de Cruz do Espírito Santo, onde são realizadas diversas trilhas. “O município



Foto: Arquivo pessoal

Quando a gente respeita e integra o meio ambiente desde o começo, o resultado é sempre mais equilibrado

Ricardo Vidal

possui ainda uma boa área da reserva da Mata Atlântica. Porém, essas áreas de matas ainda são propriedades privadas das usinas e engenhos. A usina São João, a usina Miriri, o Engenho São Paulo. E também tem uma área que é de preservação ambiental do assentamento Santa Helena III, que é entre Cruz Espírito Santo e Sapé. Então, aqui, ainda tem essa riqueza natural de águas cristalinas, fontes nascentes, águas potáveis, e esse restinho de Mata Atlântica, na área de preservação. É nesses locais em que a gente tem desenvolvido o trabalho de trilhas, que aos poucos veio crescendo e se tornando um movimento importante aqui no município”, revelou o guia Rafael do Nascimento.

Ele contou que já são mais de 17 trilhas catalogadas aqui no município de Cruz do Espírito Santo e também na parte vizinha, que faz divisa com o município de Sapé. Para agendar um passeio, basta entrar em contato pelo Instagram @jovens_eco_pb. Rafael explicou que no agendamento é possível definir se a pessoa prefere uma trilha fácil, moderada ou difícil, e também se ela quer ter acesso a um banho, refeições, visitar igrejas, etc.



Foto: Roberto Cendes

Para Maria José, cuidar das plantas ajuda a não adoecer

CÉZAR WELLINGTON

Técnico consolida-se no futebol paraibano

Além de bons trabalhos nas categorias de base, ele consegue a façanha de colocar o Confiança na 1ª Divisão

Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

Paraibano, natural de Santa Rita, Cézar Wellington colocou seu nome na história do Confiança de Sapé depois de incluir o clube na Primeira Divisão do Campeonato Paraibano após 26 anos. Além disso, como bônus, na atual temporada, o treinador chegou às finais das duas principais competições de base do estado (sub-17 e sub-20), com a equipe rubro-negra. O desempenho garantiu ao Papão a disputa da Copa São Paulo de Futebol Júnior do próximo ano, principal torneio de base do país.

O técnico, de 54 anos, começou sua trajetória no Santa Cruz de Santa Rita, em 2013, quando contribuiu para que o time profissional alcançasse o acesso para a Primeira Divisão. Depois esteve no São Paulo Crystal, levando o time sub-20 para a Copinha de 2018. Sua primeira passagem pelo Confiança ocorreu em 2019 e durou até 2021, ano em que foi campeão do Paraibano Sub-20. Depois passou por equipes de base de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Cézar retornou ao Confiança em 2022, quando disputou a Segunda Divisão, em que chegou às semifinais. Antes de retomar seu trabalho no Papão nesta temporada, treinou outras equipes do interior paraibano. Ao jornal **A União**, o técnico contou um pouco de sua história e dos percalços para vencer no mundo do futebol, durante os 15 anos de carreira.



Fotos: Reprodução/Instagram @cez_wellington71

César Wellington mostrando o esquema de jogo adotado em partida do Confiança

Entrevista

■ Como nasceu a sua relação com o futebol?

Eu sempre gostei de futebol, sempre amei. Mesmo quando novo, eu já tinha um time de futebol, organizava competições e campeonatos de várzea pelos bairros de Santa Rita. Em 2013, eu era vice-presidente do Santa Cruz e treinei a equipe por um tempo. Em seguida, fiquei como treinador das categorias de base, realizando bons torneios. A partir dali, segui para ser treinador de vez porque eu amava futebol. Isso sempre estive na minha veia. Graças a Deus, deu certo. Às vezes, muito descredito, mas sempre confiei no meu potencial, sempre me dediquei no que faço.

■ Você tem um longo trabalho com jovens atletas. Como é lidar com esses garotos no dia a dia?

São várias cabeças, educação diferentes, mas eu sempre procuro tratar os meninos como filhos. Então eu procuro tratar os meus jogadores da melhor forma possível. Digo para eles que não devem ter medo de mim. Eu quero que eles tenham respeito. Procuro passar isso para eles, para que eles possam ganhar minha confiança, para que possam se sentir bem e à vontade. A gente cria uma amizade boa com nossos atletas. Todo mundo, graças a Deus, que trabalha comigo, sai elogiando. Gostam do meu trabalho. Eu procuro tratá-los bem para que a gente possa ter os resultados. Como eu digo sempre, quem corre dentro de campo são os jogadores. Se os atletas estiverem insatisfeitos com os treinamentos, jamais o time vai render. Passo a questão do respeito: tem a hora de cobrar e tem a hora de elogiar. E tudo isso vem dando certo.

■ Como é trabalhar num ambiente em que a falta de recursos financeiros sempre pesa na hora de montar as equipes, tendo em vista também o fator social dos jovens

atletas, que muitas vezes vêm de uma situação socioeconômica desfavorecida?

Sempre tivemos muita dificuldade. Nos bons momentos, todo mundo quer ajudar, todo mundo é bom. O problema sempre será nas dificuldades. Hoje, graças a Deus, a gente tem a empresa Sol, junto com o presidente Wilson, que dá todo o apoio ao Confiança. Mas tivemos momentos ruins em 2019. Quando eu cheguei, a gente treinava com cinco bolas, não tinha preparador físico e nem preparador de goleiros. Era eu que fazia tudo. Eu procurei dar o meu melhor, e conseguimos o acesso à Copa São Paulo. Então, as condições foram melhorando. Hoje, a gente tem todas as condições. Alguns meninos do sub-17 recebem ajuda de custo. No sub-20, quase todos já rece-

bem sua ajudinha também. O Confiança hoje tem um profissionalismo, respeita a base, respeita seus profissionais.

■ Qual o diferencial para que o Confiança tenha chegado a três finais em 2025? Como explicar os resultados e o desempenho?

O que fez a gente chegar nessas finais foi a união, o comprometimento, a comissão técnica, a diretoria, o trabalho em equipe, o respeito, bem como os jogadores que entenderam o trabalho e assimilaram os objetivos estabelecidos. O nosso trabalho, o nosso dia a dia, era de um

ambiente bom, ambiente alegre. Eu sempre digo para os atletas que, se tiverem com algum problema, se não tiverem com a cabeça boa, não vão render dentro de campo e vão atrapalhar os demais. Então eu cobro que eles me chamem, chamem alguém da diretoria, que conversem conosco. Assim a gente vem conseguindo manter essa postura, manter esse diálogo com os jogadores, e vem dando resultado.

■ As dificuldades nem sempre aparecem para o torcedor. Pode falar de algo que marcou

o acesso à Primeira Divisão depois de 26 anos?

Muita gente não sabe, mas o Isaias, que foi o artilheiro do torneio, estava sem treinar e apenas se tratava de uma lesão no púbis. Isaias passava a semana toda se tratando para entrar no jogo e dar o seu melhor. A gente teve o Gaspar sentindo a parte posterior da coxa. O nosso goleiro João também não vinha 100%, mas sempre trabalhando, sempre se dedicando. Isso nos uniu. Era um pelo outro, um dando força, cada um pedindo para que os outros dessem seu melhor. A gente sabe das dificuldades, a gente sabe das nossas limitações. Tínhamos um grupo com 11 jogadores da base. Precisávamos de contratações, mas acreditamos nos garotos e nos mais velhos. Tudo isso con-

tribuiu para tirar o Confiança da Segunda Divisão.

■ Na sua trajetória de 15 anos como treinador, que tipo de situação pode contar algo que achou falta de respeito com você enquanto ser humano?

Algo recente, já neste ano, na apresentação do nosso time profissional aos torcedores, tinha um diretor de uma rádio apresentando todos os jogadores. Quando foi falar meu nome, ele gritou da arquibancada que o time era muito bom, mas que, com o treinador Cézar Wellington, o time cairia. Então aquilo ali me marcou. Falei para os jogadores que era uma questão de honra classificar para a Primeira Divisão. A minha pior passagem no clube foi um terceiro lugar, seja no profissional, seja na base. Eu fiquei muito sentido, fiquei muito magoado, triste, mas guardei aquilo. Peguei aquilo ali como trampolim para que eu pudesse trabalhar cada dia mais. Muitos desconfiaram no começo da minha carreira e me humilhavam, mas eu sempre trabalhei calado, sempre procurando me aperfeiçoar.

■ Em 2026, o Confiança terá que dividir as atenções entre a Copa São Paulo de Futebol Júnior e o Campeonato Paraibano, que deve ter pelo menos duas rodadas em paralelo ao torneio de base. Como conciliar essas situações?

Nos reunimos na semana que passou justamente para deliberar os planos de 2026. Foi difícil chegar na Primeira Divisão. Agora, temos que fazer um time para se manter. Se não fizer uma boa equipe, se não contratar, a gente só vai bater e voltar. Isso é ruim para a cidade de Sapé e para o Confiança. Quanto à Copa São Paulo, temos nossos auxiliares Edmundo, Ítalo Baiano e Messias. A gente vai começar a preparação do sub-20, que se apresenta no próximo mês. Haverá uma conversa para definir quem vai ficar no profissional.



O técnico iniciou a sua carreira no Santa Cruz, quando colocou o clube de Santa Rita na Primeira Divisão

TAÇA DAS FAVELAS

Paraíba chega à final de forma invicta

Técnico Jorge Cláudio destaca a superação das atletas na competição, ao conquistar quatro vitórias e um empate

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Pela primeira vez, a Paraíba chega à final da Taça das Favelas Brasil, que, neste ano, está na quarta edição. A vaga foi assegurada após o time feminino estadual golear o Maranhão por 7 a 0 na semi-final. Visando à preparação para o embate contra Minas Gerais, no dia 1º de novembro, no Estádio Pacaembu, em São Paulo, o grupo voltará aos treinos no dia 26.

A Paraíba, que integrou o Grupo C, encerrou a primeira fase na liderança da chave, somando duas vitórias e um empate. A equipe enfrentou Goiás (1 a 1), Pernambuco (3 a 0) e Rio Grande do Sul (3 a 0). Nas quartas de final, superou o Ceará, por 1 a 0. O técnico Jorge Cláudio, que comanda o conjunto estadual, destacou os desafios enfrentados na formação do elenco e ressaltou a união do grupo como fator decisivo para o desempenho na competição.

“A equipe conseguiu unir algumas jogadoras experientes e algumas novas. Até então, o elenco realmente foi reduzido, porque algumas meninas foram contratadas por equipes paraibanas e não puderam viajar.. A gente usou a experiência da comissão técnica, que tem muita gente com vivência no futebol feminino, aqui nas comunidades de João Pessoa, e conseguimos reunir jogadoras experientes, como a Tamara, a Eliane, a Alexia, a Rebeca, jogadoras que têm uma bagagem muito ampla no futebol feminino. E, com isso, conseguimos fechar o grupo, nos unir e colocar em primeiro lugar o nome do estado da Paraíba. O resto foi consequência das partidas, né? A gente foi menos-prezado pelos adversários. No ano passado, a equipe era mais nova, menos experiente, e eles achavam que a gente ia servir de chacota novamente agora”, diz ele.

Já projetando a final contra o forte time mineiro, o treinador paraibano falou sobre os ajustes que deverá



Fotos: Reprodução/Instagram @jorgecl1

Todo o elenco do time paraibano que vem brilhando na Taça das Favelas e aguarda com ansiedade o jogo final, em novembro, contra Minas Gerais

fazer junto ao elenco durante a curta preparação, as dificuldades com a estrutura e a confiança na equipe para buscar o título.

“Agora o gramado é diferente, é grama natural mesmo, ao contrário do campo sintético em que treinávamos. Vamos tentar mudar essa rotina das meninas para aprimorar o trabalho na grama, porque, na verdade, o estádio da Paraíba não é um estádio profissional, com gramado de alto nível. Estamos criando um campo com gramado aqui, justamente para que elas consigam se adaptar o mais rápido possível”, aponta.

“Nossa equipe adversária é extremamente profissional, com jogadoras renomadas, que já passaram por vários clubes do Brasil. Mesmo assim, a gente está pronto. As meninas estão preparadas, cientes do desafio que

vamos enfrentar, e vamos jogar com inteligência para trazer esse título para a Paraíba”, acrescenta, confiante, o técnico.

Representando não apenas a Paraíba, mas o sonho de todo o futebol feminino nordestino, o técnico Jorge Cláudio já considera a chegada à final como um marco histórico e digno de comemoração. Ele destacou o peso simbólico da conquista e reforçou o desejo de trazer o título para a sua terra e para toda a região.

“É um feito histórico. A Paraíba nunca chegou a uma final no Campeonato Nacional de Futebol Feminino. E, independente de ser a Taça das Favelas, Campeonato Brasileiro A, B ou C, a gente está aqui para fazer história. Queremos trazer esse título para a Paraíba e, claro, também para o Nordeste”, finaliza o professor.



O técnico Jorge Cláudio garante que as meninas vão dar o melhor em busca do título

ATLETISMO

João Pessoa volta a sediar Campeonato Brasileiro Interclubes

O Campeonato Brasileiro Interclubes Loterias Caixa de Atletismo Sub-16 2025 recebeu a inscrição de 921 atletas (438 feminino e 483 masculino), de 179 clubes de 23 Estados mais o Distrito Federal, uma participação expressiva de jovens atletas, na categoria que é a porta de entrada para as competições nacionais e, claro, para as futuras seleções brasileiras em competições internacionais.

O Brasileiro será realizado na pista de atletismo da Vila Olímpica Parahyba (Rua Desportista Aurélio Rocha, s/n - Bairro dos Estados), na cidade de João Pessoa, na Paraíba, de 24 a 26 de outubro - três dias de disputas, em oito etapas, com grande vibração. As provas do lançamento do martelo serão realizadas de pista de atletismo



Foto: Divulgação/CBC

A competição será na pista da Vila Olímpica Parahyba

mo da Universidade Federal da Paraíba (Rua José Dionísio da Silva, 47 - Castelo Branco).

A participação paraibana, em casa, será expressiva: foram inscritos 73 atletas, de oito equipes do Estado: Associação Paraibana de Basquetebol (3), Associação Correndo para o Futuro (28), Associação Campinense de Atletismo (4), Associação Paraibana de Atletismo (14), Equipe Contra o Relógio (7), Grêmio Vila Olímpica Parahyba (6), ONG Nova Baraúna (2) e Porto de Cristo EC (9).

Dentre os inscritos com o maior número de atletas estão mais três equipes do Nordeste - o Sport Clube do Recife, com 34 atletas, e a APA Petrolina, com 32, ambas de Pernambuco, e a Associação de Atletismo Russana, de Rus-

sas, Ceará (21 atletas). O Sesi e a AD Centro Olímpico, de São Paulo, inscreveram 22 atletas cada um.

O Ranking Brasileiro da categoria indica os favoritos em cada prova, embora o importante seja que os atletas participem das competições oficiais para formação. É uma faixa etária de início da especialização e o Brasileiro serve para avaliar o nível técnico dos atletas da categoria, aumentar a quantidade de participantes e o número de federações na competição.

Top 10 do Sub-16

É a segunda vez consecutiva que um Brasileiro Sub-16 vem para João Pessoa, na Paraíba. Em 2024, a competição recebeu 150 equipes. A AABB Atletismo Cascavel (PR) foi a

campeã brasileira sub-16. O Sesi-SP foi o vice-campeão e o Sport Club do Recife o terceiro colocado.

Os melhores atletas da competição foram Larissa Schon de Moraes, campeã dos 80 m com barreiras e dos 300 m com barreiras, com recorde brasileiro (43.25), e Vitor Hugo Alves Souza, campeão e recordista brasileiro do pentatlo (3.642 pontos), ambos atletas da AABB Atletismo Cascavel.

O Campeonato Brasileiro Interclubes Loterias Caixa de Atletismo Sub-16 2025 é uma realização da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAT), em parceria com o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer (Sejel), e a Federação Paraibana de Atletismo (FPBA).

COPA DE 2026

Antony ainda sonha com a Seleção

Jogador reencontra a felicidade no Real Betis e espera por nova oportunidade, agora com o técnico Carlo Ancelotti

Depois de mostrar seu brilho no São Paulo, no Ajax e na Seleção Brasileira, Antony teve uma passagem frustrante pelo Manchester United, mas reencontrou a felicidade no Real Betis, da Espanha, e voltou a sonhar com a Copa do Mundo da Fifa.

O nome dele é Antony, mas você também pode chamá-lo de “Antonio de Triana”. Triana é um bairro da cidade de Sevilha, na Espanha, com ligação com o clube Real Betis; e Antonio de Triana foi um dançarino nascido por lá em 1906 que se tornou patrimônio cultural da região. Portanto, é mais do que simbólico que um autêntico driblador como Antony tenha ganhado esse apelido. O drible é irmão da dança. Porém, o futebol-arte nem sempre trouxe felicidade a esse brasileiro.

“Cada Copa tem seu significado, mas disputar a de 2026 teria um peso enorme para mim

Antony

Desde o brilho no São Paulo e no Ajax até o turbilhão de expectativas no Manchester United, com a disputa da Copa de 2022 no caminho, o atacante viveu momentos belíssimos e outras fases em que a alegria parecia ter ficado para trás. Mas foi no Betis que ele reencontrou a paz, a confiança, o carinho do torcedor e a motivação para sonhar cada vez mais alto. A maturidade o alcançou.

“O ‘novo Antony’ é alguém que aprendeu com as dificuldades, que respeita o processo e que voltou a jogar com alegria”, disse o camisa 7 em entrevista exclusiva à Fifa.

“Hoje posso dizer que vivo o melhor momento da minha vida, no lugar em que eu escolhi estar com minha esposa e filhos. Uma cidade [Sevilha] que nos acolheu de forma incrível e me trouxe paz. Essa tranquilidade fora de campo refletiu diretamente no meu futebol: eu me sinto mais maduro, consciente das minhas responsabilidades e feliz com cada treino e jogo”, completou o atleta, que já é idolatrado pelas ruas da cidade.

Esse “novo Antony” (ou Antonio!) nasceu de um reencontro interior consigo mesmo. Depois de um período frustrante na Inglaterra, ele foi emprestado ao Betis, encantou-se e fez questão de voltar em definitivo, com contrato até 2030. Uma bonita história



Foto: Divulgação/Fifa

Antony vive um grande momento no Real e espera ser lembrado na próxima convocação

de identificação no futebol moderno.

“Eu sabia do meu potencial e do quanto lutei para chegar até aqui. Passei por momentos complicados, mas disputar uma Copa do Mundo [em 2022] já mostrava que meu trabalho tinha valor”, comentou. “Quando voltei ao Betis, não era apenas para provar algo ao mundo, mas para reencontrar a melhor versão de mim mesmo. E foi aqui que isso aconteceu: recuperei a confiança, o prazer de jogar e a conexão com o torcedor”.

Embora Sevilha fique a 8 mil quilômetros de Osasco, cidade em que Antony nasceu no Brasil, retornar ao Betis foi uma espécie de volta para casa. Na cidade espanhola, ele encontrou uma comunidade que o acolheu sem reservas e retribuiu mergulhando de corpo e alma na cultura local. O apelido carinhoso “Antonio” pegou, e até o “giro do Antony” — seu drible que já viralizou muito nas redes sociais — voltou a ser febre.

“Desde minha primeira passagem, senti uma conexão real e sincera com o clube e com a cidade”, contou. “Tudo foi muito transparente, e eu me permiti mergulhar na cultura, nos costumes e no dia a dia de Sevilha. Essa entrega fez

com que eu fosse recebido de braços abertos, e a confiança que recebi do Betis e da torcida foi essencial para recuperar meu futebol. Hoje sinto que essa ligação é parte da minha identidade”.

Por trás do processo de renascimento, houve noites de incerteza. A pressão de uma carreira de alto nível, os holofotes e as críticas pesam, mesmo para quem parece sempre fazer cara de bravo dentro de campo. Antony é um lembrete diário de que jogador nenhum é feito de ferro, e é preciso estar leve para voar.

“Foram fases muito difíceis, que me fizeram repensar muita coisa”, revelou. “Mas sempre tive Deus comigo, minha família e meus amigos me dando suporte. Nunca tive nada fácil na vida, mas sempre encontrei força nas pessoas que caminham comigo. Desistir nunca foi uma opção. A opção era lutar até reencontrar meu propósito”.

Outro pilar fundamental desse novo capítulo foi Manuel Pellegrini. O treinador chileno, conhecido por seu perfil sereno e seu compromisso com o futebol ofensivo, soube oferecer a Antony não apenas um espaço em campo com liberdade para atacar de forma criativa, mas também escuta e confiança.

“Muito importante”, resumiu Antony. “Desde o primeiro momento, ele me apoiou, me passou confiança e soube me ouvir. É um treinador com muita experiência e que sabe lidar com o ser humano por trás do jogador. As conversas diárias me ajudaram a reencontrar meu equilíbrio e acreditar novamente no meu potencial”.

Com a vida estabilizada, a confiança em alta e o carinho da torcida, Antony voltou a sonhar grande, inclusive com a Seleção e a Copa de 2026.

“A Copa do Mundo de 2026 é um sonho e um dos maiores objetivos da minha carreira. Sei que o caminho passa pelo meu desempenho no Betis e que preciso estar em altíssimo nível aqui para ter essa oportunidade novamente. Ser convocado recentemente já foi muito especial, mas sei que ainda posso mais. Quero trabalhar todos os dias para estar lá e ajudar o Brasil”, respondeu o atacante.

Por tudo o que ele passou, a Copa do Mundo do ano que vem teria um sabor ainda melhor do que a de 2022 — que já foi muito especial como a primeira disputada por ele.

“Cada Copa tem seu significado, mas disputar a de 2026 teria um peso enorme para mim”, destacou. “Em 2022 realizei o sonho de menino; a primeira vez é sempre única. Em 2026, seria a confirmação da minha força, da fé e da persistência diante de tudo o que vivi”.

Melhor ainda se essa história de renascimento terminar com lances históricos na Copa do Mundo. Imagine contribuir com

um gol na campanha do tão sonhado hexa do Brasil? “Seria o auge, sem dúvida”, disse, com naturalidade. “Todo jogador sonha com isso. Poder ajudar o Brasil a conquistar o hexa seria eterno, algo que ficaria marcado para sempre não só na minha vida, mas na história do futebol brasileiro. É um sonho que me move e me faz trabalhar mais a cada dia”.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Sentado dá para ir mais longe

O Brasil foi de um céu ao inferno sem sentido na sua excursão na Ásia para mais dois jogos de preparação, de olho na Copa do Mundo de 2026. Após treinos rápidos e escolhas nos jogos, Ancelotti viu do banco uma goleada por 5 a 0 sobre a Coreia do Sul, atuando em Seul, e uma derrota de virada, por 3 a 2, para o Japão, em Tóquio, que foi a primeira dos samurais azuis em cima da seleção canarinha na história do futebol sem contar jogos das categorias de base.

Apesar de a derrota ser histórica, ela não precisa ser superdimensionada. Assim como a goleada sobre a mais frágil, em relação ao Japão, Coreia do Sul. São momentos de testes, de passar por desafios em momentos do jogo e de análises diante de cada fato futebolístico dentro das quatro linhas. É tempo de tentativas, constatações e conclusões. Sem fatalismos. Ancelotti sabe disso. Talvez a imprensa brasileira que não sabe. Ou nunca aprende.

Mas hoje o papo não é sobre a imprensa. É sobre um jogador, que, assim como seu chefe italiano, viu o jogo da Coreia do banco de reservas e, diferente dele, assistiu a grande parte do duelo contra o Japão de dentro do gramado. Talvez para Fabrício Bruno tivesse sido melhor ter sido apenas espectador dos dois jogos, ali, sentado, do banco de suplentes. Explico.

A chance de o defensor do Cruzeiro ir para a Copa do Mundo do ano que vem, depois do que aconteceu na derrota para o Japão, agora seria maior se ele não tivesse ficado em pé em nenhum dos amistosos. Se ele passa as duas partidas sentado, no banco, não iria ter se queimado tanto como acabou acontecendo. E, penso eu, se afastado consideravelmente da Copa.

Como disse o jogador, e concordo, esses erros não o definem como atleta. Afinal, como diria o poeta, errar é coisa de humano, goleiro e zagueiro. De atacante também, claro, mas, quanto mais na frente você joga, mais acertos são lembrados e equívocos esquecidos. De todo modo, esses erros contra o Japão podem mesmo definir uma participação ou não em Mundial. Podem definir a conquista ou não de um sonho de infância, parafraseando Casimiro, que, assim como Ancelotti, foi bastante crítico aos erros individuais e à ausência de reação da equipe diante deles.

Acho mesmo difícil o Bolt dos zagueiros do futebol brasileiro seguir tendo chances grandes de integrar a convocação derradeira antes da Copa do Mundo diante do que ocorreu no campo contra os japoneses. E o que aconteceu no campo? Um gol, uma assistência e uma grande partida, disseram as imperdoáveis redes sociais. Foi meio que isso, mas às avessas. O zagueiro errou numa saída de bola apertada pelo ataque japonês, deu um passe errado e assistiu Minamino, que diminuiu para 2 a 1 o placar da partida, após um primeiro tempo de domínio brasileiro refletido num 2 a 0.

O erro, disse Carlo Ancelotti na entrevista coletiva após o jogo, foi crucial para o apagão consequente do Brasil. O Japão cresceu, a Seleção Brasileira sucumbiu e veio a virada para 3 a 2. No gol de empate, um chute cruzado de Nakamura, e mais um gesto técnico errado de Fabrício Bruno, que teve condição total de afastar o perigo, mas errou a bola e protagonizou um gol contra prático. Pela regra, já que a bola ia na direção do gol, e pela análise correta do árbitro, acabou não sendo esse o registro oficial. Mas foi o registro da realidade. Dois erros crassos, com direito a “gol contra”, na conta do zagueiro brasileiro, que viveu um inesquecível jogo para esquecer.

Atuação que não ganharia vida jamais do banco de reservas. E agora creio que novas chances não virão para o jogador. Em matéria de Seleção Brasileira, a concorrência sempre existe e não são poucas as opções de zagueiros para serem testados ou só para serem convocados em seu lugar. Alguns, sem nenhum jogo pela Seleção. E consequentemente sem nenhuma trágica atuação para ser lembrada. De um banco de reservas eterno de uma seleção, pode até nascerem frustrações, mas também dá para se ir longe e para uma Copa do Mundo. Dá até para ganhar uma e ser concebida uma eternidade.



Foto: Lucas Figueiredo/CBF

Antony diz que, em 2022, realizou o sonho de menino

BRASILEIRÃO

Flamengo e Palmeiras jogam hoje

Alviverde abrirá seis pontos em relação ao vice-líder em caso de vitória; disputa será no Maracanã

Da Redação

Flamengo e Palmeiras se enfrentam, hoje, às 16h, no Maracanã, no Rio de Janeiro, pela 29ª rodada do Campeonato Brasileiro Série A. A partida entre os dois primeiros colocados terá transmissão da TV Globo, da GE TV e do Premiere. Neste momento, o Alviverde (1º) soma 61 pontos e o Rubro-Negro (2º), 58. O time paulista permanecerá na liderança mesmo em caso de derrota, já que supera o rival nos critérios de desempate.

O Palmeiras chega para o confronto com um retrospecto de quatro vitórias seguidas no Brasileiro, tendo marcado 16 gols no recorte. O time de Abel Ferreira vive seu melhor momento na temporada, após superar a eliminação para o rival Corinthians na Copa do Brasil.

“Eu estou aqui há cinco anos e durante cinco anos aconteceu sempre a mesma coisa durante todo o período. Não conheço nenhuma equipe que consegue se manter bem durante toda a temporada, não é só aqui no Brasil. O que define o nosso caráter é aquilo que acreditamos. [...] Faz parte do futebol ganhar e perder, nessa roda ainda falta muito até o final, é lidar com o equilíbrio em todos os momentos”, destacou Abel em coletiva de imprensa.

“Estamos preparados para o próximo jogo, que é muito importante, e acho que o Palmeiras não ganha lá [Maracanã contra o Flamengo] há 10 ou 11 anos. É mais um desafio para gente, vem no momento que tem que vir, vamos entrar nesse jogo da melhor forma possível”, afirmou o português. A última vitória palmeirense sobre o rival carioca no Maracanã aconteceu em 2015, justamente pelo Brasileiro.

O confronto entre Flamengo e Palmeiras registra 12 encontros desde 2020, com cinco vitórias para cada equipe e dois empates. No Maracanã, o time do Rio de Janeiro venceu três dos quatro jogos mais recentes contra o rival, incluindo um 2 a 0 em 2024. Neste ano, no primeiro turno, o Rubro-Negro venceu o Alviverde por 2 a 0, no Allianz

■ Os últimos 12 jogos entre Flamengo e Palmeiras registram cinco vitórias para cada clube e mais dois empates

Foto: Adriano Fontes/Flamengo



Filipe Luís e Abel Ferreira, um duelo a mais, fora das quatro linhas, entre o experiente e multicampeão palmeirense e o promissor técnico rubro-negro

Foto: Cesar Greco/Palmeiras



Parque.

Filipe Luís parece saber o tamanho do desafio que terá nesta tarde. Após os 3 a 0 contra o Botafogo, o treinador comentou sobre o duelo de hoje: “Palmeiras é uma grande equipe, vive um grande momento, tem um dos elencos mais caros, ou o mais caro. Esse ano sem nenhuma dúvida com todas as contratações que fizeram é um dos elencos mais poderosos. Tem o melhor treinador, demonstrou isso com títulos e números, depois de todos esses anos”, afirmou.

“O campeonato não vai ser definido nesse jogo. Temos exemplos de anos anteriores, do próprio Botafogo, portanto, temos que encarar o jogo com o Palmeiras como ele pede, como uma final, mas como foi [com o Botafogo], outra final, e daqui para frente serão todas finais”, completou o técnico do Flamengo.

Outros jogos

Hoje, ainda terão mais quatro partidas da 29ª rodada. No Maião, no interior paulista, jogam Mirassol e São Paulo; no Beira-Rio, em Porto Alegre, o Internacional recebe o Sport; e no Castelhão, em Fortaleza, duelam Ceará e Botafogo. Esses três enfrentamentos são às 18h30, com transmissão exclusiva do Premiere. Às 20h30, na Arena Fonte Nova, em Salvador, o Bahia recebe o Grêmio (Premiere).

A rodada será encerrada amanhã com mais

três partidas: no Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul (RS), às 19h, tem Juventude e Bragantino (Premiere); no Maracanã, no Rio de Janeiro, às 19h30, jogam Vasco e Fluminense (Record, CazéTV e Premiere); e na Vila Belmiro, no litoral paulista, às 21h30, o Santos enfrenta o Vitória (Sportv e Premiere).

Série B

Cinco jogos movimentam a 33ª rodada do Campeonato Brasileiro Série B hoje: na Ressacada, em Florianópolis (SC), às 16h, tem Avaí e Criciúma (ESPN e Disney+); no Germano Krüger, em Ponta Grossa (PR), também às 16h, o Operário duela com o Volta Redonda (Disney+); no Couto Pereira, em Curitiba, às 18h30, Coritiba e Atlético-PR fazem o clássico paranaense (Disney+); no Santa Cruz, em Ribeirão Preto (SP), às 18h30, o Botafogo-SP enfrenta o Cuiabá (Disney+); e no Hailé Pinheiro (Serrinha), em Goiânia, às 20h30, o Goiás recebe a Chapecoense (RedeTV!, Desimpedidos, ESPN e Disney+).

Feminino Sub-17

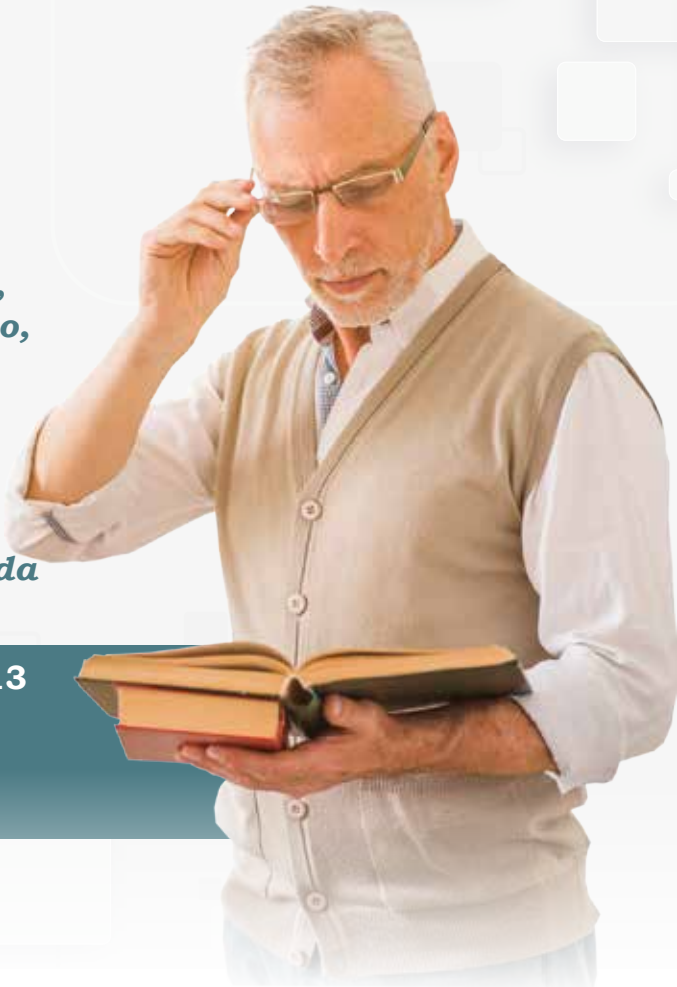
O segundo finalista do Campeonato Paraibano Feminino Sub-17 será conhecido hoje. Às 15h, o Mixto duela contra a Picuiense, na Vila Olímpica Parahyba. O mata-mata acontece em jogo único. Em caso de empate, o vencedor será conhecido nas penalidades máximas.

DIA DO PROFESSOR NA LIVRARIA A UNIÃO

PARA GRANDES MESTRES, GRANDES HISTÓRIAS!

No mês de outubro, na Livraria A União, professoras e professores das redes pública e privada terão 10% de desconto na compra de títulos da Editora A União.

Visite-nos no Box 13 do Espaço Cultural José Lins do Rego. João Pessoa - PB



(83) 99604-0011 @livrariaaunião



ANAYDE BEIRIZ

A única mulher “vitimada” pela tragédia de 1930

Na próxima quarta-feira (22), a morte da poeta e professora paraibana, que era uma “mulher do seu tempo”, completará 95 anos

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

“Onze de outubro de 1930. Duas horas da tarde. Os comprimidos de oxici-nureto de mercúrio se espalhavam sobre a cama. Pegou um entre os dedos e levou-o à boca. Mas não conseguiu engolir. A garganta parecia fechada. Precisou mastigar pedaços de banana. As pílulas desciam, quentes como brasa: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete... Impossível engolir mais. No frasco, restaram oito”. Assim a escritora pernambucana Ana Maria César, filha de paraibanos, recria o momento decisivo em que Anayde Beiriz (1905–1930) decide dar cabo à própria vida no livro *Três homens chamados João* (Cepe, 2020).

Uma parte dos detalhes que tornam o relato vivo foi recolhida no inquérito policial que investigou a morte da professora, poeta e escritora paraibana, envolvida nos acontecimentos desencadeados com o assassinato de João Pessoa pelo seu noivo, o advogado João

Dantas, na Confeitaria Glória, em Recife (PE). Ana Maria vai além da descrição, e como poeta e escritora, mergulha nos sentimentos da única mulher “vitimada” pela tragédia de 1930, como prefere a autora, para propor uma narrativa que pode ser sentida.

Anayde, que já era apontada nas ruas da capital paraibana como a “noiva do bandido”, decidiu seguir para Recife quando a casa de sua família foi sitiada pelos liberais. Desejava também ver seu amado. Ana Maria César reconstitui, em um dos capítulos de sua obra, a peregrinação da jovem de 25 anos pelas casas de parentes e conhecidos na capital pernambucana. A morte de João Dantas — no dia 6 de outubro — foi o último golpe. “Ela não suportou. A vida dela, na verdade, estava como um círculo fechado. Ela não tinha para onde ir. Ela não via o que fazer”, explica a autora.

Data daquele mesmo dia 11, a carta de despedida de Anayde para sua “mãezinha” e um bilhete para a irmã Zezita. No dia seguinte, a jovem teria sido levada ao Asilo Bom Pastor, onde foi recebida pela madre superiora com os primeiros sintomas. Somente depois confessou ter tomado veneno, fato que foi declarado também ao chefe de polícia. “Os motivos que a isso me impelem são de natureza íntima, só a mim dizem respeito, razão por que acho desnecessário declará-los aqui”, escreveu a própria Anayde. A agonia durou mais 11 dias. “Aos poucos, tudo ao redor foi-se apagando. Não havia mais desejos, nem sonhos, nem lembranças.

Eram 13 horas e 45 minutos de 22 de outubro de 1930”: assim, encerra-se o capítulo do livro.

Resgatar da memória

Para superar a visão que se tem de Anayde Beiriz, restrita à condição de namorada do assassino do então presidente João Pessoa, ou ainda como mulher revolucionária, de atitudes avançadas e à frente de seu tempo, a editora e produto-

ra cultural Valeska Asfora, a autora da mais recente biografia sobre a personagem histórica, *Anayde Beiriz — a última confidência* (Editora A União), defende um novo olhar sobre a trajetória e a vida dessa paraibana.

“Anayde Beiriz teve sua própria história. Ela foi professora, poeta e escritora, especialmente de contos. Participava de movimentos literários e publicava em jornais fora do estado. Esse é o perfil dela”, afirma. Nas pesquisas que realizou para o seu livro, o que mais chamou atenção foi o fato de que não ter encontrado nada que mostrasse que ela tinha relação direta com a disputa política na Paraíba e com a Revolução de 1930.

Formada com destaque na Escola Normal da Paraíba, em 1922, Anayde Beiriz lecionou em uma escola vinculada à Colônia de Pescadores, da então vila de Cabedelo, a Colônia Z2, na qual, certamente por ser uma pessoa letrada, também exercia a função de secretária. Durante o dia, alfabetizava as crianças e à noite, os adultos. Valeska Asfora lembra que na época as mulheres só ensinavam em escolas ligadas às igrejas ou ao governo e, geralmente, para classes de meninas.

Da Anayde escritora, Asfora afirma ter se surpreendido com o fato de, a partir de 1921, encontrar publicações da jovem em jornais e revistas do Rio de Janeiro (RJ), Belém (PA) e Recife (PE). Isso foi possível porque ela fazia parte do movimento literário “Os Novos”, que procurava conciliar alguns aspectos do modernismo e do regionalismo.

“Ela e a poeta Britas Mota, de Manaus (AM), eram as únicas mulheres no Brasil que faziam parte desse movimento. E esse é um aspecto muito importante, porque até hoje a literatura ainda é um campo difícil e só mais recentemente uma quantidade maior de mulheres vem publicando em revistas e livros. Na década de 1920, ela já conseguia transpor essa barreira”, destaca Asfora. Ela afirma não ter encontrado nenhum artigo político de autoria de Anayde nos jornais da época, ainda que suspeite que a poeta tinha alguma posição política, sobretudo pela afinidade que mantinha com João Dantas.

Para a biógrafa, Anayde foi esquecida enquanto contista e mulher das letras e passou a ser identificada como aquela que se comportava de forma provocante, usando saia curta, batom vermelho e cabelo no estilo à *la garçonne*.

Esses estereótipos estimularam, naquele período, o preconceito da socieda-

de local e depois foram reforçados pela forma como a professora foi retratada, sobretudo no filme *Parahyba Mulher Macho* (1983), de Tizuka Yamasaki.

“Ela simboliza tudo o que nós, mulheres, passamos. A sociedade tentou se apropriar do corpo dela, e isso acontece até hoje com a sua memória. Eu escuto perguntas muito estranhas, de coisas muito pessoais da vida dela, e que eu costumo dizer que não são fatores relevantes, que são questões, que não interessam à história”, argumenta.

Dentre as narrativas que acredita que precisam ser superadas estão a de um suposto triângulo amoroso dela com João Dantas e João Pessoa, ou ainda de que o assassinato deste último teria sido motivado pela divulgação de correspondências íntimas dos noivos. Valeska Asfora afirma que as duas especulações não possuem fundamento. Ela acredita que assassinato de João Pessoa foi o crime de um homem sertanejo que, no contexto de disputa política da época, procurava defender a sua propriedade e a honra de sua família.

“O que foi publicado foi a correspondência de João Dantas com os clientes dele, nas quais falava sobre a situação do Sertão. Uma notinha dizia ter sido encontrado um material de conteúdo imoral, que não poderia ser publicado no jornal, mas que estava na delegacia à disposição de quem quisesse ver. Não fazia referência a Anayde”, conta a pesquisadora. As indicações dadas por José Joffily, outro biógrafo de Anayde, acerca desse material são de que se trataria de um caderno com poemas dos amantes, mas que foi incinerado.

Valeska Asfora também recusa a imagem de uma Anayde feminista e não concorda com quem diz que ela foi uma mulher à frente do seu tempo: “Na minha leitura, ela era uma mulher de seu tempo, que estava conquistando, por esforço próprio, os poucos espaços que se abriam. Ela era a sua própria bandeira. Eu acho que a Paraíba era que estava um pouco atrás no tempo”. É por isso que a escritora vibra com pequenas iniciativas que procuram resgatar sua memória, sejam pesquisas, peças de teatro ou homenagens em nomes de logradouros e prédios públicos, e contam um pouco mais de sua trajetória, para além dos episódios que a enredaram de maneira abrupta, fazendo tombar uma árvore em crescimento que poderia ter dado muitos outros frutos.

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA

■ Se você está passando por sofrimento psíquico ou conhece alguém nesta situação, entre em contato com o Centro de Valorização da Vida (CVV), serviço gratuito de apoio emocional, que disponibiliza atendimento 24 horas por dia. O contato pode ser feito por e-mail, pelo chat no site (cvv.org.br) ou pelo telefone 188.

Ostentando a sua própria bandeira, Anayde estava conquistando, por esforço próprio, os poucos espaços que se abriam; não foi encontrado nada que mostrasse que ela tinha uma relação direta com a disputa política na Paraíba e com a Revolução de 1930

Paraibano era “nitroglicerina” no jornalismo

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Polêmicas e denúncias, defesa do interesse público e estratégias para aproximar a linguagem jornalística mais formal das populações menos favorecidas. Esses são alguns dos elementos que marcaram a trajetória do paraibano Jurandy Nóbrega, jornalista político que se consolidou na carreira na capital federal e nas terras potiguaras, onde se radicou e exerceu a profissão por mais de três décadas.

Natural de Patos, no Sertão paraibano, Jurandy Nóbrega já apresentava o gosto pela escrita e oratória (foi presidente do Centro Estudantil da cidade) ainda na adolescência, e valeu-se dessas habilidades para se aproximar da Rádio Espinharas, recém-adquirida pelo médico e empresário Drault Ernany de Mello e Silva. Na emissora, trabalhou como contínuo e controlista (operador de som). Como estava na idade de namorar e uma das atividades era também varrer a calçada do prédio, costumava chegar cedo para fazer esse serviço, de modo que as garotas não o vissem naquele trabalho.

Disposição, no entanto, era o que não lhe faltava. O sonho do menino era ganhar dinheiro para ajudar o pai e conquistar alguma independência, sobretudo para comprar sua brilhantina, o perfume preferido, *Promessa*, e um móvel para guardar as roupas, que ainda eram acomodadas em uma mala. Na emissora, ganhava a confiança e passou a fazer a radioescuta: ouvia as notícias das outras estações e escrevia o texto dos boletins, que eram transmitidos ao lon-

go da programação, até ser promovido a repórter policial.

Com a aquisição da Rádio Espinharas pela Diocese de Patos, Jurandy assumiu o Departamento de Jornalismo. Seguindo a nova política editorial da emissora, que era filiada ao Movimento de Educação de Bases e voltava-se para a conscientização tanto religiosa como cidadã, o jornalista procurou dar destaque aos noticiários locais, mantendo três programas diários nessa linha.

O talento logo despertou a atenção de seu ex-diretor, que o chamou para trabalhar nos Diários Associados, como repórter da Rádio Borborema e do Diário da Borborema, ambos sediados em Campina Grande. Já aventurando-se no jornalismo político, defendeu o presidencialismo no plebiscito realizado durante o governo João Goulart, propagando o *slogan*: “Parlamentarismo dá muita confusão, vamos fazer um ‘X’ ao lado da palavra ‘não’”.

Os acontecimentos do Planalto Central começavam a despertar o interesse do paraibano, que, após o casamento, em 1968, rumou para Brasília (DF). “Ele foi com a cara e com a coragem, como muitos nordestinos que, naquela época, casavam-se. Resolveu se arriscar em Brasília e, profissionalmente falando, se deu muito bem. Trabalhou no Correio Braziliense e na Rádio Planalto”, relata Ebenezzer da Nóbrega, o Bené, filho mais velho, que também enveredou pelo radialismo.

Bené relembra as vezes que, ainda criança, acompanhava o pai no trabalho de cobertura política no Congresso Nacional. Recorda também a sala grande da redação dos veículos e como se

envolia no metiê da profissão quando o pai lhe pedia para pegar os textos que chegavam com as informações de todo o mundo pelas máquinas de Telex, sistema internacional de comunicações escritas da época. Como cobria o Ministério do Interior, Jurandy viajava frequentemente ao Nordeste.

“Apesar de ser um cara muito, muito polêmico, que movia céus e infernos e fazia das tripas coração quando estava investigando uma pauta, ele tinha como parâmetro de vida transitar bem nos dois lados da política. Ele sempre teve um bom relacionamento com todo mundo, até mesmo na ditadura, que era muito mais forte e ninguém podia botar o pescocinho de fora. Era impressionante como ele conseguia informações até privilegiadas. Ele jogava uma casquinha de banana ali, uma casquinha de banana acolá, e as pessoas sempre terminavam falando o que ele queria”, relata o filho.

Veia polêmica e bordões

As inimizades surgiram mesmo no Rio Grande do Norte, para onde Jurandy Nóbrega migrou no início da década de 1980. De volta ao quadro dos Diários Associados, atuou no Diário de Natal e na Rádio Poti, onde podia extravasar a sua veia polêmica e denunciar situações do meio político. Quando ficava bravo, manifestava a sua indignação batendo na mesa, tanto que colegas e conhecidos sempre lhe perguntavam se a mão ainda estava inteira.

Outra característica marcante do jornalista no meio radiofônico eram seus bordões. Na leitura das manchetes dos jornais, as críticas às matérias

de política eram seguidas da expressão: “Como dizia meu pai, papé [sic] aguenta tudo”, referindo-se à facilidade com que algumas informações duvidosas eram apresentadas como verdades quando colocadas em formato de notícia. Ao fim do programa, quando comentava algum acontecimento fazendo prognósticos, afirmando ter informações e fontes privilegiadas, finalizava garantindo: “Eu estou dizendo que isso vai acontecer, e quem for vivo, verá”, explorando tanto o duplo de “vivo”.

O jeito expressivo fez com que o profissional arranjasse “um bocadinho de gente que não gostava dele”, como afirmar o filho. Bené lembra que, ainda criança, atendia telefonemas com ameaças de morte direcionadas ao pai, que o tranquilizava em seu choro. Talvez por isso, sempre terminava o programa na Rádio Tropical com a “Oração do Anjo da Guarda”. As estratégias para combater as ameaças, no entanto, eram de enfrentamento. Jurandy denunciava as ligações recebidas, tornando-as conhecidas do público e desafiando seus autores a seguirem-no, fornecendo, inclusive, os horários e os percursos por onde passaria.

As ameaças confirmaram-se uma única vez, quando o jornalista foi sequestrado por 20 horas. “Pegaram ele em frente à nossa casa, quando estava saindo para trabalhar, mas ninguém da família viu. A gente só notou à noite, quando ele não retornou. Ligamos para a rádio, mas ninguém sabia nada, ninguém tinha visto ele o dia todo. Somente no outro dia, ele apareceu contando como tinha sido levado. Ele suspeitava do autor do rapto, pois ele ia

fazer a cobertura de um evento que certo grupo político não queria que ele divulgasse”, conta Bené.

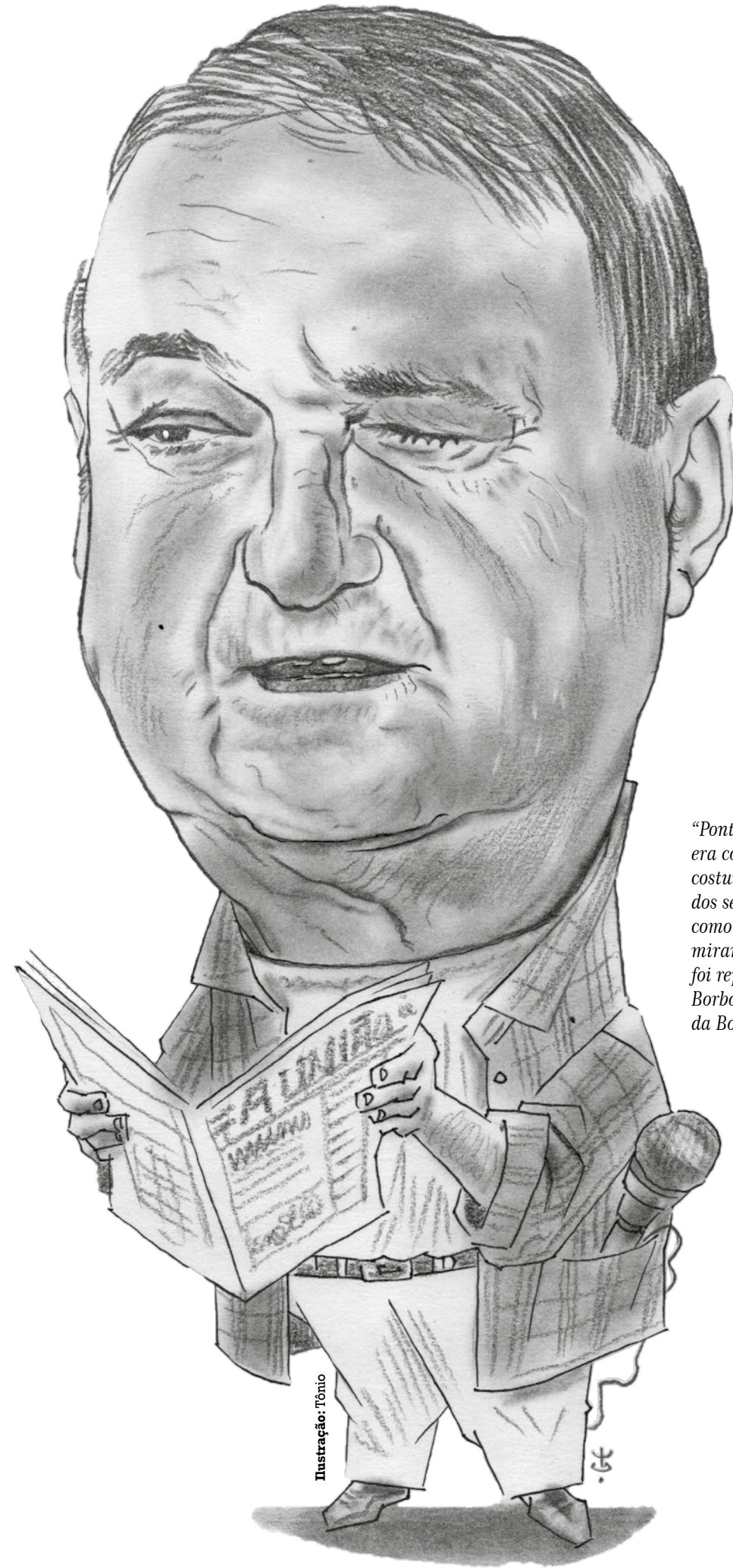
Ná imprensa, Jurandy cobria o cenário político tanto da capital norte-rio-grandense como em Mossoró (RN), onde chegou a trabalhar por alguns meses na Gazeta do Oeste. Foi repórter ainda no Jornal de Natal, no Correio da Tarde, no vespertino Jornal de Hoje e no semanário Dois Pontos. Denunciou também escândalos políticos, como o caso de nepotismo que ficou conhecido como “Trem da Alegria”, que pretendia nomear como servidores efetivos, parentes do então presidente da Assembleia Legislativa do Estado e outras 180 pessoas que possuíam cargos de confiança, inclusive o próprio Jurandy, todos sem concurso público. “Quem achava que arrumava um cargo de confiança para meu pai trabalhar, em algum lugar, faria ele ficar calado, se enganava. Ele descobriu que ia ser um dos ‘beneficiados’, mas foi contra porque não achava certo. Então pegou todos os detalhes e, no outro dia, era manchete da primeira página. Com isso ele arrumou uma série de inimigos”, explica o filho.

O jornalista também virou manchete: “Jurandy nitroglicerina Nóbrega”. A reportagem de duas páginas do Novo Jornal, conta um pouco da trajetória do paraibano, assim como uma de suas últimas polêmicas na atividade: o pedido de demissão da Rádio Cidade FM, onde trabalhou por 13 anos, quando se viu censurado. Apesar de procurar respeitar a lista de pessoas que podiam ou não ser entrevistadas no seu programa, como um bom jogador que não deve contrariar seu técnico, não suportou quando foi impedido de fazer uma entrevista com a vereadora

ra presidente da CPI que apurava contratos de aluguel da Prefeitura de Natal, um dos quais envolvia o proprietário da emissora.

“Ele conversou com uma pessoa e, no dia seguinte, ia conversar com o outro lado, que é assim que se faz. O dono da rádio simplesmente disse: ‘Não’. Então meu pai disse que, se fosse para não levar as duas versões dos fatos, ele não aceitava. E pediu demissão. Ele tinha orgulho daquele programa, mas mesmo assim não aceitou continuar daquele jeito”, afirma o filho. O jornalista paraibano defendia que jornais e emissoras de rádios e televisão não deveriam estar vinculados a grupos políticos, visando ter mais independência editorial.

Se, diante do público, Jurandy Nóbrega era nitroglicerina, na convivência familiar, era esposo amoroso e pai atencioso. No círculo de amizade, um companheiro de conversas. “Pontaria”, como era conhecido por alguns pelo costume que possuía de manter um dos olhos fechado como se estivesse mirando um alvo — “O que vi, ouvi e não escrevi” —, mas as ideias não ganharam o papel. A diabetes também já o limitava em algumas atividades. Jurandy Nóbrega faleceu em 7 de janeiro de 2016, em Natal, com 71 anos, deixando esposa e quatro filhos. No ano anterior, ele havia sido homenageado pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, no Dia do Jornalista.



“Pontaria” — como era conhecido, pelo costume de manter um dos seus olhos fechado, como se estivesse mirando um alvo — foi repórter da Rádio Borborema e do Diário da Borborema

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Como a população da América Latina se informa?

Sete em cada 10 pessoas na América Latina usam diferentes meios de comunicação para se informar. É o que mostra a pesquisa *Vetores e Implicações da Desordem Informacional na América Latina*, realizada de forma conjunta pela Associação InternetLab de Pesquisa em Direito e Tecnologia (InternetLab) e a Rede Conhecimento Social. O estudo é uma contribuição ao projeto *Resisting Information Disorder in the Global South: Identifying drivers, developing responses, evaluating strategies*, e a etapa latino-americana foi coordenada pelo InternetLab.

O estudo coletou amostras no Brasil, México, Cone Sul (Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai), América do Sul — Andes/Amazônia (Peru, Colômbia, Venezuela, Equador e Bolívia) e na América Central (República Dominicana, Costa Rica, Guatemala, Honduras, Nicarágua, El Salvador, Panamá e Porto Rico), considerando etapas quantitativas e qualitativas.

Dentre os principais achados, temos que o consumo nos países da América Latina é multimídia e inclui acesso a sites, plataformas, TV ou rádio, após verem a informação inicialmente em um desses meios. As redes sociais e aplicativos de mensagens se destacam como principais fontes primárias de informação; porém, algo diferente ocorre no Cone Sul, onde há maior uso da TV ou rádio como fonte primária de informação.

Mais: as plataformas da Meta são as mais utilizadas na América Latina, com destaque para o WhatsApp. Em seguida, aparecem as plataformas do Google. O YouTube tem maior uso no Brasil e nos países do Cone Sul, enquanto na América Central o destaque fica para o TikTok. Quando o



Números da pesquisa “Vetores e Implicações da Desordem Informacional na América Latina”, realizada pela InternetLab com a Rede Conhecimento Social

assunto é consumo de notícias, também há diferenças: no Brasil, as plataformas mais usadas são o Google e o Instagram. Já na América Andina/Amazônica, América Central e no México prevalece a utilização do Facebook; na América Central, destaca-se também o uso do TikTok para esse fim.

Algo diverso ocorre quando se trata de compartilhamento (e não consumo) de informação. O Facebook é a principal plataforma de compartilhamento de notícias na América Latina, exceto no Brasil, onde o índice é metade do observado em agrupamentos como México, América Central e Andes/Amazônia. No Brasil, o uso do WhatsApp e do Instagram para compartilhar notícias é mais relevante. Já na América Central e na América Andina/

Amazônia, o TikTok tem uso mais proeminente para o compartilhamento de notícias.

Sobre desinformação, o estudo identificou algo impactante: há uma desconfiança generalizada em relação às informações que circulam em todas as mídias. Mais da metade dos entrevistados percebe que a maioria ou a totalidade das notícias que circulam, sobre diversos temas, são falsas. Tal percepção é reduzida apenas quando a informação envolve a vida de pessoas comuns ou conhecidas, devido à sua maior proximidade. Nesse tópico, o tema das eleições se destaca no Brasil, apresentando a maior percepção de que tudo ou quase tudo que circula é desinformação.

A desconfiança dos entrevistados não se limita à veracidade ou falsidade, mas é ge-

rada pela percepção de que existem formas distintas de distorção na maneira como a informação circula. Com relação à política, há uma percepção crescente de que tanto a grande mídia quanto as redes sociais se valem da chamada cortina de fumaça.

Curiosamente, existe uma valorização da própria percepção sobre os temas segurança pública, política e saúde pública. Cerca de um a cada 10 entrevistados afirma ser confiável para falar sobre esses temas. Essa proporção é significativamente superior no Brasil, atingindo aproximadamente 1,5 em cada 10 pessoas que se veem como fonte confiável. Aqui mais gente se acha especialista e confia na própria percepção. Seremos bússolas a apontar para o próprio umbigo?

Tocando em Frente

Do caipira ao sertanejo de raiz — II

Na chamada indústria fonográfica, o advento à moda de viola começou com o pioneirismo de Cornélio Pires (Tietê, SP, 1884–São Paulo, 1958) e de outros violeiros originários do interior paulista, todos com temas voltados para a simplicidade por eles vivida: resgate musical e falar do caipira brasileiro, sempre buscando a valorização de uma identidade linguística do interior do país. Exemplo disso é o fato de o celebrado “homem de letras” Mário de Andrade (São Paulo, 1893–1945) haver composto a música “Viola Quebrada” (1926, com harmonização de Heitor Villa-Lobos, Rio, 1887–1959), gravação original que nos chegou na interpretação de Ignez Magdalena Aranha de Lima, a conhecida Inezita Barroso (São Paulo, 1925–2015), que, desde a infância, havia se tomado amiga deste, na Barra Funda paulista dos anos 1930.

Cornélio Pires deixou a tranquilidade da vida interiorana no início da juventude (14, 15 anos), partindo para a “cidade grande”, fazendo-se biscoiteiro, aprendiz de tipógrafo, enveredando pelo jornalismo (como “foca”) e tornando-se poeta, contista e folclorista, chegando, inclusive, a criar sua própria companhia de teatro. Ainda hoje, é considerado pelos afeitos à música caipira como um dos “patriarcas” desta.

A diversidade de criadores e cultores do estilo pode ser resumida nos dizeres do próprio Cornélio: “Há caipiras de várias línguas e cores: o caipira preto (ex-escravo que aderiu ao modo de viver da terra), o caipira branco (mestiço originário do estrangeiro branco), o caboclo (descendente de índios catequizados) e o mulato (descendente de preto com branco e com caboclo)”.

Uma síntese de temas e cenários do estilo pode ser detectada nos versos dele,



Rara coletânea do violeiro, jornalista, poeta, contista e folclorista paulistano Cornélio Pires (1884–1958), lançada na década de 1990



na criação “Ideal de Caboclo” (1910): “Um rancho na beira d’água / vara de anzol, poca mágua / pinga boa e bão café... / Fumo forte de sobejo / e pra cometrá meu desejo / cavalo bão... e muié”. Outro exemplo é o “Boiada Cuiaibana”, gravação de Cornélio Pires para uma criação de Raul Torres: “Vou contar a minha vida / do tempo qu’eu era moço / de uma viagem que eu fiz / lá pro Sertão de Mato Grosso / Fui buscá minha boiada / Isso foi no mês de agosto”. Enfim, eram viagens de tropeiros e o dia a dia de violeiros viajantes.

A moda de viola trazia a poesia, o lirismo, as atividades do homem do campo, um pouco de sua compreensão e a perpetuação do som do instrumento, com um dueto de vozes paralelas...

Mesmo sem envolvimento religioso (religião católica) especificamente, Cornélio Pires é que deu início a uma espécie de laicização da música caipira, quando a fez inserir no estilo das chamadas “folia de reis”.

Fato relevante: ele foi o organizador das primeiras duplas caipiras, já na “era industrial” da música. No disco, “bancou”, com coragem e dinheiro, as primeiras gravações (discos de 78 rpm) caipiras, obtendo resultados que o fizeram ameadar riqueza considerável, numa época em que tais gravações chegavam a alcançar vendas de até centenas de cópias, fato inédito para então. Isso fez com que ele passasse também a importar e vender vitrolas, oferecendo como brinde uma ou duas cópias de cada um 78 rpm seu...

O predomínio do estilo caipira estendeu-se até quase tempos recentes do universo do disco, com boa execução no rádio (Alvarenga & Ranchinho), no cinema (Mazzaropi) e na TV (Inezita, Boldrin, Almir Sater & Renato Teixeira).

Já em 1942, em entrevista concedida ao jornalista Galeão Coutinho (apud Rosa Nepomuceno, in *Música Caipira — Da Roça ao Rodeio*), Cornélio reclamava que a música caipira já não era a mesma: “Andei por aquelas terras (interior paulista, mineiro e fluminense) e não encontrei senão vestígios do nosso homem do mato. Quando releio o que escrevi, em 1910, sobre ele e confronto com a realidade de hoje, fico triste. O automóvel, o telefone, o rádio invadiram terras e sítios. Acho que são os meios rápidos de comunicação que tiraram o encanto da roça”. E nós acrescentaríamos a atual internet, os celulares, os smartphones, os streamings... O que diria Cornélio Pires, se hoje vivesse? Fácil: estranharia a transformação do sertanejo de raiz no tal sertanejo universitário, funks e outras “pérolas” da atual juventude...

Parte do acervo musical de Cornélio Pena, cerca de 53 discos (78 rpm), foi passada para a Columbia e dividida em cinco seqüências: humorística, folclórica, sertaneja, regional e patriótica.

Enfim, é indiscutível e inestimável a importância de Cornélio Pena para a música caipira, sertaneja de raiz. Ele foi, além de um conhecedor da vida e da cultura de uma população mais simples, um especialista como contador de causos e piadas, em cujas criações deixa transparecer a expressão mais pura e autêntica dos seus conterrâneos e contemporâneos.

CULTURA DIGITAL

Geração Z troca emojis por símbolos caóticos

Jovens transformam o hábito de enviar “figurinhas” numa linguagem interna

Alice Abate
Agência Estado

Sabe o que significa o emoji da flor murcha? Ou o do teleférico? Ou o da cadeira? A geração Z (nascidos entre 1997 e 2012) está mudando o significado desses emojis nas redes sociais. No TikTok, jovens trocam ícones conhecidos por símbolos aleatórios, transformando o hábito de enviar emojis em uma linguagem interna, que mistura ironia, humor e confusão, de acordo com o site *Emojipedia*.

Para quem vive nas redes, acompanhar essas mudanças virou quase um teste de pertencimento. Entender o significado dos emojis da moda pode ser o que separa quem está “por dentro” de quem ficou para trás.

No TikTok, as trocas surgem como parte de movimentos rápidos, em que um emoji é declarado “velho demais” e outro, geralmente aleatório, assume seu lugar. O resultado são piadas internas que se espalham, geram memes e até dividem gerações.

Veja os principais emojis que viraram “substitutos oficiais” nessa onda de trocas.

Flor murcha

A tendência começou com o emoji flor murcha, que passou a substituir o coração partido. Jovens começaram a usar o símbolo da flor caída para representar tristeza de um jeito menos “dramático” e mais irônico.

O movimento surgiu em fevereiro deste ano, quando vídeos no TikTok ironizavam a ideia de que o coração parti-



Foto: Leonardo Ariel

No TikTok, símbolos viram piadas internas e códigos de identidade

do já estava “batido demais”. A flor murcha, então, virou o novo símbolo da decepção, triste, mas com humor e distanciamento emocional.

O flor murcha popularizou-se em comunidades conhecidas por explorar piadas internas e exageros irônicos. Ali, ele virou uma forma de expressar “tristeza estilizada”: algo melancólico, mas sem se levar tão a sério.

Parte da graça era justamente a confusão. Muitos usuários do Reddit e do TikTok não entendiam o novo significado, e isso reforçava o sentimento de grupo entre quem “pegava” a piada.

Com o tempo, outros emojis passaram a surgir como variações, como bateria fraca e o folha caindo. Ambos mantêm a ideia de algo “sem energia” ou “murchando”, mas de forma ainda mais sutil e absurda, quanto menos sentido, melhor.

Cadeira

Antes da flor murcha, um dos memes mais usa-

dos era o da cadeira. Criado em 2021, por um usuário do TikTok, o emoji passou a ser usado como substituto do rosto chorando de rir.

A ideia era absurda: trocar o símbolo de riso por algo completamente fora de contexto. Não significa “rir até cair da cadeira”, mas sim usar o emoji da cadeira para indicar gargalhada, uma piada interna que funcionou justamente por não fazer sentido.

Nos dias seguintes, a cadeira começou a apare-

cer em massa nos comentários de vídeos, confundindo quem não conhecia a tendência.

Teleférico

Anos depois da cadeira, outro emoji voltou a ocupar o lugar do rosto chorando de rir: o teleférico. O símbolo ganhou fama, neste ano, depois que o *youtuber* John Casterline incentivou o uso do emoji como substituto do rosto rindo.

Casterline afirmou que o teleférico era o emoji “menos usado do mundo” e que seria divertido torná-lo viral. Logo, o emoji de teleférico começou a aparecer nos comentários de vídeos no TikTok e postagens em outras redes. O humor, mais uma vez, estava no absurdo: rir com um emoji que nada tem a ver com risadas.

A piada também resgatou um velho vídeo do influenciador BrentTV, que havia previsto, em 2021, que o teleférico poderia substituir o rosto chorando de rir no futuro, o que aumentou ainda mais o interesse pela tendência.

Charada

Resposta da semana anterior: Documento (2) = ata + rígida (2) = dura. **Solução:** tira mecânica (4) = atadura.

Charada de hoje: A parte maior (1) molda (2) a vestimenta da morte. (Colaboração: Dr. Sebastião Costa.)



Ilustração: Bruno Chiossi

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Foto: Sony Pictures/Divulgação

Eita!!!!

Depois da caça

Com Julia Roberts e Andrew Garfield (foto acima), o novo filme de Luca Guadagnino (*Rivais*, *Queer e Me Chame Pelo Seu Nome*), *Depois da Caçada*, acaba de estrear nos cinemas paraibanos. Na trama, uma professora universitária (Roberts) encontra-se em uma encruzilhada pessoal e profissional quando uma aluna prodígio (Ayo Edebiri, da série *O Urso*) faz uma acusação de abuso sexual contra um de seus colegas (Garfield), ameaçando expor um segredo sombrio de seu próprio passado. Por conta disso, selecionamos alguns longas-metragens que tragam reflexões sobre o tema.

Graças a Deus

Lançado em 2019, o filme francês, dirigido por François Ozon, retrata a revelação de um segredo guardado há muito tempo: já adulto, o protagonista escreve uma carta à Igreja Católica revelando que quando era criança, foi abusado sexualmente por um padre – que ainda atua junto às crianças. Depois que ele publica a carta, muitas outras denúncias de abuso sexual vêm à tona.

Confiar

Lançado em 2010, a produção dirigida por David Schwimmer (sim, o David de *Friends*) traz a história de uma menina (Liana Liberato) que vive a fase da adolescência cheia de curiosidades e desejo de ser aceita. Quando ela ganha um computador de seus pais (Clive Owen e Catherine Keener), inicia um relacionamento com um rapaz da sua idade, que conheceu em um *chat*. Sem que seus pais saibam, a relação avança, até que a garota aceita o convite para um encontro. A partir daí, a surpresa que ela tem no primeiro momento é só o começo de um pesadelo que marcará para sempre a sua vida e a de sua família.

O Conto

O filme de 2018 protagonizado pela atriz Laura Dern (*Veludo Azul*, *Coração Selvagem*) apresenta a história real da própria diretora, a cineasta norte-americana Jennifer Fox, cuja vida é abalada quando sua mãe descobre uma situação que ocorreu em seu passado. Aos 13 anos, ela descreveu, em um trabalho para a escola, o relacionamento que tinha com dois treinadores adultos de um acampamento. Ao ler a história, Fox é obrigada a revisitar um passado traumático e reconciliar suas lembranças com o que de fato aconteceu com ela.

Sonhos Roubados

A exploração sexual de adolescentes moradoras de uma comunidade carente do Rio de Janeiro é o tema central desse filme brasileiro, lançado em 2010. A trama acompanha o cotidiano de três garotas da comunidade que acabam sendo vítimas da exploração sexual como maneira de complementar o orçamento doméstico e/ou alcançar seus sonhos de consumo. A direção é de Sandra Werneck (*Pequeno Dicionário Amoroso*).

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 – balão de látex (“ati”/“ui”/“ai”); 2 – catxinhãs; 3 – quadros; 4 – cabelo de médico; 5 – cruz; 6 – chapéu; 7 – óculos; 8 – gavela; e 9 – costela.